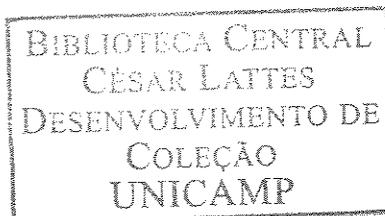


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ALCYANE MARINHO

**AS DIFERENTES INTERFACES DA
AVENTURA NA NATUREZA:
reflexões sobre a sociabilidade na vida
contemporânea**

Campinas (SP)
2006



ALCYANE MARINHO

**AS DIFERENTES INTERFACES DA
AVENTURA NA NATUREZA:
reflexões sobre a sociabilidade na vida
contemporânea**

Tese de doutorado apresentada à Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Doutor em Educação Física.

Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns
Orientadora

Campinas (SP)
2006

BIBLIOTECA CENTRAL
CÉSAR LATTES
DESENVOLVIMENTO DE
COLEÇÃO
UNICAMP

ALCYANE MARINHO

**AS DIFERENTES INTERFACES DA
AVENTURA NA NATUREZA:
reflexões sobre a sociabilidade na vida
contemporânea**

Este exemplar corresponde à redação final da Tese de Doutorado defendida por Alcyane Marinho e aprovada pela Comissão julgadora em: 10/11/2006.



Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns
Orientadora

Campinas (SP)
2006

UNIDADE BC
Nº CHAMADA #UNICATIP
M338d
V _____ EX _____
TOMBO BCI 71510
PROC. 16.P00.45.07
C _____ D _____
PREÇO 11,00
DATA 27/02/07
BIB-ID 401430

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

Marinho, Alcyane.

M338d As diferentes interfaces da aventura na natureza: reflexões sobre a sociabilidade na vida contemporânea / Alcyane Marinho. - Campinas, SP: [s.n], 2006.

Orientadora: Heloisa Turini Bruhns.
Tese (doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Aventura e aventureiros. 2. Natureza. 3. Lazer. 4. Sociabilidade. 5. Nômades. 6. Ficção. I. Bruhns, Heloisa Turini. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: Different interfaces of adventure in nature: reflections on sociability in contemporary life

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Adventure; Nature; Leisure; Sociability; Nomadism; Fiction.

Área de Concentração: Estudos do Lazer.

Titulação: Doutorado em Educação Física

Banca Examinadora: Gisele Maria Schwartz. Marcelo Weishaupt Proni. Heloisa Helena B. dos Reis. Jorge Sergio Perez Gallardo. Heloisa Turini Bruhns.

Data da defesa: 10/11/2006.

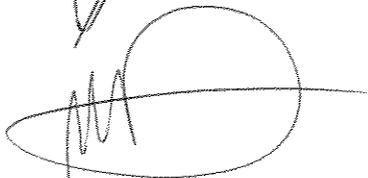
COMISSÃO JULGADORA



Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns
Orientadora



Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz



Prof. Dr. Marcelo Weishaupt Proni



Profa. Dra. Heloisa Helena B. dos Reis



Prof. Dr. Jorge Sérgio Perez Gallardo

Dedico estes escritos
a meus pais, irmãos e marido,
pessoas que, incondicionalmente,
estiveram ao meu lado.

Agradecimentos

No meu entender, esta é uma das partes mais difíceis de um trabalho. Listar todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, neste processo pode, muitas vezes, conduzir a um certo esquecimento. Por isso, optei por uma “lista generalista”.

De qualquer forma, ainda assim, preciso mencionar, pontualmente, o nome de algumas pessoas, pois, sem elas, este trabalho não teria sido concretizado.

Particularmente, externalizo a minha gratidão a Profa. Dra. Heloisa Turini Bruhns, quem, desde 1998, ensinou-me a ter um olhar crítico e dialético. Mesmo diante de minhas limitações de assimilação, reconheço que nenhuma outra pessoa transmitiria tal ensinamento com tanta propriedade quanto ela. Serei sempre grata por suas incansáveis lições de criticismo, seriedade e compromisso!

Meu sincero agradecimento a Profa. Dra. Gisele Maria Schwartz, por tornar tantas situações complexas muito mais leves e serenas que, necessariamente, seriam. Minha iniciação aos estudos do lazer, em 1992, foi regada por sua sensibilidade e carinho contagiantes!

Agradeço ao Prof. Dr. Marcelo Weishaupt Proni pela amizade e confiança, as quais nunca foram apagadas pela distância, nem pelo tempo!

Agradeço, ainda, a Profa. Dra. Heloisa Helena B. dos Reis e ao Prof. Dr. Jorge Sérgio Perez Gallardo por, prontamente, aceitarem o convite para participação na banca. Suas presenças foram fundamentais!

Por fim, sou grata a todos os membros da minha família; aos amigos de Rio Claro (SP); aos sujeitos/atores investigados; aos parceiros da FEF/Unicamp e aos mais novos amigos de Florianópolis (SC).

Que esta certeza do compromisso, da confiança e da amizade possa sempre existir nas relações humanas!

Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que não se pode fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos,
sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.
(...)

Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
Num só momento difuso,
profuso,
completo e longínquo.
(...)

Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei,
não fiz senão extravasar-me,
Despi-me,
entreguei-me,
E há, em cada canto da minha alma,
um altar a um deus diferente.

“Passagem das horas”, Álvaro de Campos
(PESSOA, 1944)

MARINHO, Alcyane. **As diferentes interfaces da aventura na natureza: reflexões sobre a sociabilidade na vida contemporânea**. 2006. 154f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2006.

RESUMO

O lazer está sendo entendido como um interessante ponto de partida para aguçar a compreensão das mais variadas relações que se estabelecem entre os seres humanos, desde que não seja considerado de forma isolada, mas em profunda conexão com outras esferas da vida humana. O surgimento de novas tecnologias, criadoras de novas possibilidades no lazer, conduzem-nos a um repensar sobre os significados de proximidade, distância, individualidade, sociabilidade, mobilidade, errância, realidade, ficção, meio ambiente e aventura. Nesta perspectiva, o objetivo deste estudo é investigar a idéia de aventura inserida nas atividades realizadas na natureza, refletindo por que este é um termo tão utilizado na contemporaneidade. Esta pesquisa refere-se a uma investigação na área de estudos do lazer, a qual privilegia o enfoque da “razão sensível”, enfatizando uma sinergia entre a razão e o sensível, no sentido de potencializar o afeto e o emocional a se tornarem ferramentas metodológicas servindo à reflexão epistemológica e auxiliando na compreensão dos múltiplos fenômenos sociais. Portanto, este estudo constitui-se em uma pesquisa qualitativa, cuja abordagem trabalha com um universo de motivos, aspirações, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo dos processos, relações e fenômenos, os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. As fundamentações conceituais sobre a temática abordada foram buscadas, principalmente, junto à Sociologia, Educação Física e Antropologia, áreas estas as quais, conjuntamente, contribuem e sustentam as discussões estabelecidas. Este estudo foi desenvolvido concomitantemente por meio de duas pesquisas complementares: bibliográfica e de campo. Por meio da pesquisa de campo, baseada em dois instrumentos (entrevista semi-estruturada e observação participante) foram investigados: os motivos que fazem as pessoas se deslocarem para ir ao encontro das atividades de aventura na natureza; bem como, seus gostos, comportamentos, valores, etc; as formas de envolvimento dos praticantes com tais práticas e

como se dá a interação entre os grupos de praticantes; como se estabelecem as relações das atividades de aventura na natureza com o cotidiano urbano, no trabalho, na família, etc. Todas estas investigações estão atreladas ao interesse principal: como os praticantes percebem a aventura e a natureza. O fio condutor deste trabalho é o levantamento de elementos que, possivelmente, estão presentes nas atividades investigadas para que sejam consideradas aventura pelos praticantes. Procuo estabelecer um diálogo entre a concepção de aventura, construída a partir das atividades na natureza, com a concepção de aventura presente no cotidiano urbano dos sujeitos envolvidos, tomando em consideração seus relatos e suas interpretações. Há dois pressupostos: o primeiro é o de que as pessoas podem se engajar em tais práticas com o intuito de viverem novas experimentações e emoções, as quais podem ter relações significativas em sua vida como um todo. O segundo é o de que, nas atividades de aventura na natureza, as pessoas parecem desejar correr riscos, imaginários e lúdicos, distintos dos riscos enfrentados na vida cotidiana, a qual, muitas vezes, mostra-se vazia de sentidos e de emoções enriquecedoras. A aventura estaria ligada a uma idéia de busca pelo desconhecido, desejo de exploração, retorno ao nomadismo e a uma possibilidade de ficção.

Palavras-chave: aventura; natureza; lazer; sociabilidade; nomadismo e ficção.

MARINHO, Alcyane. **Different interfaces of adventure in nature: reflections on sociability in contemporary life**. 2006. 154f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas (SP), 2006.

ABSTRACT

Leisure has been understood as an interesting starting point to enhance comprehension of most varied relationships among human beings, provided that it is not considered in an isolated way, but in deep relation with other sectors of human life. New technologies create new possibilities of leisure, and lead us to rethink about the meanings of proximity, distance, individuality, sociability, mobility, errantry, reality, fiction, environment and adventure. In this perspective, the purpose of this essay is to investigate the idea of adventure found in activities performed in nature, and to reflect why this is a term so used in contemporary life. This research refers to an investigation in the area of leisure studies, which privileges the focus on the “sensitive reason”, emphasizing a synergy between reason and sensitiveness, in the sense of making affection and emotion to be used as methodological tools for epistemological reflection and helping in the understanding of the multiple social phenomena. Therefore, this essay is constituted by a qualitative research, which approaches an universe of reasons, aspirations, values, faiths and attitudes, corresponding to a deeper space of processes, relations and phenomena, which cannot be reduced to the operation of variables. The conceptual basis of the theme was found mainly in Sociology, Physical Education and Anthropology; those areas jointly contribute and support the discussions. This study was developed concurrently through two complementary researches: bibliographical and field research. Through the field research, which was based in two instruments (semi-structured interview and participant observation), the following was investigated: the reasons why people go to adventure activities in the nature; people’s tastes, behaviors, values, etc; the forms of involvement of participants with such practices and how the interaction among the groups of participants occurs; how adventure activities in nature relates to the urban life, to work, family, etc. All those investigations relate to the main interest: how participants realize adventure and nature. The mainstream of this essay is to research elements that possibly are present in the investigated activities so that they are

considered adventure by the participants. I try to establish a dialogue between the conception of adventure, built from the activities in nature, and the conception of adventure present in urban life of the persons involved, taking in consideration their reports and their interpretations. There are two assumptions: the first one is it that people can be engaged in such practices intending to live new experimentations and emotions, which can have significant relations in their lives as a whole. The second one is that people seem to desire running imaginary and playful risks, distinct of the ones faced in daily life, which, many times, reveals being empty of senses and enriched emotions. The adventure would be related to an idea of search for the unknown, desire of exploration, nomadism and a possibility of fiction.

Key words: adventure; nature; leisure; sociability; nomadism; fiction.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: VISUALIZANDO PONTES.....	12
2 TRILHA METODOLÓGICA.....	17
2.1 A pesquisa de campo.....	24
3 NOTAS SOBRE O AMBIENTALISMO.....	38
4 AVENTURA E NATUREZA.....	44
5 AVENTURA, RISCO, DESCONHECIDO E EXPLORAÇÃO.....	60
5.1 Formas de estar junto.....	74
6 AVENTURA E NOMADISMO.....	82
6.1 Sobre caminhadas, escaladas, turistas, viajantes e estrangeiros.....	88
6.2 Portas, pontes e táticas.....	96
6.3 Comendo com a natureza.....	109
6.4 A força do lugar.....	112
7 AVENTURA E FICÇÃO.....	118
7.1 Notas sobre o mal.....	135
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: ABRINDO NOVAS PORTAS.....	140
REFERÊNCIAS.....	148

1 Introdução: visualizando pontes¹

A profundidade se escondia na superfície das coisas (SIMMEL, 2000b).

Numa época em que o desenvolvimento tecnológico e as condições de vida (trabalho, moradia, etc.), no meio urbano, parecem afastar as pessoas, cada vez mais, do convívio com a natureza, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento econômico segue destruindo o meio ambiente em escala planetária, é sintomático que um número crescente de pessoas procure passar momentos agradáveis e/ou emocionantes junto à natureza. Embora a idéia de aventurar-se em expedições não seja nova, há motivações, significados e conseqüências claramente peculiares à época em que vivemos, especialmente quando pensamos em atividades de aventura na natureza.

O lazer, neste sentido, parece ser um interessante ponto de partida para aguçar a compreensão das mais variadas relações que se estabelecem, a cada dia, entre os seres humanos, desde que não seja considerado de forma isolada, mas em profunda relação com outras esferas da vida humana: política, econômica, religiosa, etc.

O surgimento de novas tecnologias, criadoras de novas possibilidades de vivências no lazer, conduzem-nos a um repensar sobre os significados de proximidade, distância, individualidade, sociabilidade, mobilidade, errância, realidade, ficção, meio ambiente e aventura.

Acreditando que “as sensibilidades de uma época se inserem na cultura dessa época” (GEERTZ, 2001, p.31), a intenção deste estudo é refletir sobre as atividades de aventura na natureza como possibilidades férteis para o entendimento das relações que se estabelecem, na nossa contemporaneidade, entre os seres humanos e a natureza, a partir de envolvimento mais descompromissados e efêmeros, porém, verdadeiros e intensos.

Inúmeros fatores indicam o crescimento expressivo da visitação em áreas naturais no Brasil e no mundo e, de acordo com uma pesquisa realizada pelo Ministério do Meio Ambiente, as atividades de aventura na natureza se enquadram entre os segmentos mais

¹ Neste título, fiz um jogo de palavras reportando-me à “metáfora da porta e da ponte” (SIMMEL, 200b), a qual será aprofundada ao longo das discussões.

promissores do mercado de turismo, com um crescimento mundial estimado entre 10% e 30% ao ano (BRASIL, 2006).

Outras iniciativas também são emblemáticas e contribuem para situar o fenômeno. São elas: crescente produção científica, maior visibilidade e reconhecimento em eventos científicos em várias áreas do conhecimento, nos âmbitos regional, nacional e internacional; oferecimento de disciplinas optativas e obrigatórias, cursos de extensão, graduação e pós-graduação principalmente (mas não só) nas áreas de Educação Física e Turismo, em diversas faculdades e universidades do Brasil; desenvolvimento de inúmeros trabalhos com diferentes populações: idosos (DIAS; SCHWARTZ, 2004; BARBOSA; MARCELLINO, 2005); crianças (MOREIRA, 2005; INÁCIO et al., 2005); portadores de necessidades especiais (CARVALHO, 2005; MUNSTER, 2004); dependentes de drogas (GIMENO et al., 2000); entre outras iniciativas.

Nesta perspectiva, o objetivo específico deste estudo é investigar a idéia de aventura inserida nas atividades realizadas na natureza, refletindo por que é um termo tão utilizado na contemporaneidade.

Portanto, o fio condutor deste estudo é o levantamento de elementos que, possivelmente, estão presentes nas atividades investigadas para que sejam consideradas aventura pelos praticantes. Indo mais além, procuro estabelecer um diálogo entre a concepção de aventura, construída a partir das atividades na natureza, com a concepção de aventura presente no cotidiano urbano dos investigados envolvidos, tomando em consideração seus relatos e suas interpretações.

De antemão, ressalto que esta pesquisa limita-se a levantar possibilidades de reflexão sobre um fenômeno em emergência, carente de discussões e intervenções e cuja literatura se mostra, ainda, incipiente. Portanto, muitas vezes, neste texto, são trazidas mais perguntas que respostas; mais reflexões que conclusões. Ou seja, tenho a intenção de levantar pistas para pensar, analisar e, até mesmo, supor possibilidades relacionadas às atividades de aventura na natureza.

Como as pessoas, praticantes de atividades de aventura na natureza, percebem tais vivências e de que forma transportam comportamentos, valores, percepções e sensações para seu cotidiano urbano? Este é o questionamento central que problematiza, movimenta e dinamiza esta pesquisa, o qual é retomado e complexificado ao longo dos capítulos. Há dois pressupostos: o primeiro é o de que as pessoas podem se engajar em tais práticas com o intuito de viverem

novas experimentações e emoções, as quais podem ter relações significativas em sua vida como um todo. O segundo é o de que, nas atividades de aventura na natureza, as pessoas parecem desejar correr riscos, imaginários e lúdicos, distintos dos riscos enfrentados na vida cotidiana, a qual, muitas vezes, mostra-se vazia de sentidos e de emoções enriquecedoras. A aventura estaria ligada a uma idéia de busca pelo desconhecido, desejo de exploração, retorno ao nomadismo e a uma possibilidade de ficção, ressignificando modelos e contribuindo para mudanças de comportamento.

Para entender como tem se dado a atual busca pela aventura na natureza, inicio o capítulo “Notas sobre o ambientalismo” tomando, brevemente, algumas considerações sobre o movimento ambientalista, na tentativa de contextualizar a ocorrência de uma importante ressignificação do conceito de natureza, o qual, por sua vez, induziu a novas atitudes e desejos humanos.

A proposta do capítulo “Aventura e natureza” é entender o estabelecimento da relação entre as atividades de aventura e a natureza, o que requer, inicialmente, a visualização de tal relação em profunda ligação com os contextos sociocultural e político, nos quais o ambientalismo está inserido. A fundamentação teórica se dá a partir da referência de Bart Vanreusel (1995).

No capítulo “Aventura, risco, desconhecido e exploração”, procuro ampliar as possibilidades de compreensão do termo aventura, de acordo com a visão dos praticantes, apresentando suas diferentes interfaces com os elementos: risco, desconhecido e exploração. Importantes estudiosos do tema, principalmente das áreas de Educação Física e Sociologia, subsidiam este debate.

Tento demonstrar, no capítulo “Aventura e nomadismo”, que as novas percepções de aventura relacionada à natureza passam a existir, na contemporaneidade, atreladas igualmente às concepções de nomadismo e errância, as quais, por sua vez, mantêm vínculos estreitos com o espaço urbano. As idéias e os estudos do sociólogo francês Michel Maffesoli (2005, 2004a, 2004b, 2001, 1998a, 1998b, 1996, 1995) norteiam e conduzem as discussões aqui empreendidas.

A hipótese deste autor, focalizada em seus livros, e aqui compartilhada, é a de que vivenciamos, nos dias de hoje, um retorno de três arcaísmos fundamentais: sendo o primeiro a valorização do prazer, diante da contestação do trabalho, como valor central; o segundo

atrelado às “tribos”² e, o terceiro, o nomadismo. Procuo explorar estas discussões inter-relacionando-as à idéia da aventura.

Pensar a aventura na interface do nomadismo (e suas ressonâncias) nos proporciona novas idéias e nos encoraja na busca da compreensão das relações sociais que se estabelecem no mundo contemporâneo. Uma vez empreendida a discussão do nomadismo, as entrevistas iniciais realizadas na pesquisa de campo, conduziram o estudo à emergência de uma nova categoria, ficção, rica neste processo de compreensão da busca pelo contato com a natureza e as relações daí advindas.

Portanto, para auxiliar no processo de entendimento da aventura nos espaços naturais e suas repercussões nos espaços urbanos, a questão da ficção está sendo abordada no sentido de deslocamento do espaço e do tempo, implicando na perda de algumas determinações essenciais (fixação, regularidade), podendo conduzir os praticantes de atividades de aventura a uma “saída da realidade” para a “entrada” em um “mundo de ficção”. Esta “entrada em um mundo de ficção” pode permitir a descoberta de espaços e tempos desconhecidos e essenciais, nos quais o “real” (o vivido) pode se tornar ainda mais “real”, pois se enriquece de novas emoções e sensações. Nas atividades realizadas na natureza, o “real” parece ser intensificado e percebido mais profundamente e alguns atributos da ficção são importantes para esta possibilidade. As discussões sobre aventura e ficção são abordadas, desta forma, no capítulo “Aventura e ficção”.

Para delinear a compreensão das diferentes realidades sociais, utilizo idéias de Berger e Luckmann (2003), autores que procuram desvendar a construção social da realidade. Especificamente com relação aos argumentos que me permitem aproximar a aventura à ficção, reporto-me, entre outros estudiosos do tema, principalmente a Umberto Eco (1994) para desvelar algumas facetas da ficção.

Complementar, aliviar, recompensar, ir além ou re-encantar o estar no mundo foram metas das sociedades ocidentais modernas e, nos dias atuais, elas ainda prevalecem, em diferentes níveis e a partir de novas configurações. Os vários tipos de fanatismos religiosos; as ressurgências étnicas; a manifestação de novas “tribos” (MAFFESOLI, 1995); as efervescências

² A palavra “tribos” é definida por Maffesoli (1998b) como agrupamentos semi-estruturados, constituídos, predominantemente, por pessoas que se aproximam conforme uma identificação comum a rituais e componentes da cultura, os quais expressam valores e estilos de vida, música, moda e lazer típicos de um espaço-tempo. Não pode ser negligenciado o caráter dinâmico das tribos e em constante transformação, atribuindo-lhes um potencial criativo e inovador.

musicais e esportivas; o consumismo exacerbado (FEATHERSTONE, 1997); as instabilidades diversas no trabalho e no emprego (SENNET, 2000); a exaltação/exploração da natureza e das paisagens (LUCHIARI, 2000) são alguns exemplos do contexto, no qual está inserido o referido desejo de re-encantamento do mundo.

A aventura na natureza, ao oportunizar o estabelecimento de novas relações entre os envolvidos, no lazer e em outras esferas da vida humana, criando novos laços de amizade, proporcionando novas sensações e emoções, mostra-se como uma oportunidade fecunda para que pensemos a vida social contemporânea, com base no contexto ilustrado.

Mobilidade, descontinuidade, imaginário e ficção são categorias que elucidam as dinâmicas e os conflitos vividos pelas sociedades atuais; indicando suas complexidades e profundidades. Com um olhar atento a estas diferentes categorias analíticas do social, procuro apreender e reter o movimento e a diversidade de compreensões nelas embutido.

Nesta perspectiva, os autores trabalhados nas discussões aqui levantadas, possuem focos específicos de análise, trazendo elementos pertinentes para a compreensão de certos fenômenos e tendências (especialmente a aventura, neste caso); o que não significa que todas as sociedades, grupos e movimentos possam, nelas, ser vislumbrados.

Parafraseando Maffesoli (1995, p.17), busco, portanto, delimitar o “mundo imaginal” que se esboça sob nossos olhos, entendendo-o como um conjunto complexo, no qual as diversas manifestações da imagem, do imaginário, do simbólico e o jogo das aparências ocupam, em todos os domínios, um lugar primordial.

Mundo este, como mostra a epígrafe de Simmel (2000b), em que suas profundidades podem estar escondidas na superfície dos acontecimentos, mas não conseguimos (ou não queremos) enxergar.

2 Trilha metodológica

Todos os que têm certeza estão condenados ao dogmatismo. Se estou certo da verdade de minha teoria, por que haveria de perder tempo ouvindo outra pessoa que, por defender idéias diferentes, tem de estar errada? As certezas andam sempre de mãos dadas com as fogueiras (ALVES, 2002, p.189).

Apoio-me neste trecho de Rubem Alves, retirado de seu livro sobre a filosofia da ciência, para enfatizar que eu trabalho, nestas páginas que se seguem, com possibilidades que favoreçam uma “sensibilidade teórica”, estando propensa a perceber aquilo que “já está aí”, que já existe, sendo capaz de ajudar na compreensão das novas formas de sociabilidade que se formam.

Igualmente é privilegiada uma forma mais flexível de tratar os conceitos, da mesma maneira como o faz Maffesoli (2004b) em seus escritos. Utilizo alguns conceitos, mas tendo-os como referenciais e pontos de partida para, na verdade, transcendê-los; ou seja, os mesmos são abordados como noções, como alavancas metodológicas, contribuindo no processo de desvendamento e compreensão das relações e fenômenos sociais estabelecidos entre aventureiros e natureza.

O número de interessados pelas atividades de aventura na natureza cresce mais e mais a cada dia, como pode ser observado em estudos recentes, dentre eles um realizado pelo Ministério do Meio Ambiente (BRASIL, 2006), apontando a emergência deste fenômeno, merecendo investigações desta ordem, que não os coloque dentro de um sistema fechado, mas que possibilitem a visualização de uma pluralidade de possibilidades e ressonâncias.

Nesses períodos de mudanças da civilização é importante ser [...] pensador livre. Ou seja, convém que estejamos mais preocupados com um procedimento de longo curso do que com a pequena prática universitária, bastante comum, que consiste em adaptar grandes conceitos a pensamentos pequenos (MAFFESOLI, 2004b, p.11).

Desta forma, valorizando isto que o autor chama de “pensador livre”, a investigação, aqui empreendida, mais que pretender trazer grandes postulados, propõe levantar

pistas audazes de reflexão, no intuito de apreender os fenômenos atrelados à aventura na natureza e seus desdobramentos na vida cotidiana como um todo.

Nesta perspectiva, esta pesquisa refere-se a uma investigação na área de estudos do lazer, a qual privilegia o enfoque denominado por Maffesoli (1998a, p.53) de “razão sensível”, enfatizando uma sinergia entre a razão e o sensível, no sentido de potencializar o afeto e o emocional a se tornarem ferramentas metodológicas servindo à reflexão epistemológica e auxiliando na compreensão dos múltiplos fenômenos sociais.

[...] O sensível não é apenas um momento que se poderia ou deveria superar, no quadro de um saber que progressivamente se depura. É preciso considerá-lo como elemento central no ato de conhecimento. Elemento que permite, justamente, estar em perfeita congruência com a sensibilidade social difusa de que se tratou. Cabe lembrar que a pista de uma razão sensível não é uma novidade absoluta. Sob nomes diversos, seu rastro pode ser encontrado na história do pensamento (MAFFESOLI, 1998a, p.189).

É justamente o fato de reconhecer a sensibilidade intelectual, depositando ênfase na vida, que acentua mais a pluralidade das razões e das sensações. A experiência, o coletivo e a vivência fundamentam a legitimidade da razão em sinergia com o sensível. A partir disso, o mundo social pode ser entendido como fruto de uma interação permanente, de uma reversibilidade constante entre os vários componentes do meio social e não mais como uma mera determinação político-econômica, racional e funcional (MAFFESOLI, 2004b, p.44).

É preciso lembrar que os rápidos progressos da tecnologia aparecem sob o signo da ambigüidade: se, por um lado, convergem para o enriquecimento das condições de vida, por outro lado, ameaçam a própria existência da vida humana. É neste sentido que são constatadas crises na esfera do trabalho, na representação política, bem como, no saber científico, as quais têm sido investigadas sob diferentes óticas.

Neste contexto, começa-se a perceber que as transformações sociais não podem mais ser interpretadas simplesmente a partir da ótica tradicional, imposta pela modernidade; contrariamente a isso, faz-se necessária uma nova sensibilidade surgida da própria desconfiança com a modernidade, com o fim das certezas ideológicas, do cansaço dos grandes valores culturais, etc.

A razão sensível procura compatibilizar pares até então dicotômicos: objetivo-subjetivo, intelecto-intuição, razão-emoção, etc. A sua eficácia epistemológica consiste na forma

de aproximar-se do real em sua complexidade fluida, na tentativa de decifrar o imprevisível e o incerto, a partir da fusão e da efervescência sociais. A razão sensível pode ser entendida, portanto, como uma zona entre o racional e o emocional; não existindo separação entre parâmetros racionais e emocionais.

Para a compreensão do significado profundo dos fenômenos sociais, é preciso levar em consideração o sensível, aspecto dionisíaco da natureza humana, “vitalidade subterrânea” que escapa às habituais sensibilidades racionalistas, quando se deseja perceber aspectos profundos da subjetividade.

Partindo destes pressupostos, este estudo constitui-se em uma pesquisa qualitativa, cuja abordagem considerada trabalha com um universo de motivos, aspirações, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo dos processos, relações e fenômenos, os quais não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis, como esclarece Minayo (1993).

Busquei encontrar, nos fragmentos, a compreensão de algumas situações sociais mais amplas e, também, compreender uma relação intrínseca de oposição e complementaridade entre o vivido na natureza e o vivido no ambiente urbano.

As fundamentações conceituais sobre a temática abordada foram buscadas, principalmente, junto à Sociologia, Educação Física e Antropologia, áreas estas as quais, conjuntamente, contribuem e sustentam as discussões estabelecidas. No sentido de superar as diversas compartimentações acadêmicas, estas áreas estão sendo visualizadas como parte integrante de um todo, inter-relacionando-se no contexto de suas especificidades e complexidades.

Este estudo foi desenvolvido concomitantemente por meio de duas pesquisas complementares. Uma constituiu-se de uma pesquisa bibliográfica, da qual fizeram parte os levantamentos bibliográficos relacionados às temáticas das atividades de aventura na natureza, tais como a caminhada, a escalada, o *caving*³, dentre outras, e relacionados aos temas risco,

³ Foi feita uma diferenciação entre espeleologia e *caving*, pois, diferentemente dos objetivos da primeira, *caving* trata unicamente da visitação, sem fins de exploração científica ou de reconhecimento aprofundado de cavernas. Não é pretensão, aqui, levantar questionamentos sobre as terminologias e seus diferentes usos, porém, é importante ressaltar que, se fizéssemos uma tradução livre do termo, teríamos “cavernismo”; contudo, ainda não há o equivalente em português para algumas expressões que designam estas atividades. Muitas delas, originalmente, são provenientes da língua inglesa. Outras, embora tenham tradução na língua portuguesa são, mesmo assim, utilizadas na versão estrangeira, justamente pelo suposto status que podem causar e, por isso, mais vendáveis aos olhos do mercado.

nomadismo e ficção. A pesquisa bibliográfica visou a uma fundamentação filosófica e teórica do problema, possibilitando um aprofundamento conceitual e terminológico.

A outra se referiu a uma pesquisa de campo, na qual busquei analisar, delimitar e fazer um levantamento da situação como um todo (relevando suas diversidades e imprevisibilidades). Por meio da pesquisa de campo, baseada em entrevistas semi-estruturadas e na observação participante, foram investigados: os motivos que fazem as pessoas se deslocarem para ir ao encontro das atividades de aventura na natureza; bem como, o gosto dessas pessoas, comportamentos, valores, etc; as formas de envolvimento dos praticantes com essas atividades e como se dá a interação entre os grupos de praticantes; como se estabelecem as relações das atividades de aventura na natureza com o cotidiano urbano, no trabalho, na família, etc.; ou seja, como tais vivências relacionam-se com o dia-a-dia dos praticantes. Todas estas investigações estavam atreladas ao interesse principal: como os praticantes percebem a aventura e a natureza.

A opção pelo trabalho de campo pressupõe um cuidado teórico-metodológico com a temática a ser explorada, considerando que o mesmo não se explica por si só. Para que seja possível desenvolver um bom trabalho de campo, há a necessidade de se ter uma programação definida de suas fases exploratórias e de trabalho de campo propriamente dito. Justamente nesse processo são criados e fortalecidos os laços de amizade, bem como, os compromissos firmados entre o investigador e a população investigada, propiciando o retorno dos resultados alcançados para essa população e a viabilidade de futuras pesquisas. Dessa maneira, o trabalho de campo pode ser entendido como fruto de um momento relacional e prático - as inquietações que levam ao desenvolvimento de uma pesquisa nascem no universo do cotidiano (MINAYO, 1993).

Como técnica, utilizei a observação participante percebendo, como aponta Brandão (1988), uma situação de relativa proximidade com o indivíduo pesquisado. A amostra foi estratégica, sendo escolhida conforme a representatividade social, sem a utilização, portanto, de análise estatística. Para a coleta de dados, buscando garantir maior fidelidade ao pensamento dos entrevistados, foram utilizados, como instrumentos, a entrevista semi-estruturada, o diário de campo, o gravador e a filmadora.

Nas observações procurei focar, privilegiadamente, os comportamentos dos participantes que dessem indícios dos motivos que os conduzem a buscar o contato com a natureza; as atitudes que demonstrassem seus valores e princípios atrelados ao meio ambiente e,

também, os comportamentos que evidenciassem formas de envolvimento nas atividades e com as pessoas participantes naquelas situações na natureza.

Eu tentava perceber e anotar, além de comportamentos e condutas, diversas expressões que pudessem se manifestar ao longo dos passeios (e, também, durante as entrevistas): um olhar fascinado ou decepcionado com determinada paisagem ou situação; gestos de respeito ou não para com os colegas e para com a natureza; comentários diversos sobre as relações com o meio ambiente, entre outros que pudessem surgir, etc. Eu ouvia, observava, anotava, perguntava e, assim, seguia com um olhar curioso. Entre os participantes investigados, foram detectadas significativas formas de comunicação (verbal e não verbal) e distintas maneiras de percepção dos acontecimentos ao longo da pesquisa de campo.

Neste sentido, por intermédio da observação participante foi criada uma situação de relativa proximidade com os indivíduos pesquisados, de forma que foram vivenciadas as mesmas situações, para posteriores análises (BRANDÃO, 1988).

A partir da observação de pequenos detalhes constituintes das dinâmicas estabelecidas em matas, trilhas, cachoeiras e cavernas, entre outros espaços naturais, foi possível encontrar algumas respostas (mas, também, novas perguntas) para as indagações levantadas nesta pesquisa, revelando, assim, a singularidade dos modos de vida de diferentes pessoas.

Aqui, é importante antecipar que os participantes deste estudo possuíam experiência prévia em atividades em contato com a natureza, tornando-os, em parte, diferenciados dos novos adeptos que emergem a cada dia, os quais, muitas vezes, são impulsionados apenas pelo desejo de distinção ao fazer algo novo, pelo modismo ou simples consumo.

Os investigados desta pesquisa são pessoas que, direta ou indiretamente, afirmaram se realizar ao saltar de pedras em poços de águas congelantes ou escorregar por metros e metros em tobogãs naturais; são pessoas que enfatizaram a satisfação em fazer desde escaladas ou trilhas fáceis, até um pouco mais ousadas; pessoas as quais, sempre que possível, ficam horas a fio apreciando a natureza e tentando encontrar formas que minimizem o impacto causado por suas próprias ações profissionais cotidianas; pessoas que vivem intensamente a natureza e o fazem, da mesma forma, em plenos centros urbanos, procurando usar estratégias vindas das experiências na natureza (como o aguçamento dos sentidos) para facilitar as complexidades urbanas (trânsito, barulho, poluição). Estes exemplos evidenciam a importância do referido e

necessário cuidado com os detalhes, apontando aspectos que enfatizam a singularidade destes participantes.

Destaco, portanto, a importância da observação diante da necessidade de se perceber as sutilezas dos detalhes nos momentos, nas coisas e nas pessoas, pois, como salienta Geertz (2001, p.68), estamos passando por um processo de “suavização do contraste cultural”, no qual os detalhes e o aparentemente indiferente podem ter grandes significados. De acordo com o autor, os pesquisadores precisam aprender a compreender diferenças mais sutis e, talvez, seus escritos fiquem mais apurados, ainda que menos espetaculares.

A diversidade cultural começa a ser pensada de forma diferenciada daquela que os antropólogos estavam acostumados a pensar. Recentemente, a Antropologia se viu diante de algo novo: a possibilidade de que a variedade esteja rapidamente se suavizando; o exótico, o intocável, o nunca estudado, o primitivo, já não podem ser encontrados com tanta facilidade. As diferenças, sem dúvida, continuarão a existir, contudo, os “bons e velhos tempos de lançar viúvas na fogueira e do canibalismo não voltam mais” (GEERTZ, 2001, p. 68).

Os valores e as crenças, conforme os pensamentos de Geertz (2001), não podem ser desvinculados da história e da instituição, por isso, cada um precisa seguir os seus próprios caminhos e isso mantém a diferença do outro. A Antropologia permite ao mesmo tempo conhecer o outro e a nós mesmos. Identificar-se com um outro é um ato de imaginação. É possível decifrar, julgar, apreender e compreender o outro e, simultaneamente, compreender a si mesmo. A narrativa do outro é capaz de nos tornar visíveis a nós mesmos, representando-nos e a todos os outros, diante de um mundo repleto de estranhezas.

A partir dessas perspectivas, com as entrevistas semi-estruturadas (SEVERINO, 1992), foi possível que os entrevistados, seguindo a linha de seus próprios pensamentos e de suas experiências, no foco por mim colocado, participassem conjuntamente do processo de elaboração da pesquisa.

Neste sentido, o enfoque das perguntas das entrevistas seguiu o seguinte roteiro, previamente elaborado: Por que você procura estas atividades e quais são suas expectativas? Quando esta atividade representa uma aventura para você? Qual foi a maior aventura que você viveu? Você acha que é possível viver uma aventura no cotidiano urbano? De que forma? Como você percebe as ressonâncias da aventura vivida na natureza no ambiente urbano?

Além dessas, outras duas perguntas foram inseridas para os entrevistados que trabalhavam com condução de grupos. Foram elas: As pessoas que procuram esses tipos de atividades estão buscando aventura? Vocês guias costumam provocar ou estimular as pessoas para que elas vivenciem a aventura nessas viagens? Como?

As observações e entrevistas ocorreram, principalmente, em algumas viagens que realizei com grupos para locais naturais, tais como: Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR); Parque Nacional de Itatiaia (MG; SP); Visconde de Mauá (RJ); Brotas (SP); Analândia (SP), Chapada dos Veadeiros (GO) e Serra da Canastra (MG). Estes locais são bastante reconhecidos por sua beleza e por seus atrativos naturais, sendo muito visitados ao longo de todo o ano. As viagens a estes locais ocorreram, principalmente, durante finais de semana e feriados prolongados.

As informações obtidas com a observação participante foram confrontadas com os dados coletados por meio da entrevista semi-estruturada.

De acordo com a disponibilidade dos envolvidos, foram agendados horários para a realização das entrevistas e a maior parte delas foi gravada, sendo que algumas foram filmadas para, posteriormente, serem transcritas e analisadas. Delas foram resgatados os dados principais e mais relevantes aos objetivos deste estudo. As observações também foram registradas por meio da utilização do diário de campo. Instrumento este de suma importância, pois sem ele teria sido impossível o registro daquilo que não se grava.

A partir desta trilha metodológica, busquei compreender como os praticantes percebem a aventura e a natureza. Para além disso, conforme códigos e convenções, os quais representam as relações sociais próximas ao grupo e sua racionalidade, tentei captar os significados implícitos que constituem o fenômeno atual da aventura.

Antes de iniciar os capítulos propriamente ditos, a seguir, estão apresentados os detalhes do desenvolvimento da pesquisa de campo.

2.1 A pesquisa de campo

A couraça das palavras protege o nosso silêncio e esconde aquilo que somos (MELO, 1951).

Ao longo dos últimos dez anos, tenho me dedicado aos estudos do lazer relacionados ao meio ambiente - mais particularmente, às atividades de aventura desenvolvidas na natureza. Foram frutos deste período: leituras; participação em congressos, cursos e em disciplinas de pós-graduação; publicações; entre inúmeras outras iniciativas, as quais me motivaram a permanecer na busca da compreensão deste fenômeno.

Além do meu envolvimento teórico e científico com o tema, é válido comentar sobre meu engajamento também com a prática. Tenho acompanhado alunos para vivências em contato com a natureza e, também, tenho sido adepta de algumas atividades, principalmente caminhadas e escaladas. Esta pesquisa, portanto, intensificou um gosto particular pré-existente.

Este momento, no qual pretendo apresentar o desenvolvimento da pesquisa de campo, é de extrema importância, uma vez que evidencia valores, curiosidades e expectativas embutidos em toda a essência deste estudo.

Atraída por um olhar curioso e pela possibilidade fértil de refletir sobre as vivências humanas, principalmente manifestadas em momentos de lazer, percebi que meu interesse por esta pesquisa fortificou-se mais ainda diante da escassez de literatura científica específica acerca do tema. Neste sentido, as expectativas se maximizaram, pois eu estaria sendo capaz de abrir diferentes caminhos, apontando direcionamentos e suscitando novos interesses pelo tema, até então não efetivados.

A temática das atividades na natureza é atual e retrata um período em que a natureza, como construção sociocultural, mostra, por um lado, os danos sofridos ao longo da história e, por outro, delinea-se como espaço, no qual grupos diferenciados buscam uma relação mais íntima com o ambiente natural.

As pessoas deslocam-se das cidades para a natureza com os mais diversos objetivos: desejo de um reencontro consigo próprio, vontade de “matar” o tempo, de vivenciar

um outro espaço, uma outra paisagem, de conhecer pessoas, lugares desconhecidos, plantas e animais, necessidade de revisar valores ou de construir uma identidade, dentre tantas outras possibilidades. Educação Física, Turismo, Administração, Biologia e outras, são áreas de conhecimento, nas quais podem ser percebidos avanços da produção científica com os objetivos de entender este movimento de retorno à natureza. São ilustrativos os estudos sobre aderência nas atividades de aventura, os quais contribuem para o debate (TAHARA, 2004; TAHARA, SCHWARTZ, 2003).

Neste sentido, a oportunidade de investigar a idéia de aventura inserida em certas atividades realizadas na natureza, refletindo porque é um termo tão utilizado na contemporaneidade, permitiu, a mim, perceber a riqueza das relações humanas que se formam a cada momento, nos mais diversificados lugares, considerando, não só os momentos, aparentemente, tranqüilos mas, também, os conflitos e as dificuldades que permeiam esse ínterim.

As viagens e a escolha pelas pessoas investigadas foram realizadas de maneira aleatória, de acordo com o interesse de ambos: pesquisado e pesquisador.

Não houve pretensão em limitar um perfil dos entrevistados, por isso ele se mostra diversificado; contudo, para fins de melhor retorno e aprofundamento nas respostas, procurei estar atenta e optar por pessoas que já haviam tido contato prévio com a natureza em atividades diversas.

A minha interação com cada pessoa investigada neste estudo ocorreu em múltiplos momentos e de diferentes formas, mostrando uma variedade nas maneiras pessoais de relacionamento com a atividade.

O início da pesquisa de campo, propriamente dita, ocorreu em outubro de 2003, quando participei do XIII Encontro Paulista de Espeleologia, no PETAR, localizado entre os municípios de Iporanga e Apiaí (na divisa entre os Estados de São Paulo e Paraná), contendo o maior complexo de cavernas do Brasil.

Neste evento, tive a oportunidade de conhecer diversas pessoas envolvidas com as questões ambientais e, especialmente, pessoas relacionadas, de alguma forma, com cavernas. Tive, igualmente, a oportunidade de participar de conferências e palestras, agregando mais conhecimento sobre a temática da natureza. Neste mesmo evento apresentei uma comunicação oral intitulada “Turismo, lazer e educação: despertando sensibilidades”, por meio da qual

consegui transmitir novas idéias atreladas às visitas à natureza, além de ter despertado pessoas para o interesse do meu estudo com enfoque no lazer.

Foi justamente neste evento que conheci o comerciante Carlos Alberto Daldosso, mais conhecido como Carlito, espeleólogo há muitos anos, tendo entrado pela primeira vez em uma caverna em 1973. Com um linguajar simples e um sotaque típico de mineiro, Carlito me envolveu com suas inúmeras histórias sobre cavernas e, percebendo a riqueza das mesmas, detalhei meu interesse de pesquisa e perguntei a ele se eu poderia gravá-lo falando.

Um fato bastante interessante que merece ser descrito é que eu não planejava realizar nenhuma entrevista, nesta ocasião do Encontro de Espeleologia; porém, mesmo assim, veio-me à mente a idéia de levar o gravador comigo, subsidiando-me na realização de uma possível entrevista, caso alguma pessoa me despertasse o interesse; afinal de contas, as oportunidades surgem quando menos esperamos e foi o que aconteceu. Fiquei feliz por ter tido esta idéia!

Diante da primeira pergunta da entrevista, Carlito, nitidamente, ficou sem graça e disse que em nada poderia me ajudar. Ele insistia em dizer que não tinha estudos e que seu conhecimento era muito superficial perto do conhecimento daquelas outras pessoas (em sua maioria professores doutores) presentes no Encontro. Isto foi um fato interessante, pois, por meio da nossa conversa, eu consegui demonstrar a ele que o conhecimento dele, advindo da prática, do dia-a-dia, era tão importante quanto o conhecimento adquirido em livros e cursos de pós-graduação. Ambos os conhecimentos se complementam e, portanto, um não é melhor que o outro, apenas diferente.

Após longa conversa, Carlito disse que concordava com a gravação e foi quando começamos a seguir um roteiro de perguntas, previamente elaborado por mim. Apesar de tal roteiro como ponto de partida, eu procurei deixar o entrevistado à vontade para extrapolar o que eu colocava, ao longo de toda a gravação.

Apesar de meu esforço para que o entrevistado se sentisse à vontade, somente a partir do meio da entrevista é que pude perceber a despreocupação de Carlito com a colocação das palavras, se certas ou erradas, bem como a maior familiaridade com minhas perguntas.

Um fator positivo que contribuiu para o estreitamento de nosso contato foi a afinidade com a naturalidade mineira. O desfecho da entrevista incluiu um passeio que

realizamos juntos a uma caverna não-turística no próprio PETAR, além de um convite para um café em Monte Sião (MG), sua cidade natal.

Em fevereiro de 2004, realizei uma outra viagem para Visconde de Mauá (no Estado do Rio de Janeiro), local privilegiado por sua diversidade de cachoeiras e bastante propício para a prática de caminhada, rapel e *cascading* (rapel realizado em cachoeira).

Para esta viagem, também fui munida de minha filmadora e imaginei que aquele poderia representar um espaço fértil para a realização de algumas entrevistas; contudo, uma dificuldade surgiu à primeira vista. Naquela época do ano, a região é caracterizada por muitas chuvas; fato este que diminuiu, de certa forma, o fluxo de turistas. Algumas trilhas, por exemplo, ficavam acessíveis somente àqueles que possuíam veículos apropriados para o enfrentamento do terreno alagado.

Apesar da chuva ininterrupta, um grupo de amigos e eu, acordávamos cedo, tomávamos café, colocávamos nossas capas de chuva e fazíamos as caminhadas normalmente. Foi em um dia desses, no início da subida de um barranco, o qual, após longa jornada, dava acesso a uma cachoeira, que escutamos pessoas vindo atrás de nós. Tratava-se de um grupo que, assim como nós, não se importava com a chuva e estava percorrendo as trilhas normalmente.

A partir deste dia, um novo laço se estabeleceu entre mim e Rodrigo Cintra Vasquez Dias, apelidado de Digão, estudante de engenharia elétrica e, atualmente, voluntário de duas Ongs: uma denominada “Hospitalhaços” e outra ambientalista, pela qual desenvolve trabalhos conduzindo crianças a locais naturais.

Descobrimos que estávamos hospedados na mesma pousada e acabamos realizando diversos passeios coletivamente, a partir da união de nossos grupos. Passamos momentos muito prazerosos juntos, nos quais, além dos passeios propriamente ditos, também nos reuníamos para almoçar, jantar, tocar violão, conversar, etc.

Em inúmeros momentos, pensei em convidar Digão para fazer uma entrevista, porém sempre tínhamos alguma atividade para fazer, até mesmo o não fazer nada, na rede em frente à pousada. Por isso, resolvi adiar para um momento mais oportuno.

Acabado o feriado e de malas prontas para retornar, trocamos nossos telefones e ficamos de entrar em contato para, quem sabe, agendarmos uma próxima viagem. Neste momento, tive aquela impressão (muito comum, aliás) de que jamais voltaríamos a nos ver, devido à distância e aos diferentes afazeres de cada um. Contudo, eu me enganei. Foi com muita

satisfação que recebi vários *e-mails* do Digão, enviando fotos do grupo e convidando-nos para outras viagens. Em uma dessas trocas de *e-mails*, escrevi um pouco sobre minha pesquisa e perguntei se ele não gostaria de me conceder uma entrevista. Prontamente ele aceitou e marcamos um dia, horário e local convenientes para ambas as partes.

É importante destacar que, a partir deste momento na pesquisa de campo, passei a aderir à filmadora, como equipamento para coleta de dados das entrevistas, ao invés do gravador, por se tratar de um recurso um pouco mais sofisticado, produzindo um som de melhor qualidade, além de reproduzir a imagem dos entrevistados, permitindo, por isso, visualizar e relembrar melhor suas expressões corporais (imbuídas de significações) ao longo da transcrição.

Um fato curioso que chamou minha atenção é que, durante a entrevista propriamente dita, Digão não falou muito; o que contradiz sua personalidade dinâmica e extrovertida detectada ao longo das viagens. Quando estávamos nos passeios, Digão sempre tinha um assunto para qualquer momento que fosse; falava de plantas, animais, contava histórias, cantava. Por este motivo, eu cheguei a pensar que a filmadora o estava intimidando (fato comum com este tipo de instrumento); contudo, depois de vários outros convívios com ele, percebi que, na verdade, o estar na natureza o inspirava mais a falar e se expressar que em outros locais cotidianos. O que, para muitos, significava momento de contemplação e introspecção, para ele significava momento de extravasamento e compartilhamento.

Ainda assim, potencializada por todas as vivências, a entrevista foi frutífera e, até hoje, continuamos a nos encontrar em outros passeios e a trocar mensagens eletrônicas.

Após esta viagem a Visconde de Mauá, efetivei novos contatos para minha pesquisa de campo, por meio de uma outra viagem ao PETAR, em junho de 2004. Desta vez, realizada com os alunos do 1º. ano do curso de Turismo de uma faculdade no interior de São Paulo.

Esta viagem, ocorrida anualmente, é fruto da iniciativa do professor José Antonio Scaleante, conhecido como Scala, responsável pela disciplina Fundamentos do Turismo, agregando outros professores de disciplinas correlatas, tais como: Geografia, Teoria e Técnica de Turismo, Transportes, História da Cultura, Lazer e Recreação (ministrada por mim, na ocasião), Marketing, etc. Esta viagem teve como principais objetivos apresentar aos alunos diferentes possibilidades turísticas naturais e oportunizar a observação e a avaliação de aspectos geológicos,

geográficos, históricos, etc., como componentes fundamentais do ecoturismo. Outros objetivos específicos também permeiam esta iniciativa, porém, não se fazem pertinentes neste momento.

A viagem ocorreu ao longo de um final de semana, no qual visitamos várias cavernas e seu entorno, contribuindo, ainda mais, para o estreitamento das relações entre todos os envolvidos (alunos, professores e outros participantes). Neste contexto, duas situações foram bastante enriquecedoras e merecem ser descritas. Por se tratarem de situações pessoais, optei por não mencionar nomes, nesses dois casos específicos, respeitando a integridade das pessoas em questão.

A primeira delas trata-se de uma situação delicada e perturbadora que se estabeleceu, desde o primeiro dia de aula, vindo a se modificar a partir desta viagem, de acordo com os depoimentos dos alunos e dos professores. Trata-se de uma aluna que não conseguia se envolver com a turma, isolando-se e sendo apática a quaisquer tipos de iniciativas docentes ou discentes. Quando os demais alunos ficaram sabendo que esta aluna iria à viagem ao PETAR, chegaram a dar por falido o final de semana.

De fato, na ida, no ônibus, ela já deu indícios de que faria tudo sozinha e independentemente dos demais colegas. Da mesma forma, a chegada à pousada, na qual nos hospedamos, foi turbulenta, devido aos caprichos da referida aluna que insistia em se isolar, atrapalhando, com isso, a distribuição dos quartos entre a turma e aumentando a apatia do grupo por ela e vice-versa.

No contexto de suas contraposições, situações conflituosas como estas e as demais situações de amizade vividas demonstraram a força e a importância da coletividade e do companheirismo.

Ao longo das trilhas que levam às cavernas, em diversos momentos, para ultrapassar um riacho, pular ou subir uma pedra, segurar uma mochila ou, ainda, para dividir um pouco de água, a mão estendida de um companheiro sempre fazia a diferença. Em momentos como estes, podia-se perceber que a aluna, até então apática, vagarosamente, entregava-se à dinâmica de ajudar e ser ajudada, mostrando, por meio de seus olhares, sorrisos e novos comportamentos, a importância de ser útil e necessária a alguém e de se sentir satisfeita com isso.

Neste sentido, as diferenças eram deixadas de lado e o que antes era conflito e motivo para brigas transformou-se em motivo de risada, criando uma sintonia entre o coletivo. Dois relatos a este respeito são muito interessantes:

Tanto durante a viagem, quanto depois dela, no cotidiano da sala de aula, eu notei um maior entrosamento do grupo; como se, de repente, todos estivessem menos “armados” e mais receptivos a estreitar os laços com outras pessoas (Audrey).

Só depois da viagem me dei conta que conheci, de fato, pessoas que sentavam ao meu lado na sala de aula e eu sequer sabia o gosto delas, o jeito delas, a cor dos olhos (Vinícius).

Pode-se concordar, portanto, que, de alguma forma, o estar na natureza interferiu no cotidiano dos alunos que experimentaram algumas atividades de aventura na natureza, alterando conceitos pré-determinados e colaborando para a formação de novas idéias. O relato de uma aluna também elucida isso:

a natureza é um ambiente propício para a formação de novos valores e de uma ótica diferenciada sobre a vida e a vivência da aventura fortalece ainda mais isso (Audrey).

De igual importância, a outra situação ocorrida, nesta viagem ao PETAR, diz respeito a uma outra aluna, a qual, desde o início do ano, alertou que não poderia (e não deveria) ir a esta viagem, pois sofria de síndrome do pânico e não se via capacitada para realizar tal iniciativa.

Esta aluna, após ter se aposentado, resolveu voltar a estudar, o que já estava sendo um grande desafio: encarar colegas de turma bem mais novos e a empreitada de leituras e estudos, a qual havia ficado há muito tempo para trás. Ela estava fazendo terapia para lidar melhor com esta nova situação, além do enfrentamento da síndrome do pânico.

Sabendo desta situação, todos (alunos e professores) deram muito apoio e incentivo para que ela não desistisse da viagem e, desta forma, ela optou por ir.

Foram várias as situações em que ela tentou desistir, porém, sempre com o estímulo do grupo, ela repensava, respirava fundo e continuava.

Em diversos momentos, no meio das trilhas e dentro das cavernas, devido à idade e ao sobrepeso, a aluna em questão teve dificuldades, as quais, rapidamente, eram suavizadas pelo apoio incondicional dos colegas.

Neste sentido, dentre os relatos dos alunos, um chamou atenção:

ninguém passou despercebido, ao dar e ao receber (Silmara).

Este parecia ser o lema do grupo e uma outra aluna igualmente se lembra disso:

nas trilhas e dentro das cavernas, onde os obstáculos eram maiores, as pessoas paravam para ajudar; quando alguém estava cansado, o grupo todo parava para esperar; quando alguém estava sem lanterna, o próximo iluminava o caminho... era assim que acontecia (Ariane).

Após inúmeras vivências e chegando ao final da viagem, perceber as expressões de satisfação e alegria no rosto da aluna diante da superação de diversos limites físicos e psicológicos foi bastante reconfortante. Ao mencionar suas percepções sobre a experiência nas cavernas, vale a pena destacar uma delas:

eu me senti plena nesta viagem! Eu consegui sair do círculo vicioso do dia-a-dia e minha alma foi muito mais além dos trajetos percorridos. O físico se limitou um pouco, mas o espírito se fartou de tanta generosidade e beleza que a natureza e meus colegas me ofereceram.

A partir de vivências deste tipo, o grupo percebeu que a união e a amizade foram tão importantes para a experiência na natureza e para o amadurecimento das relações interpessoais, quanto os conflitos que também eram inerentes à proposta, além de significarem contínua fonte de reflexões. As caminhadas e as entradas nas cavernas, a partir de certo momento, começaram, naturalmente, a acontecer permeadas por um espírito de companheirismo e de coletividade, no intuito de atingir os objetivos coletivos comuns. Nesta perspectiva, outros relatos também são ilustrativos:

No começo, senti uma certa insegurança pela descoberta do novo, mas depois foi ótimo (Renata).

A nossa autoconfiança aumentou, pois eu não sabia que era capaz de fazer tudo aquilo que fizemos (andar, nadar, escalar, etc.) (Audrey).

Estar na natureza te deixa mais livre e isso acaba reforçando a amizade (Vinícius).

A convivência mais íntima quebra barreiras e faz com que as pessoas se soltem mais e confiem mais em si mesmas e nos outros (Silmara).

Tive a sensação de estar longe da civilização e mais perto de Deus. Acho que aprendi a dar mais valor no que tenho (Audrey).

O contato com o meio ambiente natural parece que nos recicla e nos revigora (Silmara).

Na natureza, você fica exposto a um mundo não compartilhado normalmente, suscitando uma sensação de liberdade e, principalmente, de necessidade de preservação desse sistema, o que traz profundas emoções (Luiz).

Todos estes relatos dos alunos, os quais foram por mim coletados por intermédio de conversas, anotadas em meu diário de campo, não só durante, mas, também, depois da viagem, aliados as minhas percepções e observações, permitem-me afirmar que a viagem teve um papel decisivo para os novos comportamentos e valores que começaram a se efetivar a partir da experiência vivida na viagem às cavernas, no estar junto no meio da mata, no dividir tarefas e responsabilidades, e no respeito e cuidado mútuos.

Na semana subsequente à viagem, os alunos também entregaram um relatório, o qual fez parte do trabalho desenvolvido com as várias disciplinas, reiterando e ratificando as primeiras impressões obtidas ao longo da viagem.

As condutas em sala de aula se modificaram e os objetivos acadêmicos passaram a ser entendidos de forma muito mais coletiva que individual. A tolerância de uns para com os outros colegas, o respeito e o companheirismo, foram detectados e comentados, não só por eles, mas, também, por outros professores e colegas de outras turmas. A viagem, portanto, teve um significado importante para as relações estabelecidas a partir de então.

Estas percepções, por sua vez, levaram-me a refletir, com mais intensidade ainda sobre o que, efetivamente, tudo isso tinha a ver com o conceito de aventura; o qual, para estes alunos em questão parecia estar atrelado, de certa forma, a novas possibilidades de compartilhamento (de amizade, respeito, confiança, etc.), mas, principalmente, de liberdade. A saída do ambiente acadêmico, longe das cidades e do cotidiano de afazeres, parecia enfatizar um estado de liberdade, no qual os alunos se permitiam se conhecer melhor, ajudar-se, tocar-se e sensibilizar-se com as vivências.

Não tive a oportunidade de entrevistar aluno por aluno, porém, todos os relatos adquiridos na referida viagem, além dos relatórios subsequentes, foram de extrema importância para o caminho que esta pesquisa tomou a partir de então.

Diversos elementos apontados pelos alunos enfatizaram e justificaram a necessidade de um levantamento mais profundo sobre outros elementos que, possivelmente, estariam presentes nas atividades na natureza para que fossem, de fato, consideradas aventura pelos praticantes. De que forma a aventura na natureza é percebida e como os comportamentos e valores, as percepções e sensações são trazidas para o cotidiano urbano? Esta pergunta norteou mais marcadamente o desenvolvimento da pesquisa de campo, a qual teve sua continuidade a partir do diálogo com um outro espeleólogo.

Eu já conhecia o professor Scala, de viagens e trabalhos realizados juntos, há algum tempo e, observando sua forma de se envolver com as viagens que realizava, de tratar os alunos, de contar histórias sobre o PETAR e sobre suas inúmeras expedições, ratificou meu desejo em querer fazer uma entrevista com ele.

Agendamos um dia e um horário, logo após a viagem com os alunos e, a partir dela, trocamos algumas idéias, estruturadas por meio da entrevista, muitas das quais estão apresentadas ao longo da pesquisa.

Uma particularidade nesta entrevista também vale a pena ser lembrada: Scala se sentiu muito à vontade para ser filmado em sua entrevista e falou espontaneamente sobre o assunto pretendido (diferentemente dos primeiros entrevistados). Acredito que suas experiências como docente e pesquisador oportunizaram uma maior familiaridade com este tipo de procedimento para coleta de dados acadêmicos.

Na seqüência das entrevistas, convidei um escalador para fazer parte da minha coleta de dados. Rodney Ferreira, micro-empresário e, atualmente, estudante de Psicologia é escalador há muitos anos, tendo sido a primeira pessoa por intermédio da qual eu descobri e aprendi um pouco sobre as técnicas e as peculiaridades da escalada. Rodney, reconhecido por algumas importantes escaladas nacionais e internacionais, contribuiu para o enriquecimento desta pesquisa.

Além dele, também entrevistei a professora universitária Ivana de Campos Ribeiro, jornalista de formação, tendo trabalhado com jardinagem e paisagismo e realizado seu mestrado e doutorado com a temática da Educação Ambiental.

As entrevistas, tanto com Rodney quanto com Ivana, tiveram um aspecto diferenciado das demais entrevistas, porque se tratou de um interesse genuíno de minha parte em conhecer melhor os trabalhos dos dois, os quais eu acompanhava há algum tempo, porém, por

falta de oportunidade, não tinha como me aproximar e aprofundar. Ou seja, diferentemente das outras entrevistas, estas duas não tiveram como ponto de partida e inspiração uma viagem; contudo, meu instinto de pesquisadora me dizia que suas contribuições poderiam ser pertinentes e férteis para esta pesquisa.

Alguns meses depois, realizei uma viagem de cinco dias para a Serra da Canastra, localizada entre alguns municípios do sudoeste de Minas Gerais, onde está localizado o Parque Nacional da Serra da Canastra, privilegiado por abrigar as nascentes do Rio São Francisco, além de inúmeras cachoeiras e trilhas. Na ocasião desta viagem, conheci algumas pessoas interessantes e, dentre elas, tive a oportunidade de entrevistar quatro, as quais fizeram parte efetiva da minha coleta de dados.

Saulo de Tarso Adair, biólogo e estudioso das plantas do cerrado foi a primeira pessoa com quem eu conversei logo no primeiro dia de passeio. Também troquei muitas idéias com sua namorada, a arquiteta Cristiane Dacanal. Eu ainda não havia falado nada sobre minha pesquisa e meu interesse, deixando os assuntos surgirem naturalmente. Como não poderia ser diferente, à medida que fazíamos novos passeios, dividíamos lanches na trilha, tomávamos café e jantávamos juntos na mesma pousada, algumas afinidades iam se manifestando e, com isso, meus interesses na viagem ficavam mais explícitos.

Fizemos inúmeros passeios juntos e foi possível perceber o gosto acentuado de Saulo pela flora. Ele sempre parava quando via alguma espécie de planta diferente; quando alguém do grupo também se interessava, ele não poupava esforços em explicar a origem, o nome, etc. Uma característica muito peculiar que chamou minha atenção, tanto em Saulo quanto em Cris (como ficou sendo apelidada pelo grupo), foi a paciência na contemplação e na coleta de algumas sementes. Era até engraçado observar tanta demora e tanto zelo.

No terceiro dia, quando voltamos à noite de um passeio, finalmente, convidei Saulo e Cris para fazerem parte da minha coleta de dados. Vale lembrar que as entrevistas foram filmadas individualmente, não havendo interferência de um sobre o outro.

Outras duas pessoas, as quais entrevistei foram Ricardo Dantas de Lucas, professor e guia já conhecido de outros passeios, e Magno Gazzillo, guia local, jipeiro e fotógrafo. Ambas entrevistas também aconteceram nesta mesma viagem, contribuindo com diferentes olhares sobre o mesmo fenômeno.

É interessante apontar que Ricardo fez uma opção de vida quando decidiu se mudar definitivamente para Delfinópolis (MG), priorizando, segundo ele, um ritmo diferente da cidade e valorizando algumas das coisas com as quais mais se identifica: o contato direto com a natureza e as atividades de aventura. Mesmo tendo que se deslocar para lecionar em outra cidade, ao longo de toda semana, Ricardo esclareceu que este esforço valia muito a pena, pois tinha a recompensa de sempre poder voltar para seu “refúgio”.

O mesmo aconteceu com Magno ao optar sair de São Paulo e recomeçar a vida em um lugar mais pacato, a partir de outros referenciais atrelados ao ritmo de vida, à expectativa de qualidade de vida, de educação para seu filho, etc. Antes da entrevista propriamente dita, Magno também comentou sobre os conflitos familiares que existiram a partir desta opção, uma vez que sua esposa não tinha a certeza se iria se adaptar aos ritmos e às dinâmicas longe da cidade grande.

Particularmente sobre a questão profissional, não posso deixar de mencionar um fato que chamou a minha atenção. Tanto Ricardo quanto Magno estavam incomodados com a situação na qual o ecoturismo na região da Canastra se encontrava, afirmando, em diversos momentos, que havia pouco incentivo público, em diversos níveis, e, por isso, a baixa procura por passeios. Eles estavam com muita dificuldade em formar grupos e quando conseguiam formar, havia sempre aquela insistência dos turistas por preços menores, subvalorizando o trabalho deles.

No entanto, eu detectei que esta situação não se limitava apenas à Serra da Canastra, mas também a outros locais ecoturísticos, os quais manifestavam a mesma problemática. Eu inclusive, em determinado período, tive que esperar vários meses para que um grupo se formasse, com um número mínimo necessário, para a realização de passeios.

Mencionei esta situação porque foi neste contexto contraditório que conheci o guia Magno. Por ele não ter conseguido formar nenhum grupo para aqueles dias, Ricardo o convidou para fazer alguns passeios conosco. Como Magno também é fotógrafo, ele acabava se divertindo em tirar fotos das paisagens e de tudo o que encontrávamos pelo caminho. No último dia, para não atrapalhar os passeios agendados, consegui conciliar as entrevistas com ambos os guias. Entrevistas estas de bastante importância, uma vez que focalizaram diferentes perspectivas, a partir do olhar de condutores dos passeios.

Além destas viagens descritas, outras também fizeram parte desta pesquisa de campo, tais como para o Parque Nacional de Itatiaia (na divisa entre os Estados de Minas Gerais e São Paulo) onde estão localizados o “Pico das Agulhas Negras” e as “Prateleiras”, dentre vários outros; Brotas e Analândia (ambas no interior do Estado de São Paulo), a primeira com uma variedade de fazendas e cachoeiras e a segunda conhecida pelos “Morro do Cuscuzeiro” e “Morro do Camelo” e Chapada dos Veadeiros (em Goiás).

As viagens a estes locais ocorreram, principalmente, durante finais de semana e feriados prolongados (exceto a viagem à Chapada dos Veadeiros, que durou mais tempo devido à distância) e, por meio delas, várias observações e relatos foram coletados, contribuindo para a finalização da parte exploratória desta pesquisa.

É importante destacar que nem todas as entrevistas realizadas foram necessariamente utilizadas nas discussões aqui apresentadas, devido, principalmente, a pouca profundidade nas respostas e, algumas vezes, à repetição dos argumentos. Contudo, de maneira geral, tudo o que foi observado está, direta ou indiretamente, relacionado às reflexões e análises apresentadas.

A experiência e o conhecimento adquiridos nestas viagens, juntamente com os depoimentos coletados nas entrevistas e as observações realizadas, fizeram-me acreditar que a busca pela aventura se caracteriza pela emergência histórica de imagens, valores, conhecimentos, desejos e paradoxos intimamente atrelados à condição humana na sociedade contemporânea, os quais têm a singular capacidade de influenciar na vida social como um todo.

Curiosamente, sobre isso, as pessoas entrevistadas, neste estudo, apresentaram em seus discursos experiências que levam a acreditar que a vida, para elas, parece muito mais simples na natureza, quando comparada com a cidade. Segundo os entrevistados, na natureza, a vivência de emoções e sensações acontece muito mais naturalmente, a partir de acontecimentos simples.

São ilustrativos os depoimentos de Digão e Ricardo, respectivamente:

Eu daria tudo pra viver aqui (referindo-se às montanhas) e viver uma vida mais simples, sem preocupações com horários, trânsito, violência; com menos conforto, mas mais feliz.

Eu jamais viveria sem este contato mais próximo com a natureza; aqui é tudo mais tranquilo, você não ouve barulho de carro; só tem os sons da natureza, dos pássaros, das cachoeiras, o barulho do vento.

Estamos condicionados, no cotidiano urbano, a vincular emoções e sentimentos a determinados fatos, normalmente aqueles de cunho extraordinário, tais como datas comemorativas, grandes eventos e festas. Muitas vezes, algumas coisas simples da vida (tal como, estar na natureza e escutar o canto de pássaros, sentir o odor de plantas, conhecer outras pessoas, outras paisagens, desafiar-se em um rapel, escalar, etc.) são capazes de nos fazer viver emoções e sensações tão prazerosas e diferentes que muitas situações extraordinárias poderiam não conseguir fazê-lo. É como se, nelas, não precisássemos justificar nem entender nossos sentimentos. Apenas pudéssemos vivê-los, simplesmente.

Nesta direção, é interessante que alguns dos investigados mencionaram que, após a realização das entrevistas, as questões que estavam sendo abordadas por mim despertaram a reflexão deles para um lado aventureiro relacionado também a outras esferas de suas vidas. Por exemplo, as afirmações de Saulo, ao compartilhar suas experiências pessoais, são ilustrativas:

Eu tenho muito a ver com esse negócio de ser aventureiro porque eu faço outras coisas além das minhas atividades profissionais com a Biologia. Eu desenvolvi um trabalho com escultura e, pensando nas minhas experiências com a natureza, eu acho que tem muita relação com essa minha vontade de viver desafios. Quando eu vou fazer uma escultura, eu planejo o que eu vou fazer, mas eu não sei como; eu vou descobrindo durante (são trabalhos com arame); como é que eu vou amarrar, como vai ser a forma final. Quando eu tenho tudo pronto, eu nem acredito; eu fico satisfeito pelo que foi criado. Eu acho que este é o exemplo de uma atividade que está fora da minha profissão, mas que também está associada, de certa forma, à aventura. À medida que eu fico preso a prioridades (fazer o mestrado, cumprir obrigações) e me distancio do estudo da música, da escultura, de vir pra serra observar, colher sementes, eu vou perdendo um pouco da minha identidade. Eu preciso me abastecer com criatividade, paz de espírito, tranqüilidade de tudo isso que me faz bem e o estar na natureza, caminhar, nadar, pedalar me oportunizam.

Por meio da pesquisa de campo pude descobrir um pouco daquilo que alguns aventureiros realmente são e desejam, para além de suas próprias palavras; afinal, como nos lembra o poeta Thiago de Melo, muitas vezes, a couraça das palavras protege o silêncio, escondendo aquilo que as pessoas são de fato.

Esta pesquisa de campo me fez constatar que, para a compreensão deste quadro apresentado, as discussões sobre ambientalismo, nomadismo e ficção seriam promissoras e inovadoras. Desta forma, os próximos capítulos têm justamente a pretensão de levantar tais discussões, dando sustentação a esta pesquisa.

3 Notas sobre o ambientalismo

Não basta abrir a janela
 para ver os campos e o rio.
 Não é bastante não ser cego
 para ver as árvores e as flores.
 É preciso também não ter filosofia nenhuma.
 Com filosofia não há árvores: há idéias apenas.
 Há só cada um de nós, como uma cave.
 Há só uma janela fechada e todo o mundo lá fora;
 E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
 que nunca é o que se vê quando se abre a janela.
 (PESSOA, 1946)

O movimento ambientalista foi (e continua sendo) de grande importância para o desenvolvimento do conceito de natureza, o qual tem sido socialmente formulado e contestado, ao longo dos anos.

Nesta direção, particularmente nas pessoas investigadas nesta pesquisa, foi possível detectar diversas formas, diretas e indiretas, de engajamento com as questões ambientais: preocupações diversas com a poluição, com o trânsito, com a depredação de ambientes naturais; intervenções no trabalho (ou, pelo menos, tentativas) que possam melhorar a qualidade de vida em geral; comportamentos solidários e cooperativos; participações e filiações a instituições ligadas ao meio ambiente, reflexões sobre desigualdades sociais, contradições, valores e princípios éticos, entre outros.

Alguns exemplos são bastante pertinentes, como este de Cris, procurando encontrar saídas que minimizem o impacto de seu próprio trabalho no ambiente construído.

Eu acho que o contato com a natureza, por meio das atividades de aventura, ou seja, desfrutar momentos de prazer junto à natureza, traz, pra mim, uma vontade ainda maior de me voltar para a causa da defesa dos recursos naturais. Isso influencia na minha vida profissional também, pois como eu trabalho com urbanização é bem o oposto do que, muitas vezes, ideologicamente, eu penso. A urbanização, na verdade, usa o que a natureza tem transformando numa coisa construída que, às vezes, acaba com aquele recurso. Por exemplo, se o esgoto não for tratado, um rio se transforma em um

esgoto a céu aberto. Em muitas áreas verdes, árvores que deveriam ser preservadas, acabam sendo derrubadas por forças maiores do mercado imobiliário. Eu acho que este contato com a natureza cria uma força muito grande e contraditória no meu ser. Por um lado, eu tenho uma formação em que eu ganharia muito mais dinheiro, trabalharia muito mais, se eu não tivesse esse amor à natureza; mas, por outro, eu tenho, então, eu posso fazer uma cidade melhor incorporando os recursos naturais no desenho da cidade, defendendo mesmo a ecologia e os recursos da natureza. Todas as vezes que eu volto de uma viagem à natureza, eu fico refletindo sobre o que eu posso fazer de diferente em meus projetos para minimizar o impacto deles.

Assim como ela, outros entrevistados também apontam seu engajamento com causas ambientais, ainda que não sejam suas profissões efetivas, como no caso de Digão. Por meio de um trabalho voluntário, Digão visa despertar, em crianças, diferentes possibilidades para se pensar o ambiente natural.

A idéia das viagens em que eu levo as crianças é, principalmente, educativa. Eu procuro mostrar as relações com a mata, com a biologia, geografia, etc. A idéia é ser uma viagem densa em termos de conteúdo, de aprendizado, mas, especialmente, mesclado com a diversão. A idéia é inter-relacionar o estudo de campo (ao vivo e em cores) com as brincadeiras que as crianças gostam, pra que possa realmente fazer sentido aquela experiência [...]. As crianças, no começo, têm uma certa dificuldade em se entrosar com o meio natural. Tem umas que não gostam de tirar os sapatos; pular na água; é incrível, pois têm algumas que não gostam mesmo porque lhes parece totalmente estranho. Por outro lado, muitas também adoram e querem voltar; se dão super bem com a natureza!

Ou, como Magno, quem trabalha especificamente com condução de grupos e aborda inúmeros elementos que nos fazem refletir sobre as diferentes formas de se perceber e de estar na natureza. Magno reflete sobre o estar na natureza ter mais relação com valores e princípios que estão, atualmente, em constante processo de mudança.

Eu acho que quando as pessoas vêm pra cá (Serra da Canastra), elas vêm atrás de um lazer de aventura; de um “passeio radical”. Não basta estar na cachoeira, tomar sol, nadar e contemplar; tem que ter uma atividade diferente, um rapel ou alguma coisa que envolva um certo risco, principalmente, o público mais jovem. Eu acho que os jovens buscam muito a coisa do “radical” e eu acho que isso tem muito a influência da mídia. Quando eu tinha 20 anos, não existia no Brasil esse conceito de “esporte radical”. A gente colocava a barraca nas costas, saía caminhando e conhecendo os lugares, mas não como é feito hoje. Atualmente, as pessoas vêm completamente preparadas com todo equipamento, capacete, roupa, tênis, colete flutuante pra enfrentar essa

aventura radical. Eu acho, então, que houve uma mudança até no conceito de lazer; não basta mais a contemplação; tem que ter uma atividade física mais forte que mexa com as emoções; mudou a própria concepção de natureza [...]. Pra mim, não há a necessidade de fazer rapel na cachoeira, de descer um rio de barco, com colete e capacete. Pra mim, menos já é muito legal! Chegar num lugar bonito, nadar, contemplar; ouvir os sons, ouvir o silêncio, tentar entrar em harmonia com o local; isso pra mim já é o máximo! Eu não preciso chegar ao ponto da aventura da escalada, fazer rapel; eu admiro quem tem esse pique; mas a mim não atrai. Eu sou mais da contemplação, da admiração, do silêncio, tentando observar a natureza. Acho que é uma visão mais antiga, até um pouco fora de moda, mas é como eu gosto.

Exemplos como estes evidenciam algumas das atuais relações existentes dos seres humanos com a natureza; sendo importante salientar, no entanto, que a natureza, de uma forma ou de outra, como cenário ou parceira, sendo dominada ou reificada, sempre esteve presente no processo de realização humana, o qual se constitui de conflitos, contradições e sensibilidades. Neste sentido, para entender como tem se dado a atual busca pela aventura na natureza, acredito ser necessário que nos reportemos ao movimento ambientalista, na tentativa de mostrar a ocorrência de uma importante ressignificação do conceito de natureza, o qual, por sua vez, induziu a novas atitudes e desejos humanos.

Desta forma, o movimento ambientalista será abordado, no intuito de melhor entender seu surgimento e repercussões para, assim, visualizarmos as aproximações com o fenômeno da atual busca pela aventura na natureza. Para tanto, nesta tentativa de apresentar algumas idéias sobre o movimento ambientalista, irei me respaldar, principalmente, nos estudos de Leis (1999, 1996).

De acordo com este autor, as abordagens mais tradicionais do ambientalismo tendem a enquadrá-lo de três maneiras distintas: 1) como grupo de pressão ou interesse; sendo uma perspectiva utilizada principalmente nos Estados Unidos, exercendo suas demandas no interior de sistema político. Aqui se presume que as demandas de proteção ambiental não representam um grande desafio para o funcionamento da sociedade, nem uma ameaça do ponto de vista normativo, conduzindo o ambientalismo a ter características elitistas. 2) como movimento social; conceito elaborado principalmente na Europa. Esta perspectiva é, de certo modo, contrária à anterior, na qual o ambientalismo é percebido como um ator crítico e alternativo em relação à ordem capitalista existente, tendo em suas ações uma orientação fortemente ética e normativa. 3) como movimento histórico, assumindo a sociedade atual como insustentável em médio ou longo prazo. Nesta perspectiva, não apenas se considera insustentável

o modelo de desenvolvimento econômico, mas também as instituições e os valores predominantes (especialmente aqueles que propiciam o consumismo e o crescimento econômico sem limites).

O ambientalismo aponta, assim, mudanças em várias dimensões da vida social. Conforme Leis (1999, p.53-54), esta compreensão do ambientalismo é a que mais se aproxima do entendimento de sua complexidade, estabelecendo uma clivagem, no conjunto da sociedade contemporânea, entre “forças conservadoras predatório-perdulárias e forças transformadoras que apontam na direção de um mundo ecologicamente sustentável”.

De fato, o enfoque adotado pelo autor vai além das duas primeiras posições. O autor acredita que, como movimento histórico-vital, o ambientalismo permite dar relevância à multiplicidade de suas expressões e interações, enfatizando a importância do papel dos diversos setores existentes (de moderados a radicais, técnicos e políticos, não-governamentais e governamentais, cientistas, empresários, etc). A perspectiva histórico-vital percebe o conflito e a cooperação atravessando e redefinindo o comportamento dos diversos setores e atores sociais em termos de suas orientações favoráveis ou contrárias a uma relação equilibrada entre sociedade e natureza.

A introdução da questão ambiental produz, portanto, a clivagem principal e decisiva (civilizatória) da sociedade contemporânea, instalando no seio de cada um dos setores e atores sociais tradicionais uma nova e mais estratégica possibilidade, tanto para o conflito como para a cooperação (LEIS, 1999, p.55).

Uma ação civilizatória implica uma preferência de gosto (uma estética) e não apenas cálculos racionais ou materiais. Ou seja, as origens do ambientalismo conduzem a um conjunto de novas idéias e sensibilidades, as quais configuram o que o autor denomina de “fase estética”. Tal fase deve ser compreendida como um espaço complexo de criação intelectual, no qual são combinadas as visões de artistas, cientistas e políticos; no qual a arte e a utopia se encontram com a realidade.

Vale a pena lembrar que, como destaca Leis (1999, p.56), “a utopia se confunde com a arte em momentos históricos onde se abrem para a humanidade novas opções civilizatórias, já que estas implicam sempre em novas opções de sensibilidade, de valores e de racionalidade”.

Mesmo querendo e tentando ser “ecologicamente correto” o homem contemporâneo não consegue, efetivamente, discutir nem seus padrões de consumo, nem as fragmentadas formas de governos institucionais homogeneizantes, o que dirá seus resultados perversos. Mas, ainda assim, podemos concordar com o autor que o mundo tornou-se repentinamente frágil e pequeno - pois se mostra global - e a sobrevivência, por sua vez, depende de escolhas vitais e conscientes.

Escolhas estas que começam pelas coisas simples da vida, pelas formas de percepção e aceitação do outro, do diferente, do novo e, igualmente, pelas recentes, sensíveis e instigantes formas de relação com a natureza, aqui exemplificadas pelas atividades de aventura.

Provavelmente, uma das piores heranças que o século XX recebeu do passado é a noção de que o progresso humano baseia-se na superação de todo e qualquer obstáculo por meio das forças do trabalho e da tecnologia, o que supõe uma liberdade conquistada à custa da degradação do meio ambiente. “O peso ambiental dessa herança pode ser medido pelo grau de dificuldade para compreender as enormes implicações teóricas da questão ambiental” (LEIS, 1999, p.206).

As visões humanas contemporâneas, as quais tendem a separar os seres humanos da natureza, contrasta-se com a possibilidade conquistada pelo ambientalismo para legitimar a visão de um mundo organizado afetivamente. Serres (1991) atribui a possibilidade de superar as violências contra a natureza, cometidas ao longo da história, à condição de verdadeiro ponto de transformação da história humana, em que se encontrariam os dois contratos (natural e social), fundamentais à civilização. Segundo o autor, a humanidade perdeu os elos que a prendiam ao mundo e ao tempo, devido aos contratos exclusivamente sociais empreendidos. A recuperação, a re-ligação de tais elos somente será possível por meio da manifestação de relações mais afetivas e solidárias, pois, sem elas, é inviável que pensemos uma ligação entre natureza e humanidade.

No Brasil, Viola e Leis (1995) perceberam que o movimento - iniciado por minorias de cientistas e militantes ambientalistas, reunidos pela denúncia de agressões e da defesa dos ecossistemas - ampliou-se, conquistando novos espaços e ganhando a característica multissetorial atual. O foco de atenção expandiu-se, incluindo questões como a ecologia política, a questão demográfica, ética, a relação entre desigualdade social e degradação ambiental, as relações norte-sul e a busca efetiva de um novo modelo de desenvolvimento. Traçou-se, então, o

perfil de um novo movimento portador de um projeto de mudança universalizante, capaz de articular diferentes setores sociais de agências governamentais, da universidade, de movimentos comunitários, de ONGs, de empresas, etc. A identidade que marcava esses setores se fundava no interesse pelo desenvolvimento sustentável.

Como destaca Ferreira (1999, p.37), “o ambientalismo surpreendeu a todos” ao começar a mostrar intenções mais abertas de sua constituição como ator capaz de ir além das classes médias para dialogar com diferentes segmentos sociais e ao ultrapassar suas próprias idéias, anteriormente determinadas, na oposição a uma sociedade predatória e imediatista, esboçando um novo projeto de sociedade.

O *ethos* do ambientalismo pode ser entendido como uma aventura espiritual-civilizatória dos indivíduos contemporâneos, supondo uma novidade inesperada para o mundo atual. O desafio ambientalista transcende o objetivo de tornar sustentável qualquer modelo da sociedade moderna. O ambientalismo, depois de completado seu ciclo de formação, cumpre sua missão histórica “morrendo como projeto ou utopia da modernidade e renascendo como aventura” (LEIS, 1999, p.231).

Ao longo do desenvolvimento do movimento ambientalista é possível percebermos uma diversidade de compreensões do conceito de natureza e as respectivas ações (e, também, ausência delas) advindas daí, nas diferentes esferas da vida humana. Apresentadas estas idéias introdutórias, nosso próximo passo é entender o estabelecimento da relação entre as atividades de aventura e a natureza, o que requer, de antemão, visualizarmos tal relação em profunda ligação com o contexto sociocultural e político, no qual o ambientalismo está inserido e que acaba de ser brevemente apontado. Ou seja, as atividades de aventura na natureza só podem ser compreendidas a partir das formas como se inter-relacionam a um contexto histórico mais amplo, constituindo-se em um fenômeno, igualmente, sociocultural, portador de ideologias e concepções contestadoras (e contestadas) e em constante transformação.

4 Aventura e natureza

Pode ser que para outro mundo
eu possa levar o que sonhei,
mas poderei levar para outro mundo
o que me esqueci de sonhar?
(PESSOA, 1944)

Para continuar a trajetória pretendida, vejo-me diante da necessidade de, antecipadamente, esclarecer a concepção que eu tenho tido acerca dessas práticas, justificando a minha opção pela expressão “atividades de aventura na natureza”.

De antemão, é importante mencionar a existência de diversos termos que pretendem designar e caracterizar estas práticas, tais como: esportes de aventura, atividades *outdoor*, esportes radicais, atividades físicas de aventura, esportes selvagens, dentre tantos outros. Talvez essa própria falta de consenso sobre a terminologia mostre a impossibilidade de se fechar em conceitos do que realmente venham a representar. Contudo, não é pretensão, neste estudo, aprofundar-me nesta questão, uma vez que outros aspectos, relativos às aventuras na natureza, mostram-se muito mais carentes de intervenções e investigações e, uma vez aprofundados, poderão, posteriormente, contribuir para a discussão terminológica do fenômeno.

Atividades de aventura na natureza foi o termo, por mim, eleito para designar as diversas práticas manifestadas, em diferentes locais naturais (terra, água e/ou ar), cujas características se diferenciam dos esportes tradicionais, tais como as condições de prática, os objetivos, a própria motivação e os meios utilizados para o seu desenvolvimento, além da necessidade de inovadores equipamentos tecnológicos possibilitando uma fluidez entre os praticantes e o meio ambiente. Elas são imbuídas por uma série de valores e conceitos que pertencem às novas tendências culturais características das sociedades contemporâneas.

Portanto, a opção pela terminologia atividades de aventura na natureza se deve justamente à amplitude de compreensões e sentidos que a expressão pode abarcar. Desta forma, sem pretender reduzir e engessar o conceito, apenas delinheiro algumas características para melhor visualização do tema.

Estou entendendo-as como práticas cercadas por riscos e perigos, na medida do possível, calculados, não ocorrendo treinamentos intensivos prévios (como no caso dos esportes tradicionais e de práticas corporais como a ginástica e a musculação). A experimentação acontece de maneira mais direta, havendo um afastamento de rendimentos planejados. Os esportes tradicionais envolvem, necessariamente, outras questões, tais como: regulamentação, institucionalização, competição, dentre outras, e é preciso lembrar, também, que eles compartilham de valores exaltados na modernidade, tais como: esforço, superação, produção, competitividade, vitória, treinamento, sacrifício, etc. Por sua vez, as atividades de aventura na natureza anunciam uma nova perspectiva que rompe estas características e valores ou os vivencia, em última instância, de maneiras bastante diferenciadas, supondo uma alternativa ao esporte tradicional e correspondendo a um novo modelo de sociedade contemporânea (BETRÁN, 1995).

A identidade diferenciada desses tipos de atividades de aventura na natureza provém de aspectos práticos ou materiais e, também, de sua dimensão imaginária ou simbólica, na qual a aventura aparece como uma cenografia e as ações são subordinadas às percepções e riscos reais e imaginários (FEIXA, 1995).

Durante essas situações de aventura, o corpo passa a ser um campo informacional, concebido como receptor e emissor de informação e não como mero instrumento de ação ou coação. Os corpos chegam a enfrentar determinadas regras de realização constantemente revisáveis e sempre submetidas à apreciação dos praticantes, diante de importantes tomadas de decisão.

Saulo dá algumas pistas para entendermos melhor tais atividades:

na aventura, você tem que cumprir alguns planejamentos. Há pontos pré-determinados e, se ocorrerem imprevistos, a gente tem que acelerar na velocidade e tudo pode acontecer ali, mas o que vale é estar disposto a superar isso. Ajudando os outros e a você mesmo; inclusive superando limites físicos e emocionais. Também não podemos esquecer do enfrentamento das condições climáticas porque você está lá como uma formiguinha, não tem como segurar nenhuma intempérie; vai vir chuva, você toma chuva; vai fazer frio, você passa frio; mas o que supera isso tudo é a visão que você tem lá de cima, tudo o que seu corpo sente, tudo o que você pensa, quando chega no topo.

O corpo experimenta desde efeitos de fadiga e de exaustão, as diferenças de temperatura e a força do vento e da água, até as sensações de prazer e alegria advindas do contato

com a água refrescante de uma cachoeira, da tranquilidade transmitida pelo som dos animais e pelo perfume exalado de flores e plantas. Assim, o corpo passa a ser um lugar de mediação e as relações entre natureza e cultura se afluam nesse corpo. Tais transformações culturais do corpo contribuem para que o aventureiro consiga experimentar diferentes locais de formas distintas. Portanto, há um sentido corporal intenso envolvido na experiência.

Há um consenso, por parte de estudiosos do tema (POCIELLO, 1995; BETRÁN, 1995 e outros) no que se refere ao período de 1970 como marco das atividades de aventura, principalmente nos países economicamente avançados, cuja principal atividade difundida foi o surfe.

Tais atividades foram se desenvolvendo, ao longo de 1980 e, até nossos dias, conforme níveis de organização e controle acerca dos perigos inerentes à prática, tendo como respaldo significativo o avanço tecnológico voltado aos equipamentos esportivos específicos, os diversos recursos empregados e os meios de comunicação.

Essas atividades requerem os elementos naturais para o seu desenvolvimento, de formas distintas e específicas, despertando novas sensibilidades, em diferentes níveis. As intensas manifestações corporais, aí vividas, permitem que as experiências na relação corpo-natureza expressem uma tentativa de reconhecimento do meio ambiente e dos parceiros envolvidos, expressando, ainda, um reconhecimento dos seres humanos como parte desse meio (MARINHO, 2001b).

Bruhns (2003) enfatiza que a experimentação dessas novas emoções e sensibilidades pode conduzir os seres humanos a diferentes formas de percepção e de comunicação com o meio em que vivem. Tal consideração alerta para a necessidade de compreensão sobre os diferentes significados que a relação dos seres humanos junto à natureza tem assumido, bem como suas peculiaridades, seus desafios, suas reproduções, sua resistência, sua inserção na indústria do entretenimento, seu aspecto educativo mas, principalmente, sua proposta para uma nova experimentação lúdica do corpo contemporâneo.

As informações devem ser precisas e, em certas circunstâncias, as tomadas de decisão devem ser rápidas. O mergulho, a vertigem, a velocidade, os desequilíbrios e as quedas são características presentes nessas práticas, possíveis a quaisquer pessoas, pois o desenvolvimento e aprimoramento tecnológicos proporcionam o deslizar-se no ar, na água e na superfície terrestre, concretizando, como aponta Betrán (1995), alguns sonhos de aventura.

O prazer de adaptar-se e de integrar-se ao dinamismo da natureza, de superar suas formas majestosas, comporta um jogo cambiante de dimensões, normas e emoções. Por sua vez, a combinação constante e paradoxal de ansiedade, prazer e excitação, leva muitos praticantes a valorizar as atividades na natureza como apaixonantes, excepcionais e divertidas.

As descrições de Magno sobre suas experiências na condução de grupos nos dá indícios das sensações de prazer em conhecer e em estar na natureza:

a partir do momento em que são diferentes da rotina, do dia-a-dia das pessoas, eu acho que estas atividades são uma aventura sem dúvida, representando uma busca pelo novo, pela possibilidade de fazer e conhecer coisas diferentes. As pessoas quando vêm pra cá, pra fazer trilhas, elas vêm fascinadas pela natureza, vêm querendo conhecer a região, querendo saber quais são os lugares mais bonitos, mais gostosos. É engraçado, quando elas chegam, a primeira pergunta que elas fazem é: "qual é o lugar mais bonito?". Eu sempre respondo que o lugar mais bonito é o lugar que a gente está naquele dia.

As atividades de aventura na natureza oferecem oportunidades não apenas para a aprendizagem e vivência de tomadas de decisões instantâneas em momentos específicos de cada prática, mas também desperta para o desenvolvimento de uma sensibilidade ambiental mais profunda. Por isso é particularmente importante reconhecer como os valores coletivos influenciam nos processos de decisões em tais práticas. Talvez, uma das características mais marcantes das atividades de aventura na natureza seja justamente a manifestação de valores como a cooperação, em detrimento da agressão e da competição.

A necessidade (dependência) da confiança aliada ao desejo de estar junto com o outro integra uma dose de sensibilidade, sendo que o prazer de estar junto, também, pode ser observado em múltiplas situações durante a caminhada, a escalada, ou outro tipo de atividade na natureza. Observando-se ou tocando-se, seja qual for a forma de manifestação desse sensível, este será o substrato do reconhecimento e da experiência entre os membros do grupo.

Da mesma forma e, em alguns momentos, nessa relação há, também, o desprazer de estar junto. Por mais que esse tipo de união apague certas diferenças, os conflitos existem e fortificam o grupo. "A tensão das heterogeneidades, umas com as outras, tenderia a assegurar a solidez do conjunto" (MAFFESOLI, 1998b, p.142).

Tais atividades de aventura permitem um tipo especial de aprendizado, no qual está presente certa sensibilização, revelado a partir do conhecimento do ambiente decodificado via informações corporais.

Nesse contexto, as atividades de aventura vêm, de formas distintas e específicas, despertando sensibilidades em relação ao mundo como denominador comum, um lugar com seus limites e fragilidades, carente de cuidado e proteção.

Estas atividades, conforme Betrán (1995), representam maneiras diferenciadas de relação com o corpo, convertendo-se em elementos sociais que produzem e acompanham o pensamento coletivo. A prática de atividades de aventura na natureza desponta desta forma: impulsionada pelo desejo de experimentar algo novo, emoções prazerosas, utilizando-se da tecnologia infiltrada na esfera da recreação e do lazer.

Os aventureiros envolvidos em tais práticas parecem estar fortalecendo um novo estilo de vida, em busca de práticas mais excitantes que brincam com o risco e com o perigo em um jogo, no qual os parceiros e os equipamentos tecnológicos compõem a dinâmica a ser vivida.

Le Breton (2006, p.96) afirma, inclusive, que, nessas atividades, o risco é um simulacro em que os aventureiros brincam mais com a sua idéia que com sua efetivação. “Deseja-se o risco, mas sem o risco”.

Expostas estas primeiras idéias, torna-se mais fácil prosseguir com as discussões sobre aventura e natureza. De antemão, é importante salientar que é recente a produção científica (filosófica, sociológica, antropológica, etc.) sobre as atividades de aventura e suas interfaces com a natureza, tornando esta iniciativa complexa, porém desafiadora.

Para a continuação do desenvolvimento deste capítulo irei me respaldar, principalmente, nas idéias de Bart Vanreusel (1995). Este autor se refere à realidade européia; contudo, as análises e discussões apresentadas podem ser generalizadas para a realidade brasileira, desde que isto seja feito de forma adequada.

A busca pelo “esporte ao ar livre” (expressão utilizada pelo autor) e o conceito de consciência ambiental parecem ter se desenvolvido completamente independentes um do outro com o passar do tempo. Os poucos pontos de contato que existiam sugeriam uma figura idealizada de indivíduos praticando seu esporte em grandes ambientes ao ar livre, em uma harmonia quase perfeita com seus arredores naturais. Entretanto, os entusiastas de esportes ao ar

livre podem, justamente, ser descritos como a vanguarda do movimento ecológico: escoteiros, praticantes de caminhadas e de canoagem, os quais foram, antes de tudo, herdeiros diretos da mitologia dos primeiros caçadores, bem como de suas técnicas utilizadas. Bem antes de as atividades ao ar livre terem se tornado “esportes institucionalizados”, elas já estavam sendo perseguidas pelos interesses da ciência natural. Os primeiros escaladores alpinos, por exemplo, viam-se como pesquisadores ambientais.

Em termos de contextualização histórica, Vanreusel (1995) destaca, sinteticamente, três principais movimentos que representaram o esporte atrelado à natureza. O primeiro, entre os séculos XVIII e XIX, como o aumento das ginásticas filantrópicas em locais abertos e áreas de exercício situadas em locais naturais como uma reação contra os exercícios realizados em salões fechados. O segundo movimento aparece no final do século XIX quando a busca pela aptidão física foi caracterizada pelos exercícios ao ar livre com o intuito de disciplinar o corpo. Os escoteiros e guias, os quais adotaram a vida ao ar livre como modelo educacional, são exemplos deste período. Por volta de 1960 e 1970 emerge o terceiro movimento fortemente manifestado pelo interesse na corrida. A troca do *cooper* solitário pelas maratonas de massa testemunhou, de fato, uma nova relação com o meio natural. Contudo, ainda, não existia nenhuma crítica, pelo contrário, as atividades ao ar livre floresceram em face de sua reputação como práticas altamente amigáveis em termos ambientais procuradas por amantes da natureza.

Vanreusel (1995, p.274) enfatiza que o primeiro estudo sobre as relações entre o esporte e o meio ambiente se referia justamente às qualidades da “natureza como um meio ambiente de esporte para todos”, mas que, no entanto, poucos esforços foram feitos, neste período, para discutir os possíveis problemas ecológicos relacionados aos esportes ao ar livre.

Contudo, pouco tempo depois, foi exatamente a democratização dos esportes ao ar livre a responsável pela origem do primeiro atrito visível entre a busca pelo esporte e a proteção ambiental. Talvez fosse mais sensato afirmar que a origem de tal conflito foi a falta de um projeto de desenvolvimento adequado e não necessariamente a suposta democratização, uma vez que as atividades de aventura, no contexto atual, muitas vezes, recebem o rótulo de práticas elitistas, haja vista que nem todos têm o mesmo acesso, salientando as desigualdades sociais existentes.

Inclusive, vale comentar que esta foi uma preocupação apontada na entrevista de Magno:

quem não tem condição de viajar no final de semana; não tem condição de praticar um esporte; como fazem as pessoas de baixa renda que não têm acesso a nada do que estamos falando? Estas atividades não estão popularizadas como deveriam e, talvez, nunca sejam.

Retomando a discussão empreendida, pode-se afirmar que o aumento profundo neste tipo de atividade esportiva ao ar livre levou, inicialmente, a um número de conflitos em uma escala limitada e local. Mas os conflitos locais entre os esportes recreacionais e a conservação da natureza, desde então, têm se estendido para quase todas as regiões que contêm características atrativas naturais, tais como parques e outros tipos de unidades de conservação. Conseqüentemente, o que foi antes tratado como um problema periférico tem se desenvolvido, agora, em torno de um conflito existencial com relação à busca pelos esportes ao ar livre e a aceitabilidade social dos mesmos.

A utilização do ambiente natural para a busca de atividades na natureza passa, então, a ser cada vez mais criticada e questionada, principalmente em unidades de conservação, uma vez que tais atividades ocorrem privilegiadamente nestes locais.

As unidades de conservação são consideradas como uma forma especial de área protegida, constituindo-se em espaços territoriais com características naturais relevantes, legalmente estabelecidas pelo poder público, com objetivos conservacionistas, sob regime específico de administração, às quais são aplicadas garantias apropriadas de proteção. Contudo, nem sempre estas características foram as prevaletentes.

Atualmente, o Brasil dispõe de um quadro de unidades de conservação bastante amplo. As unidades de conservação federais administradas pelo IBAMA somam aproximadamente 45 milhões de hectares, sendo 256 unidades de conservação de uso direto e indireto (BRASIL, 1997).

Alguns parques nacionais têm se mostrado bastante importantes no contexto regional, principalmente onde o turismo é uma das principais atividades econômicas, permitindo uma importante inclusão na economia local ao gerar empregos diretos (funcionários) e indiretos (pousadas, campings, monitores e guias ambientais, alimentação e artesanato) com repasse de recursos da arrecadação para o município. Dos pontos de vista econômico, político e sociocultural, parece ser desastroso o término dessas atividades como desculpa para a manutenção da biodiversidade local. Contudo, a atividade econômica não tem demonstrado os

resultados positivos percebidos constantemente no discurso daqueles que defendem a utilização intensiva das unidades de conservação.

Os problemas com o desenvolvimento da visitação em unidades de conservação estão relacionados a inúmeros fatores, dentre eles: falta de recursos humanos em geral; ausência de infra-estrutura adequada; pouca capacitação profissional; falta de informações e orientações adequadas aos visitantes; além da indefinição da situação fundiária de várias unidades; invasões e presença de populações humanas em unidades de uso indireto⁴.

Percebe-se, ainda, que os obstáculos não se resumem à falta de recursos financeiros. A fragilidade do sistema de unidades de conservação extrapola aspectos desta origem, estando, também, atrelada à falta de capacidade dos órgãos governamentais em proporcionar instrumentos adequados ao seu manejo e proteção. É preciso lembrar, igualmente, que uma grande parte de áreas protegidas enfrenta ameaças advindas da expansão urbana e de projetos de infra-estrutura (estradas, rodovias, barragens), sem contar a caça e as queimadas predatórias (RYLANDS; PINTO, 1998).

Da mesma forma, os recursos obtidos com a venda de ingressos e com outras atividades e produtos demoram a retornar à fonte original, quando voltam. Graziano et al. (1998) discutem justamente como as rendas geradas pelo ecoturismo, em geral, pouco estão beneficiando as populações locais, onde este ocorre, permanecendo concentrada nos agentes intermediários oriundos dos centros urbanos, bem como em empreendimentos externos.

Neste sentido, mesmo que seja possível o desenvolvimento de projetos de geração de renda, em algumas unidades de conservação, particularmente aquelas propícias ao ecoturismo, planejamento e investimentos prévios se fazem necessários, ou, então, corre-se o risco da degradação da área e da baixa taxa de retorno dos recursos gerados para a sua manutenção.

Por todas estas questões, pode-se acreditar que, por um lado, o sistema de unidades de conservação brasileiro representa um avanço bastante significativo para o país; contudo, por outro lado, ele também representa uma base, ainda, muito delicada, carente de reflexões e intervenções.

É neste quadro que se pode perceber a emergência de um possível conflito entre aventura e natureza. Por um lado, a busca por atividades de aventura na natureza tem seus valores

⁴ 36% das unidades federais possuem conflitos devido à presença de ocupação humana (BRASIL, 1997).

baseados na qualidade ecológica e, ao mesmo tempo, estas próprias práticas começam a contribuir para que se coloque em questionamento o conceito de qualidade ambiental e social.

A visão crescente do ambiente natural como um território para diferentes praticantes de atividades ao ar livre tem, também, conduzido a uma mudança na forma como a sociedade procura pela natureza. Conforme Vanreusel (1995), os primeiros praticantes de esportes ao ar livre defenderam uma visão idealizada da natureza como um mundo ecologicamente harmonioso. Sob a influência da crescente consciência ambiental, a natureza foi redefinida como um ambiente racional. O conhecimento e a administração do ambiente e a satisfação da qual os seres humanos são dependentes e responsáveis pela qualidade ambiental é central para esta definição racional, a qual, por sua vez, está implicitamente sustentada pelas mais diversas expedições científico-recreacionais.

O significado da natureza foi alterado como consequência do número crescente de participantes, da diversidade das atividades e da transformação gradual nos valores vinculados aos aspectos dessas atividades esportivas. Essas alterações nas representações da natureza resultam de uma mudança nos valores que sustentam a “democratização” das atividades na natureza, os quais influenciam a imagem pública geral do que constitui a natureza.

Vanreusel (1995), ao chamar a atenção para a alteração da imagem desses interessados, afirma que a visão cultural deles está longe de ser a de um aliado do meio natural que vive na e com a natureza, comportando-se de acordo com princípios ecológicos (imortalizado no tipo “Bambi”). Ao contrário disso, na maioria das vezes, os entusiastas de esportes ao ar livre estão sendo vistos como destruidores, poluidores da natureza e aventureiros que simplesmente se unem às expedições esportivas, esmagando as sutilezas e os refinamentos ecológicos (o tipo “Rambo”).

Embora o autor tenha chamado a atenção para os aspectos complexos da natureza, ele se concentrou em atividades como esqui, alpinismo e iatismo e não questionou, explicitamente, o conceito do esporte propriamente dito. Vanreusel (1995) problematiza essas atividades, identificando os valores e as ações variáveis dos praticantes. Embora aparentemente, a conceituação do esporte pareça igual, os valores, as ações e as relações com a natureza, que dão base a tais atividades, mudaram com o passar do tempo. Eles passaram de algo que se pode atribuir como sendo “carinhoso” ou “amoroso” a algo “destrutivo”, “agressivo”, segundo o que é incorporado nas imagens de “Bambi” e “Rambo”.

Vale lembrar, aqui, que as pessoas entrevistadas neste estudo alertam para o oposto, assinalando inúmeras iniciativas muito mais voltadas a um cuidado para com a natureza; por isso, acredito ser mais sensato afirmar que existem, atualmente, diferentes nuances entre os tipos “Bambi” e os tipos “Rambo”, afinal, nem todos destroem, mas também nem todos preservam.

Esta visão contraditória dos praticantes de atividades ao ar livre é permeada por um processo de mudanças social e cultural, o qual tem se apoderado de tais práticas ao ar livre em diferentes níveis. O advento destes novos praticantes não tem somente levado a uma multiplicação e a uma diversificação das atividades esportivas ao ar livre, mas, também e, fundamentalmente, alterado todo o significado social das atividades esportivas na natureza. Neste mesmo contexto, portanto, o conceito de natureza tem sido socialmente redefinido. Desde então, os diferentes tipos de usuários têm dado diversos significados para a natureza, a qual deixa de ter um conceito singular, único, e passa a ter um conceito plural.

Neste sentido, Vanreusel (1995) acredita que este processo de mudanças social e cultural deveria servir como um ponto de partida para o desenvolvimento de uma abordagem socioecológica com relação à busca por atividades realizadas na natureza. Por esta razão, segundo o autor, a mudança na imagem do entusiasta de esportes ao ar livre de um amigo ecológico para um inimigo ecológico deveria ser melhor discutida.

Partindo, então, de uma abordagem ecologicamente sensível, o autor propõe um modelo, com base ética, para uma abordagem socioecológica capaz de implementar as discussões entre a prática das atividades na natureza e a proteção ambiental. O mais alto nível ético não deve ser mais centralizado nos seres humanos, ou na visão de que o ambiente está ali para servi-los para fins recreativos, por exemplo. Ele, agora, deveria basear-se em uma interdependência indissolúvel entre os seres humanos e seu ambiente. As pessoas não vivem e brincam no ambiente natural, mas convivem e brincam com o ambiente, do qual elas fazem parte, devendo respeitar como deveriam respeitar a si mesmas.

A este respeito, a contribuição de Schwartz (2000, 2001, 2002) é pertinente. A autora percebe justamente aí um grande impasse: os seres humanos desrespeitam seus próprios sentidos, negligenciando, muitas vezes, experiências de ordens estética e lúdica, deixando de valorizar elementos relacionados ao prazer, à afetividade, à emoção e à espontaneidade,

articuladas no contexto cultural, como responsáveis pelo desenvolvimento significativo das ações humanas. O que, por sua vez, acarretará no desrespeito para com a natureza.

Partindo deste pensamento, Schwartz (2001, p.54) propõe a implementação de uma atitude ecológica responsável em cada indivíduo, para que uma nova forma de percepção da natureza seja processada, não apenas de fora de seu próprio corpo, mas na qual “o corpo seja entendido como o próprio espaço ecológico das realizações conscientes e onde o equilíbrio com a natureza seja o sentido da busca do próprio equilíbrio interior”.

Muitas vezes, a satisfação trazida pelas atividades na natureza, particularmente aquelas de cunho competitivo, relaciona-se a uma espécie de (pseudo) aventura, produzindo uma definição bastante reduzida da natureza, a qual passa a ser encarada como um mero local de atividades, cujo propósito é limitado a servir às necessidades do praticante que procura por satisfação e prazer. A natureza, levada, então, a um segundo plano é redefinida como um ambiente coincidentemente útil e agradável, atrativo e conveniente para as atividades esportivas. O conhecimento e a proteção ambiental, neste contexto, parecem ser irrelevantes.

Nesta direção, Sant’Anna (2001) afirma que a utilidade pública das antigas opções de lazer parece esmaecida diante do colorido internacionalizado das roupas esportivas atuais e das atividades que buscam aliar diversão a superação dos próprios limites, controle das emoções, liberação de adrenalina⁵, tecnologia a ecologia, precisão dos gestos a evasão dos sentidos.

Aqui, a compulsão pela satisfação e pela aquisição do novo a qualquer preço, de certa forma, produz diferentes liberdades; contudo, também pode criar novas insatisfações. A natureza, então, deteriora-se, torna-se meramente uma área de atividade cujo propósito é simplesmente servir às necessidades do praticante esportivo que busca satisfações, emoções e liberdades.

A infra-estrutura necessária, por exemplo, para o desenvolvimento das corridas de aventura, assim como a introdução da neve artificial, o desflorestamento para construção dos mais diversos tipos de pistas e o desgaste de cavernas são alguns dos resultados diretos de uma redefinição da natureza como simples símbolo, cenário, tornando-se metáfora para os obstáculos que possam surgir.

⁵ O termo “adrenalina” é utilizado por muitos adeptos para expressar a euforia que algumas atividades de aventura podem causar.

Finalmente, em uma visão contemporânea da natureza, as imitações artificiais de elementos da natureza são construídas como substituições para as coisas reais. Portanto, não somente as atividades esportivas ao ar livre mas, ultimamente, a própria natureza é dispersada e retirada do seu contexto original e reconstruída em um outro ambiente. Na contemporaneidade, as pessoas são familiarizadas com as rochas artificiais para escalada, com as pistas *indoor* de esqui, com piscinas que simulam ondas, entre várias outras possibilidades.

Vale a pena nos remeter a alguns estudos específicos sobre os ambientes artificiais de aventura para destacar que a instauração destes espaços para atividades, inicialmente e comumente desenvolvidas na natureza, não tem relação apenas com a degradação da qualidade de vida nos centros urbanos (poluição, ausência de verde, violência, trânsito, etc.), numa tentativa de trazer porções de natureza para revitalizar tais espaços, mas transcende esta perspectiva (MARINHO, 2001a, 2005; MARINHO; BRUHNS, 2005).

Tanto as atividades de aventura praticadas na natureza, quanto aquelas realizadas em ambientes artificiais, possuem características específicas, influenciam (e são influenciadas) no meio em que ocorrem, por isso a interpretação e o entendimento das mesmas se fazem necessários em contextos adequados e, igualmente, específicos.

Remetendo-nos às formas de isolamento e de fragmentação da vida contemporânea, o surgimento de novas tecnologias, criadoras de novas possibilidades no lazer, conduzem-nos a um repensar sobre os significados de proximidade, distância, individualidade, sociabilidade, mobilidade, meio ambiente e natureza. Neste sentido, mesmo os espaços artificiais podem despertar as pessoas para questões relativas ao meio ambiente, contribuindo com diferentes sensibilizações pessoais e coletivas.

A dinâmica das atividades de aventura, vivida nos ambientes artificiais, em plenos centros urbanos, transcende estas questões, assim como a simples necessidade de reposição das forças de trabalho ou a liberação de estresse - aspectos comumente transmitidos pela mídia. Tal dinâmica constitui-se em uma oportunidade de novos laços de sociabilidade serem estabelecidos, lembrando que o convívio entre as pessoas também pode ser prazeroso, representando uma interessante forma de entretenimento e encontro (MARINHO, 2001a, 2005; MARINHO; BRUHNS, 2005).

Não são apenas o número de praticantes e a diversidade das atividades de aventura na natureza (e no ambiente urbano) que têm aumentado, mas, também, como citado

anteriormente, pode-se perceber uma alteração nos valores relacionados a tais práticas. Vanreusel (1995) alega esta alteração a três questões básicas. A primeira relaciona-se aos valores ecológicos, focalizando principalmente as qualidades do ambiente natural, no qual o indivíduo pratica sua atividade. A segunda, refere-se aos valores tecnológicos, ligados a importância dos equipamentos, estilos, técnicas e tipos de atividades ao ar livre. Os valores de prazer pessoal constituem-se na terceira questão, centrada especialmente no indivíduo. No entender do autor, o prazer encontrado nas atividades ao ar livre, a aventura, o divertimento, a experiência, entre outros, precedem os valores ecológicos e tecnológicos.

Embora estes valores sempre tenham existido em combinação, pode-se observar uma mudança na ênfase dos mesmos. O desenvolvimento tecnológico relativo aos equipamentos específicos dessas práticas levou a uma mudança no interesse pelo ambiente natural e pelos significados desses aparatos tecnológicos que capacitam (e até potencializam) as pessoas a se entregarem a uma aventura.

Uma tecnologia, voltada única e exclusivamente para o fornecimento de equipamentos esportivos, desponta a cada dia. A tecnologia, ao se modernizar, de acordo com cada época, supri e suscita novas necessidades, sendo delineada (e delineando) traços de diferentes culturas. Portanto, a tecnologia não deve ser entendida apenas como uma lógica funcional e fria, pois é sensível aos fascínios, desejos e necessidades culturais de grupos e sociedades. E, por sua vez, os adeptos de atividades de aventura - como personagens de uma atividade cultural contemporânea - induzem ao aprimoramento tecnológico (MARINHO, 2001a).

A tecnologia não transformou apenas os corpos, mas também nossa base de percepção e experimentação. A organização tecnológica não se situa fora do ambiente; ela é cada vez mais assimilada por nossos olhares e incorporada por nossos hábitos. Featherstone (1997) relata que começamos a habitar uma cultura tecnológica, no sentido de que a cultura é produzida cada vez mais por meio da tecnologia, e nossa capacidade de compreender e experimentar essa cultura é mediada e estruturada por ferramentas perceptivas, tais como: viagens, filmes, etc.

Neste contexto, retomando as idéias de Vanreusel (1995), parece que a natureza perdeu espaço naquela hierarquia de valores dos praticantes de atividades ao ar livre. Atualmente, o foco central, dessas práticas, tem se voltado à busca pelo prazer e pela satisfação pessoal, atrelados à questão tecnológica. Interesses estes que estão sendo cada vez mais externalizados e

influenciados, muitas vezes, entre outros fatores, pela crescente individualização percebida nas atividades ao ar livre.

Realmente, parece que, nas atividades de aventura, os praticantes evidenciam, cada vez mais, suas buscas por prazer e satisfação na natureza; porém, contrariamente ao que mostra o autor, tais praticantes não estão envolvidos em um processo de individualização, mas, sim, de relacionismo, no qual a cooperação e a solidariedade são características fundadoras.

Ricardo, comentando sobre uma de suas maiores aventuras vividas na natureza (uma viagem ao Chile, em que a trilha era totalmente inóspita a 4-5 mil metros de altura), dá indícios de que deve haver uma relação, no mínimo, de sintonia (de identificação) entre os membros do grupo.

No nono dia em que nós fizemos a escalada em gelo com equipamentos que não tínhamos tanta familiaridade, foi o extremo da aventura. Não sei se porque não temos isso aqui no Brasil, por não termos neve, não temos este tipo de escalada, ascensão em gelo, realmente foi a situação mais aventureira que eu já passei. A escalada em si foi muito difícil pela altitude e pelo sistema que a gente subiu: um ligado no outro (um encordado no outro) e tínhamos que ter uma sincronia de ritmo entre nós cinco, sempre seguindo o ritmo daquele que estava em cima. Às vezes, se um cansava e parava, o outro tomava um tranco pra trás porque a corda esticava. Então era perigoso! Tínhamos que estar sempre atentos um no outro, pois um dependia do outro.

A presença de uma sociabilidade fortalece a ligação social, estabelecendo situações de fusão, características de nossa atualidade. Como evidencia Maffesoli (1998b), diferentes vínculos sociais se formam, a partir de emoções compartilhadas e de sentimentos coletivos, sedimentando a dinâmica da vida cotidiana em uma espécie de relacionismo, como reação a uma perspectiva individualista.

Também é bastante pertinente o discurso de Rodney sobre este assunto:

mesmo que seja apenas uma trilha, o grupo mexe muito com as pessoas, favorecendo a interação; a confiança entre a equipe se torna mútua. Até pela simples situação onde há um obstáculo e um simples esticar da mão, já há ajuda, um pegando no outro, confiando no outro, precisando do outro. Esse contato exercita e firma laços no grupo. Na escalada, que normalmente são duas pessoas, esse relacionamento, esse contato, beira um relacionamento conjugal, de extrema importância que é. Existem discussões, porque é possível discordar; mas normalmente, existe um apoio. Por exemplo, primeiro, pra você começar a escalar, onde você vai abrir uma via, a outra pessoa vai fazer a sua segurança. Pra começar, você tem que confiar nessa pessoa cegamente; porque

se você cair e se essa pessoa não estiver atenta, você pode sofrer sérios acidentes. Então começa aí. Existe uma relação de confiança mútua. Como num relacionamento conjugal, existe também o incentivo. Normalmente você está numa via, de muita dificuldade, você não está conseguindo e a outra pessoa te apóia, diz "vai, você consegue; acredita, acredita" e você acaba conseguindo e tudo isso fortalece ainda mais o relacionamento.

As atividades realizadas na natureza, por grupos despreziosos, tais como ilustra o depoimento de Rodney, tratam-se de aventuras carregadas de sensações, na qual os praticantes colocam-se à mercê de riscos que são, a priori, fictícios. Os indivíduos entrelaçam-se nas rochas, nos botes, nos morros, confiantes em seus pares, na técnica e na segurança, possibilitadas pela tecnologia. Há uma mescla de audácia com a necessidade de rompimento com os obstáculos que possam existir, potencializado pelo sentimento de "ser capaz". Todo esse processo precisa de fluidez e esta só é oportunizada quando os praticantes se permitem estar em sintonia com o parceiro e com todo o aparato tecnológico da prática, como nas experiências apresentadas por Ricardo e Rodney.

Também não podem estar alheias a esta discussão a impressionante indústria de roupas e equipamentos, a multiplicidade de revistas especializadas, a admiração do público por façanhas arriscadas e a difundida exploração da propaganda sobre os diversos temas relacionados às atividades na natureza, pois indicam claramente como tais práticas estão sendo, muitas vezes, experimentadas como uma espécie de show. Compartilhando, neste caso, com a hipótese levantada por Vanreusel (1995), este quadro parece contribuir para a reversão da imagem dos praticantes de "amigos" para "inimigos" da natureza.

É nesta direção que é enfatizada a necessidade da existência de uma abordagem socioecológica para a busca de esportes ao ar livre, tendo em vista os efeitos nocivos que os mesmos, em sua maioria, têm causado no meio natural. A proposta do autor refere-se a uma abordagem socioecológica para o problema tratando da relação entre os praticantes das atividades ao ar livre (como uma realidade social da qual não se pode escapar) e a necessidade urgente de uma abordagem ecológica bem fundamentada.

A reconciliação das atividades de aventura com a natureza, sempre submetida a tantas ameaças, é reflexo do comportamento das sociedades como um todo. Em vários momentos da discussão até agora empreendida, foi possível notar que o mundo atual parece estar conspirando para o surgimento de uma cultura ecológica; porém, infelizmente, não se consegue,

ainda, entendê-la além de dados científicos reducionistas ou das informações superficiais e, muitas vezes, efêmeras da mídia.

O capítulo seguinte procura ampliar as análises deste fenômeno, apontando possibilidades de compreensão do termo aventura, de acordo com a visão dos praticantes, apresentando outras diferentes interfaces com os elementos risco, desconhecido e exploração.

Qual é a concepção de aventura dos praticantes e por que este termo é tão utilizado por eles? Para além disso, qual é a repercussão da aventura, vivida na natureza, quando associada ao cotidiano urbano? Estas são algumas das perguntas norteadoras das próximas discussões.

5 Aventura, risco, desconhecido e exploração

Pus o meu sonho num navio
 e o navio em cima do mar;
 depois, abri o mar com as mãos,
 para o meu sonho naufragar.
 (MEIRELES, 1995)

“Mas filho para que serve uma viagem dessas?”, perguntaram os tios de Amyr Klink, primeira pessoa a velejar sozinho, a bordo de seu veleiro *Paratii*, ao longo de cinco meses, com o intuito de circunavegar a Antártica (feito este nunca antes conseguido). Klink (2000, p.205) responde:

precisamente para nada, e não há de fato nada de útil em viajar meses a fio para simplesmente voltar ao ponto de partida. Porém a inútil circunavegação que eu completara era a minha realização mais deliciosa. Difícil explicar. Há montanhas de inutilidades na história da humanidade, atos e obras que se tornaram importantes pelo simples fato de estarem completos, pelo modo como foram feitos, pelo símbolo que representam. Completar a viagem era a mais importante tarefa que eu tinha pela frente.

Experiências deste tipo têm despertado o interesse de diferentes estudiosos, no sentido de desvendar a busca pela aventura. De acordo com alguns autores (EWERT, 1989; DONNELLY; WILLIANS, 1985), as atividades de aventura ocorridas em momentos de lazer e, ainda, de turismo (haja vista que muitas delas ocorrem ao longo de viagens), de alguma forma, parecem estar relacionadas com o elemento risco.⁶

É pertinente evocar Le Breton (2006, p.107-108), autor que tem investigado especificamente sobre as atividades de risco na natureza, focando práticas que, de fato, podem causar mortes. O autor desenvolve a idéia de “ordálio” (“provação extrema”) incorporado nas

⁶ Logo de início, deve ser considerada a principal diferenciação entre as palavras perigo e risco. Enquanto a primeira é imprevisível; a segunda é previsível e sua probabilidade pode ser calculada, de acordo com níveis de exposição dos envolvidos, entre outros aspectos. Contudo, vale destacar que a expressão risco tem sido utilizada indiscriminadamente tanto para práticas de risco real quanto imaginário.

atividades de risco como uma forma de “jogo liberado com a morte”. São emblemáticos, neste caso, o *base jump* (salto de uma altura mínima necessária para a abertura do pára-quedas), a escalada solo (praticada sozinho e sem utilização de nenhum equipamento), o esqui extremo (realizado fora das pistas convencionais e asseguradas), dentre várias outras modalidades.

O que, segundo Ewert (1989), marcadamente, define uma atividade de aventura é a busca deliberada pelo risco e a incerteza do resultado. O risco adquire um papel significativamente importante no que tange à satisfação com a experiência, sendo que o desejo de participar pode diminuir se tais riscos não existirem. Igualmente, o excesso de risco em uma aventura pode resultar na diminuição da satisfação e, até mesmo, na perda do desejo de participação.

Neste sentido, o elemento risco se constitui em uma construção multidimensional, na qual o reconhecimento e a pesquisa das dimensões psicológicas, físicas e sociais podem ter implicações relevantes na administração da experiência de aventura.

Vale lembrar que, apesar de, muitas vezes, as pessoas considerarem a palavra risco negativamente, por outro lado, ela também é associada à busca de resultados positivos. Para Swarbrooke (2003), as percepções do risco estão diretamente vinculadas à capacidade, à experiência e ao conhecimento da pessoa com relação à atividade de aventura.

Este autor, apoiado em algumas pesquisas sobre a temática, acredita que pessoas com altos níveis de experiência em montanhismo, por exemplo, tendem a perceber o risco como um desafio e não como um perigo. Ao invés de se sentirem ameaçadas pelo nível de risco nas montanhas, essas pessoas sentem que o risco contribui, de forma positiva, na aquisição de satisfação. Uma pessoa, então, que nunca praticou montanhismo, pode experimentar um nível de risco desconfortável e incontrolável; contudo, assim que esta mesma pessoa se familiarizar mais com tal prática passará a perceber o componente risco mais positivamente.

Para Ricardo, por exemplo, o risco constitui-se, de fato, em um dos aspectos motivadores da prática. O risco estimula e é um componente necessário para que a atividade seja considerada uma aventura para ele. Ricardo ilustra com uma de suas experiências.

Quando nós chegamos no topo também começou a nevar (em pleno meio dia) e a descida foi muito difícil. No meio da neve, com muito frio, vento e muito gelo, tivemos que fazer dois lances de rapel. Justo a descida que era pra ser tranqüila não foi devido à mudança climática que deu de repente. Chegou uma nuvem e fechou tudo de uma hora pra outra. Deu uma nevasca, ficou tudo

branco e, quando a gente chegou no trecho que acabaria a neve e era pra ser rocha e terra, virou uma camada grossa de neve e tudo complicou! Isso foi o pior! O pior ou o melhor, na verdade! A situação mais extrema, mais difícil, mais arriscada, mas que dava mais gosto de aventura!

O risco representa algo indissociável da aventura. Ele expressa uma probabilidade de que algo inesperado aconteça, apenas momentaneamente, podendo, igualmente, acarretar situações positivas e prazerosas e isso também foi detectado na fala de Ricardo.

Quando eu fiz uma prova de ironman, por exemplo, e outras provas difíceis de mountain bike, no momento ali do sofrimento, do risco, eu pensava: “nossa, nunca mais vou fazer isso”, “chega”, “tá bom”, mas quando passou uma semana, eu comecei a ter lembranças e já estava querendo alguma coisa pior que aquilo. No sofrimento, no risco, você jura que não vai fazer de novo, mas a hora que você chega, respira, vê que não está faltando nenhum pedaço, que sobreviveu, vem aquela vontade enorme de fazer de novo!

Pesquisando em estudos de autores, como os aqui abordados; em teorias de sociólogos, como Simmel (1988) e, até mesmo, em dicionários de Língua Portuguesa⁷, pode-se verificar que os conceitos de aventura estão, na maioria das vezes, relacionados, de alguma forma, com estas idéias de risco, imprevisto e incerteza.

Contudo, tanto quanto a busca por situações de risco, a base das atividades de aventura desenvolvidas na natureza também parece se aproximar da procura por situações novas, desafiadoras e transmissoras de novos conhecimentos.

Por isso, a iniciativa aqui empreendida é questionar se as definições e conceituações existentes são suficientes para uma compreensão mais aprofundada do termo aventura. Há a necessidade de serem inseridos outros elementos para a discussão, tais como: experiência subjetiva dos indivíduos e percepção do que é aventura. A consideração desses elementos pode conduzir a um entendimento mais amplo e, também, mais profundo da questão.

De antemão, é preciso enfatizar que o conceito de aventura é dinâmico e possui diferenças significativas quando são comparados determinados fatos e épocas.

⁷ Entre alguns significados da palavra aventura, no Novo Dicionário da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1975), é possível destacar os seguintes: “[...] experiência arriscada, perigosa, incomum, cujo fim ou decorrências são incertas [...]; acontecimento imprevisto, surpreendente, peripécia [...]”.

Na atualidade, Schwartz (2002) ressalta que a aventura passa a ser utilizada para a divulgação de mensagens positivas de vida, propondo a geração de auto-estima favorável, de certo status e, até mesmo, de uma possível noção de preservação.

A transmissão dessas mensagens positivas pode ser visualizada, nos mais variados meios de comunicação, a partir do uso da expressão aventura para o comércio de bens e serviços, tais como viagens, carros, seguros de vida, roupas, comidas, etc. Neste sentido, a aventura passa, até mesmo, a estabelecer um padrão de felicidade. Há que se refletir, além disso, sobre o apelo ecológico vazio de várias dessas iniciativas, as quais, muitas vezes, nada têm de ecológico.

Weber (2001) afirma que a experiência subjetiva da aventura dos indivíduos e suas próprias percepções podem não ser condizentes com certas classificações e definições de pesquisadores e estudiosos da área. Este fato, por sua vez, tem várias implicações na vivência, na pesquisa, na administração e no marketing das atividades de aventura na natureza. É preciso destacar, ainda, que fatores como: características da personalidade e experiências anteriores com as atividades interferem diretamente na percepção da aventura dos praticantes.

Portanto, nesta discussão, não se pode deixar de levar em consideração a subjetividade associada a maior ou menor predisposição para a exposição em atividades arriscadas. Magno mostra, por meio de sua entrevista, sua percepção e interesse pela aventura, bastante diferenciados dos de Ricardo.

Eu não sei se eu sou um grande praticante nem estimulador da aventura; mas talvez eu seja mais um bom estimulador e praticante da contemplação. Eu acabo chamando mais a atenção pras plantas, pra vegetação, pra possibilidade de encontrar bichos no caminho. Pra mim a aventura é muito mais estética que uma aventura física. É mais uma busca da imagem, do visual e isso tem muito a ver com a minha formação (atualmente sou fotógrafo) e acho que isso é uma outra forma de fazer turismo e de se aventurar no mato. É um outro olhar, eu diria.

Além disso, outros aspectos que, também, devem ser considerados, dizem respeito à tomada de decisão e ao ambiente. Sobre este último aspecto, Walle (1997) argumenta que o comportamento aventureiro é, geralmente, reconhecido não simplesmente por envolver lugares excitantes, pois nem todas as atividades ocorridas ao ar livre ou junto à natureza se

constituem em uma aventura. Cris, em seus depoimentos, dá indícios de concordar com isso, afirmando que:

nem sempre as atividades na natureza são uma aventura. Eu acho que o que caracteriza uma aventura é a novidade, o desafio de você ir para um lugar novo que você não sabe o que vai acontecer, como vai ser o percurso, você não sabe o que nem quem poderá encontrar no caminho; tem um começo, mas você não sabe como será o fim. Às vezes vencer dificuldades físicas mesmo. Mas, por outro lado, isso nem sempre acontece quando você vai várias vezes para o mesmo lugar, pelo mesmo caminho, fazendo o mesmo percurso, aquilo se torna mais habitual. Então eu não sei se eu poderia chamar isso de aventura, pois eu já sei o que vai acontecer. Podem ter algumas surpresas, mas eu não sei se elas podem ser chamadas de aventuras [...]. Eu acho que aventura é mais o desafio de alguma coisa nova, de enfrentar o novo ou de descobrir alguma coisa que eu nem imaginaria que pudesse estar ali, de fazer uma descoberta mesmo.

Conforme Ewert e Hollenhorst (1989), mesmo que, em determinadas situações, os participantes procurem aumentar os níveis de dificuldade e as oportunidades de desafios, eles não buscam necessariamente, níveis mais elevados de risco.

É possível que haja, simplesmente, a manifestação de elementos que visem a ultrapassar limites, os quais não necessariamente estejam ligados a riscos, mas a novas descobertas e novos desafios. Scala aponta alguns indicativos desta situação:

eu entendo como aventura você buscar ultrapassar os seus limites. A partir do momento em que você tem conhecimento de um espaço, de uma atividade e você quer ultrapassar estes limites, você está se colocando em um momento de aventura e dentro da caverna isso acontece em todos os momentos. Mesmo que você vá fazer uma pesquisa científica, você está praticando uma aventura, você está indo além do seu conhecimento. Acho que todo mundo que vai pra caverna, acaba pensando em um momento de aventura. É diferente, por exemplo, quem faz um deslocamento para um lugar já conhecido, uma praia. Ele está tendo um lazer, mas que algo mais ele está buscando além daquilo que ele já conhece? Da praia? A menos que ele pegue uma prancha de surfe e vá tentar em alto mar; aí ele estaria praticando uma aventura. Está indo além daquele momento de conhecimento dele.

Mais que ultrapassar limites, o discurso acima parece salientar que a idéia da aventura está muito mais relacionada à busca do desconhecido. A experimentação em uma caverna, de acordo com Scala, é ilustrativa neste sentido:

dentro da caverna, em todos os momentos, você está vivendo uma aventura. Você estará sempre vendo novidades. Por exemplo, se você entrar em uma caverna turística, como a Caverna do Diabo, ela está iluminada, ela tem corrimão, ela tem escadas, mas mesmo assim parece que você está entrando num espírito de aventura. E se você chegar lá no final dela e apagar a luz? O que você vai fazer, sentir? Então você tem sempre essa imagem de algo escuro, de algo que pode acontecer. É diferente de você ir pra praia porque você não imagina algo que possa acontecer além daquilo que já é tradicional. Quando você está dentro de uma caverna, no subsolo, você está sempre esperando algo de diferente acontecer e lá você sempre descobre algo novo.

Scala menciona mais alguns elementos que complementam sua concepção de aventura, enfatizando, novamente, a relação com o desconhecido nas experiências na natureza:

quando nós vamos para um lugar novo, você cria uma expectativa diferente, você fica imaginando e fazendo comparações com outras cavernas que você já conhece. Uma coisa é certa: não existe uma caverna igual a outra; até nós brincamos que caverna é como impressão digital: não tem uma igual a outra mesmo. Algumas características podem ser semelhantes: passa rio dentro, há condutos largos, estreitos, algumas coisas são semelhantes, mas uma nunca é igual a outra, você nunca sabe o que você vai encontrar, se vai encontrar abismo, cachoeira, se vai encontrar rio. Quando nós vamos para um lugar novo é a mesma coisa que quando uma pessoa está indo pela primeira vez na caverna, vai para o desconhecido. Tanto que quando nós vamos fazer exploração, nós nem levamos muitos equipamentos na primeira ida. Primeiro nós fazemos um reconhecimento porque senão você fica levando um monte de equipamentos desnecessários porque a caverna pode ser fácil. Então, primeiro, a gente vê quais são as dificuldades dela para, num segundo momento, a gente voltar com mais equipamentos já sabendo quais as dificuldades e o que ela exige de nós. Isso é aventura: você vai conhecer algo novo e isso tem que ser transponível.

Além da exaltação do aspecto desconhecido, para Scala, a aventura também necessita ser superada, ou seja, precisa ser possível de ser vivida, apesar das dificuldades inerentes à prática, no caso, a visitação às cavernas; caso contrário, a atividade pode vir a ser desmotivante.

Ao ser questionada sobre seus interesses e expectativas nas atividades de aventura na natureza, Cris corrobora e complementa as afirmações de Scala:

o dia-a-dia na cidade é muito maçante, é muito corrido. Eu saio da minha casa de manhã, vou para o escritório, fico umas 9h por lá e volto pra casa. Eu já tenho atividades pra fazer em casa, estudar. Então, eu acho que procurar por atividades fora do meio urbano, numa área rural, funciona como um refúgio. É

buscar coisas diferentes, buscar novidades, conhecer pessoas novas, apreciar a paisagem, tanto na serra quanto no litoral o Brasil tem lugares maravilhosos.

Assim como Scala e Cris, Digão percebe a aventura atrelada ao desconhecido e, mais ainda, quando se trata de viajar para a natureza, afirma que gosta de decidir e planejar tudo na hora, pois, para ele,

a aventura está ligada ao desconhecido, mas também à falta de conforto. Andar no meio do mato, dormir no meio do mato, ver bichos, até cobra, sem muito recurso, sei lá, meio no limite. Coisas diferentes!

Implementando a discussão, a concepção de aventura para Ivana também demonstra questões importantes.

Aventura pra mim não é adrenalina. Detesto!!!! Não gosto mesmo! Aventura pra mim é você fazer uma coisa sem planejar muito. Eu sei onde eu quero chegar, eu sei o que eu quero fazer, só que eu não sei como a coisa vai rolar. Ela vai acontecer naturalmente. Pra mim, no nosso dia-a-dia, dentro da ciência, da consultoria, dentro dos projetos tem que ser tudo milimetricamente planejado e eu detesto isso. Um professor sempre me falava que a gente tem que parar com essa idéia de que vai cumprir projeto porque isso não rola. É mentira, isso vai mudando ao longo do tempo. Tudo muda! Você tem que ter esta flexibilidade de perceber isso; mas isso é meio que a contra-mão. Então, como que você compensa? Como você tem atitudes compensatórias dentro desse cotidiano rígido que tem que ser tão bem planejado? Não planejando! Eu fiquei doente porque eu não estava tendo mais a oportunidade de fazer viagens em que eu pudesse desligar disso tudo. Quando eu viajo, eu procuro me perder, porque eu acho que é se perdendo que você conhece os lugares, as pessoas, que você se encontra. A gente se perde e depois a gente se acha. E quando a gente se acha, a gente se acha não só geograficamente, mas psicologicamente também e nos dá uma sensação de que nós podemos nos encontrar das duas formas.

De fato, os adeptos das atividades de aventura na natureza insistem sobre a falta de estímulo demarcando existências superprotegidas pelas regras sociais e pelo conforto técnico das sociedades. “A rotina, ou melhor, a segurança que envolve a existência, suscita, por vezes, o tédio. Ela alimenta a busca regular de uma intensidade que habitualmente não existe” (LE BRETON, 2006, p.101).

Por isso, talvez possamos, efetivamente, afirmar que a aventura compreende a liberdade de escolha pelo tipo e nível da atividade em si (mais ou menos arriscada, estressante,

cansativa); o componente incerteza, diretamente ligado ao desconhecido, ao novo e, também, recompensas inerentes à prática (satisfação, bem-estar, superação, alegria, etc.).

A espontaneidade - estado natural das pessoas - é uma outra característica que também aparece no interdito do discurso de Ivana e é muito pertinente para a discussão das atividades de aventura na natureza. Os diversos tipos de repressões (políticas, religiosas, etc.) pelos quais passaram os seres humanos ao longo da história, de certa forma, tolheram, o lado aventureiro da vida. Neste sentido, as atividades de aventura na natureza parecem despertar aspectos menos controlados, tais como atitudes hedonistas, cooperativas, sensibilizadoras, deslocamentos, experimentações, dentre outras possibilidades.

No entanto, é preciso lembrar que o contrário também pode ser verdadeiro quando nos remetemos, por exemplo, àqueles pacotes fechados de ecoturismo em que tudo é detalhadamente estruturado (horário do café, horário dos passeios, do almoço, do jantar, do ficar a toa, etc.) impedindo comportamentos e atitudes mais livres e flexíveis, limitando, de fato, o aproveitamento da viagem, pois tudo deve ser feito de acordo com padrões pré-determinados e não se pode atrasar; atrapalhando o grupo. Portanto, as atividades de aventura na natureza, podem tanto despertar a espontaneidade nas pessoas, quanto tolher e inibir tal comportamento, devido à forma de condução de um grupo por um guia.

Complementando suas idéias sobre o seu entendimento da expressão aventura, Ivana traz outros elementos para refletirmos.

Eu não gosto de nada que tem altura; eu não gosto de subir, prefiro descer. Então eu mergulho, gosto de lugares bem verdes, tipo mato mesmo. Estar na natureza, pra mim, é um momento de contemplação, de re-encontro comigo mesma; onde eu me re-equilibro, ouvindo os sons da natureza. É como se eu limpasse a minha mente. É muito tranquilo, é muito gostosa esta sensação. Pra mim serve, inclusive, pra avaliar a minha vida; o que você quer, o que você sonha.

A fala de Cris também é ilustrativa neste contexto, enfatizando, assim como nos dizeres de Ivana, que o estar na natureza pode ser compensatório; o que não torna a experiência menos importante.

Esses refúgios na natureza são essenciais pra minha vida! É onde eu descanso, onde eu consigo restabelecer as minhas energias e ter pique pra continuar as minhas atividades na cidade; que é onde eu vivo. [...] quando eu

volto, é muito gratificante! Eu trabalho muito com a criatividade e acho que essa renovação, esse contato com a natureza é importante! Eu acho que aumenta muito mais a minha criatividade, me deixa muito mais solta, mais desprendida do cotidiano que vai se tornando maçante com o tempo.

Contudo, quando envolve riscos e o medo se sobressai, a aventura revela outros componentes. Ivana, em sua entrevista, não hesita em comentar a experiência de seu primeiro mergulho que não foi muito satisfatório, pelo menos, inicialmente.

Eu não gosto de sentir medo, isso me faz mal! No meio de uma situação de pânico, durante meu primeiro mergulho, a mais de 15m de profundidade, a minha máscara não parava de alagar e eu não me lembro de ter tido tanto desespero na minha vida.

Comentando o desfecho da situação acima, Ivana também chama a atenção para a relação de confiança e amizade manifestada nas atividades de aventura na natureza:

um amigo percebeu o meu desespero, aproximou-se e me transmitiu confiança, pegou na minha mão e fez um carinho. Acho que era tudo o que eu precisava pra superar aquele pânico e me sentir bem naquele ambiente diferente.

A natureza deixa de ser um objeto a ser explorado, constituindo-se em uma parceira; o que pode ser percebido pelas formas de se vestir, alimentar-se e demais exemplos que se relacionem com a qualidade de vida, incluindo, ainda, ideologias, filosofias de vida e novos modos de produção (MAFFESOLI, 2005).

Fatores como instrução, informação, oportunidade e motivação são determinantes neste contexto, pois, como abordaremos mais à frente, nem todos têm o mesmo acesso a eles. De qualquer forma, manifesta-se, ainda assim, uma criatividade popular, do senso comum, ainda que seja uma criatividade instintiva, servindo de substrato para a diversidade da criação social.

Maffesoli (2005, p.22) lembra que o corpo social desloca-se de uma “lógica da identidade” (essencialmente individualista) para uma “lógica da identificação” (muito mais coletiva). Desta forma, a cultura do sentimento é consequência da atração; os grupos se formam de acordo com as circunstâncias ou os desejos. Características estas peculiares às pessoas e aos grupos envolvidos com as atividades de aventura na natureza.

A afinidade, neste contexto, também é uma característica despertada nessas práticas e Ivana complementa sua idéia a este respeito, citando uma viagem realizada com pessoas muito diferentes, pois, apesar das diferenças, várias afinidades eram encontradas.

Eu acho que o maior elo que existia entre todas elas era a vontade de estar na natureza, a busca por este encontro consigo próprio, do prazer de estar na natureza. Infelizmente, eu tive que abandonar o grupo porque, além de outros problemas com a agência de ecoturismo, eu também estava com problemas no joelho e é engraçado porque, até nessas horas de dificuldade, as pessoas indicavam remédio, médico, etc. Então, as afinidades apareciam em muitas situações. Pessoas que trabalham em empresa, mas desenvolviam algum projeto ambiental e vários outros casos em que você vai conhecendo um pouquinho da história de cada um e descobrindo o que as levou pra lá. Por que escolher passar o ano novo subindo e descendo montanha e não estar em outro lugar?

Rodney também percebe este traço comum que permeia as práticas na natureza.

Para ele, este tipo de atividade tem uma qualidade ímpar:

[...] é intensa; todo o grupo se une! Como a parte emocional é muito envolvida, ela une as pessoas, o grupo se fortalece e observar isso é muito prazeroso pra mim. Ver o grupo participar, se unir, ficar amigo, é muito legal; você estabelece uma relação de confiança numa velocidade muito grande e muito profunda. As pessoas que se permitem envolver alcançam um nível de relacionamento com relação à confiança que, normalmente, levaria muito tempo.

As experiências de Saulo, igualmente, conduzem a esta direção. Quando ele chegou de uma travessia e refletiu sobre ela, percebeu que havia sido o passeio mais bonito que havia feito na vida, um grande aprendizado, e explica porque.

[...] foi muito diferente! Eu aprendi que pra você fazer um passeio como este, de longo tempo, em equipe, essa equipe tem que estar afiada, em vários sentidos. Vai haver problema, conflito? Vai, mas o objetivo final é maior. Reclamação o tempo todo não pode existir; isso não funciona. Um tem que mostrar para o outro que está bem por meio de coisas até bobas (revezar mochilas, revezar o preparo da comida, etc.), mas que darão equilíbrio. Eu comecei a entender isso tudo, comecei a gostar e quero voltar sempre.

Além da ênfase nas questões da união, parceria e identificação existentes no grupo, a fala de Saulo também nos remete a uma contradição observada nas atividades de aventura na natureza: por um lado, existe um grande sentimento de cooperação e união; porém,

por outro lado, manifesta-se uma cobrança de comportamentos (não se deve reclamar das chateações e cansaços, deve-se acompanhar o ritmo imposto na caminhada, etc.).

A espera pelo outro, em uma caminhada, por exemplo, é parte inerente à prática mais contemplativa, podendo até haver uma certa adaptação ou negociação de ambas as partes, como muitos dos entrevistados mostraram; contudo, tal situação pode causar, igualmente, tensões ou frustrações. O aprendizado que Saulo comenta teve uma ressonância positiva como um todo, porém, antes do grupo se acertar, de fato, ele comentou que, das dez pessoas que iniciaram a travessia com ele, quatro desistiram, justamente por não se adequarem ao ritmo, postura e interesse da maioria. Ou seja, nas atividades de aventura na natureza também existem certas cobranças de atitudes que, mesmo não sendo explicitamente impositivas, podem causar conflitos e desavenças.

Na experiência de Saulo, o grupo chegou a um consenso, a um acordo entre os membros com opiniões divergentes, reflexo das negociações e dos interesses, os quais precedem acordos e desacordos (ainda que isso tenha custado a desistência de alguns participantes). É graças a esse entendimento que, coletivamente, as pessoas permanecem (ou não) essencialmente unidas a despeito dos fatores que as separam. Estes seriam princípios atrelados ao ideal de comunidade proposto por Bauman (2003), o qual retomaremos mais à frente. Para este autor, veremos que isso seria inviável no mundo atual, não sendo, no entanto, o que acabamos de detectar.

Nesta dinâmica contraditória das atividades de aventura na natureza, prevalecem, no entanto, o espírito de cooperação e a vontade de estar junto, permeando a atividade e fazendo com que a distinção entre o melhor ou o menos capacitado não seja, na maioria das vezes, um fator de exclusão, como reportado por Rodney e Ivana. Segundo estes entrevistados, nas atividades de aventura na natureza, a cooperação, além de ser um estímulo, apresenta-se, também, como uma questão que envolve a segurança do outro e de si mesmo.

A amizade, a confiança, a cooperação e a afinidade ocorrem com frequência nessas práticas, dando a elas um significado singular. Muitos exemplos poderiam ser citados, como o *rafting*, em que, dentro do bote, cada integrante pode remar em um sentido diferente (é necessário, algumas vezes, alguns remarem para frente e outros para trás); contudo, isso ocorre em perfeita sintonia, para que a direção desejada seja atingida e o objetivo comum seja alcançado. Ou seja, nas atividades de aventura na natureza, seja remando, escalando ou

caminhando, os pontos de vista, as diferenças, são respeitados e as metas são atingidas somente a partir disso.

Os discursos dos entrevistados neste estudo são bastante ilustrativos, mostrando que prevalece um certo tipo de acaso, porém, o valor, a admiração, o hobby e o gosto compartilhados tornam-se a base, os vetores da ética. Pode-se, ainda, observar uma espécie de narcisismo coletivo, enfatizando a estética, pois promove estilos particulares, um modo de vida, uma ideologia, dentre outros exemplos que são da ordem do compartilhamento (MAFFESOLI, 2005).

As atividades de aventura na natureza, por meio da vivência coletiva de emoções e sensações, representam uma das mais recentes práticas fundadoras da vida social, nas quais, por sua vez, o componente lúdico é o efeito e a consequência de toda esta sociabilidade vivida.

Ricardo aborda outros componentes para esta discussão e, a partir de suas experiências como guia, afirma que estar na natureza pode, ou não, ser uma aventura.

Nós trabalhamos com um perfil de pessoas muito heterogêneo. Tem pessoas que vivenciam e já vivenciaram situações em que buscam aventuras mais difíceis, mais desafiadoras e, outras, que preferem uma caminhada tradicional, numa trilha leve, fácil, tranquila.

Hoje, depois de tantos anos trabalhando com isso eu já consigo, na primeira conversa com a pessoa interessada, discernir o que vai ser uma aventura pra ela. Então, com base nisso, eu tento direcionar a atividade que será feita.

Aqui em Delfinópolis, tem possibilidade de fazer muitas coisas, desde os passeios mais difíceis aos mais fáceis, pra pessoas com muito e com pouca experiência. Muita gente vem pra cá e acha que vai encontrar passarelas e outras coisas só pra facilitar o acesso. Tem gente que chega aqui de sapato de couro e calça jeans. Pra esse tipo de pessoas é preciso pensar bem o que é aventura pra ela e, com certeza, eu tento passar o gosto da aventura. E isso varia muito de pessoa pra pessoa, de grupo pra grupo.

O que é aventura pra uma pessoa não necessariamente é para outra. Quando você trabalha com ecoturismo, você tem que tomar este cuidado, principalmente por estarmos sendo envolvidos com grupos heterogêneos.

Ser ou não ser uma aventura é relativo e varia de pessoa para pessoa. Como os grupos são sempre muito heterogêneos sempre haverá, concomitantemente, conflitos e alegrias dos mais diferentes níveis. Não se trata de categorizar a aventura, mas de mostrar a dinâmica tensão das relações nela existente.

Além desta questão da heterogeneidade do grupo e da diversidade de percepções também é interessante refletirmos quando, efetivamente, uma atividade na natureza deixa de ser uma aventura para uma mesma pessoa. Referindo-se, agora, a suas experiências pessoais, Ricardo traz outra importante contribuição.

Acredito que a atividade na natureza é uma aventura quando tem relação com o desconhecido ou com o pouco conhecido. Um local que seja menos desbravado por mim é o meu termômetro de aventura; quanto menos eu conhecer o local e puder ter surpresas de visual, de vegetação, de terreno, mais se torna uma aventura. Quanto mais eu conhecer este lugar, menos aventureiro ele vai ser pra mim.

Cris também enriquece a discussão com suas impressões, as quais contêm elementos comuns (o desconhecido) e, também, opostos aos de Ricardo (medo de grandes desafios).

O passeio passa a ser uma não aventura quando ele se torna muito comum mesmo e, pra mim, todos esses passeios na serra ainda são muito aventureiros, mas, com o tempo, eles podem deixar de ser.

Eu não sei se eu sou uma pessoa que teve muitas aventuras. Já passei por algumas situações de enfrentar muito frio à noite; receio de aparecer algum bicho do meio do mato pra minha barraca. Eu sou meio medroso. Mas só isso! Eu acho que eu nunca passei por momentos de enfrentamentos de muitos desafios, em que eu ficasse tensa e aflita por conta de alguma coisa muito nova.

Uma experiência de aventura na natureza se constitui em colocar à prova competências e capacidades próprias, nas quais o risco e o perigo podem ser avaliados e medidos. Neste contexto, o nível de risco admitido pelos participantes, como ilustrado pelos discursos dos entrevistados neste estudo, é bastante variado. Caminhar por trilhas já conhecidas, por exemplo, pode ser uma atividade de aventura para determinadas pessoas, nas quais elas vivenciam experiências prazerosas, aprendendo algo sobre o local, a cultura, sobre outras pessoas e sobre elas mesmas; sem, entretanto, vivenciarem momentos arriscados.

Apesar de sua grande experiência e familiaridade em cavernas, Scala, por exemplo, comenta sobre o quanto a imprevisibilidade pode ocorrer nas aventuras vividas nestes ambientes:

[...] eu também já passei vários momentos delicados dentro de cavernas. Eu já sofri um acidente em que eu cai dentro de um poço, tive que sair mergulhando, a corda enroscou e eu não tive como sair. Aquela aventura foi ao extremo, foi ao limite e eu quase morri dentro da caverna. É interessante que isso não criou em mim um trauma da caverna, apenas um trauma daquele momento. Eu voltei, tive que fazer a mesma caverna para falar: Não, foi apenas uma fatalidade e fatalidades ocorrem a todo momento! Você pode sofrer um acidente, ser atropelado. Nós não podemos ficar ligando a nossa vida a estas fatalidades senão nós não podemos viver! Este fato não fez com que eu desistisse de ir pra caverna, muito pelo contrário. Eu até tive vontade de continuar fazendo, mas com mais segurança. A gente sempre tem que pensar na segurança porque mesmo fazendo com um monte de segurança, pensando em tudo, a gente já corre risco.

O risco pode expor, de fato, o praticante à possibilidade de se machucar ou, até mesmo, de morrer. Habilidades pessoais, decisões corretas e prudentes e auxílio de aparelhos tecnológicos contribuem para aumentar o senso de segurança na atividade. No entanto, para algumas pessoas, o risco parece não ser o componente primordial em uma atividade de aventura na natureza.

Neste sentido, Carlito, referindo-se a suas próprias experiências, dá algumas pistas interessantes sobre a idéia da aventura associada à exploração.

Eu acho que a caverna tem a idéia da exploração. É muito emocionante você entrar numa caverna não explorada e você ir descobrindo os salões, explorá-la. É muito legal! O ser humano é muito curioso! Você entra num buracozinho, você vê uma passagem, você quer passar; você passa tão espremido, você chega a falar: “não vou conseguir voltar”. Eu acho que é essa a curiosidade que a gente tem e a caverna mexe com isso na gente. Eu não sei explicar!

As idéias de Rodney também podem complementar e enriquecer esta outra perspectiva.

Eu penso que a gente busca algo nato, algo que tá na gente, que parece que clama por isso, que pede por isso, pra você explorar. Embora o mundo hoje tenha pouca coisa pra ser explorada, no sentido de novidade, de fazer alguma coisa que nunca ninguém fez, que era o que movia os grandes exploradores do século passado, você consegue explorar pra você mesmo. Eu sinto essa coisa da exploração e é essa voz que me leva pra Argentina atrás de altitude, de neve (que eu adoro!). Algo que pra mim, é como se ninguém tivesse estado lá. Eu sou um escalador mais voltado pra esse explorador. Eu sou puxado pra isso, pra exploração, e alguns escaladores são mais puxados para grandes desafios; eu

não! Eu acho que é a busca de exploração, o resgate de algo perdido, de uma sensação perdida, de algo que tá na gente e a gente tenta colocar pra fora.

A aventura, por meio destes exemplos apresentados por Scala, Carlito e Rodney, pode ter, portanto, uma estreita relação com obstáculos, não apenas físicos, mas também simbólicos e imaginários, a serem ultrapassados, que não necessariamente são os mais arriscados e difíceis, mas que, de alguma forma, agregam o novo, o desconhecido.

É possível nos remetermos à Antiguidade, momento em que os viajantes agiam conforme o destino. Ortiz (2000), refletindo sobre as histórias da Odisséia, por exemplo, aponta que os heróis vagavam por territórios desconhecidos sem ter a possibilidade da escolha. Eles perambulavam e aventuravam-se por mares, desertos, montanhas, com o intuito de, na verdade, atender às vontades dos deuses. O caminho era vivido como uma prova e a aventura como um sofrimento.

Contudo, no mundo contemporâneo, a aventura parece se libertar do peso do sofrimento que a marcava, tornando-se, contrariamente, prazer, excitação, alegria e novo vigor. A aventura atual carrega uma diferente conotação; ela passou a ter razões mais relacionadas aos desejos pessoais próprios dos indivíduos que se agrupam conforme interesses comuns. Nesta perspectiva, foi possível observar que espontaneidade, afinidade, solidariedade, liberdade de escolha, confiança, cooperação e coletividade foram focadas, direta e indiretamente, pelos participantes deste estudo.

Formas de estar junto

A constatação acima apresentada vai de encontro às reflexões de Sennett (2000), ainda que este tenha um outro foco de análise.

No entender deste autor, muitas qualidades do caráter (como honestidade, fidelidade, afinidade, solidariedade, confiança, cooperação e coletividade) encontram dificuldade para se manifestar na vida contemporânea. Refletindo sobre os atuais ambientes de trabalho, em empresas americanas, o autor discute que tais espaços não permitem que as pessoas desenvolvam

experiências ou construam narrativas coerentes para suas vidas, dificultando a formação do caráter.

Sennett (2000) aborda os mecanismos utilizados, neste contexto, capazes de oprimir os trabalhadores e afetar as relações que estabelecem com o trabalho e em seus grupos sociais. O autor aponta que a forma de organização do tempo é uma característica preponderante da contemporaneidade, afetando a vida emocional das pessoas, não só dentro, mas também fora dos locais de trabalho.

Atualmente, não existe mais espaço para o longo prazo; os empregos são trocados freqüentemente; tarefas e funcionários são sempre substituídos. Sevcenko (2001), Virilio (1998) e Rybczynski (2000) são autores que contribuem para esta discussão.

O império da técnica, a competitividade, a instantaneidade na transmissão e recepção de imagens, sons e palavras contribuem para que o fascínio pelo termo “veloz” se torne cada vez mais intenso. Santos (2001, p.40-41) lembra que “ser atual e eficaz, diante da ordem vigente, potencializa a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude”.

Contudo, nem todos têm acesso a essa velocidade. Ela está apenas ao alcance de um número limitado de pessoas, de tal forma que, segundo as possibilidades de cada um, as distâncias têm significações e efeitos diversos e o uso do mesmo relógio não permite igual economia de tempo. A grande maioria é arrastada e participa incompletamente da produção histórica desse tempo.

Ou seja, a velocidade que convoca os seres humanos ao deslocamento rápido e às trocas contínuas é a mesma que limita grande parte da população à imobilidade e a universos restritos. A possibilidade de optar pelo destino e realizar escolhas é restrita a uma parcela de pessoas.

A falta de possibilidade para o longo prazo, segundo Sennett (2000), impede a criação de laços sociais profundos, os quais representam a conquista no tempo por meio de convivências e experiências compartilhadas. Nesta perspectiva, o autor enfatiza que os contínuos processos de curto prazo corroem a confiança, a lealdade e o compromisso.

Esta idéia é corroborada por Bauman (2001) ao afirmar que a liberdade para se abandonar as relações a qualquer momento é latente; pois, de fato, não estão alicerçadas em compromissos duradouros. Privilegia-se o momento em detrimento do futuro e a trajetória dos relacionamentos passa a ser supérflua.

De acordo com este autor, conceitos essenciais como individualidade, emancipação, tempo/espço, trabalho e comunidade, os quais deveriam constituir a base dos novos tempos perderam sua rigidez no contexto da “modernidade líquida” - a qual adquiriu uma perspectiva “transbordante” em oposição ao conceito de “sólido” como duradouro, dada a fluidez do mundo atual - complexa, propensa a mudar freqüentemente e imprevisivelmente, acarretando uma fragilidade dos laços humanos, aquilo que ele denomina de “amor líquido” (BAUMAN, 2004).

O autor investiga de que forma as relações humanas tornam-se comumente flexíveis, provocando níveis de insegurança sempre maiores. A preferência pelos relacionamentos em redes, podendo ser construídas e destruídas facilmente, faz com que os laços deixem de ser duradouros.

Entre estudiosos do tema (GIDDENS, 1998; BECK, 1993 e outros), Sennett (2000) afirma que a instabilidade e a incerteza sempre estiveram presentes na história humana, diferindo-se apenas na forma supostamente normal com que passaram a ocorrer. Ansiedade trivial é a expressão utilizada pelo autor para designar a tensão que nos acompanha cotidianamente.

A atual economia, segundo Sennett (2000, p.135-137), trai este desejo de liberdade, uma vez que a busca da flexibilidade e a rejeição aos próprios hábitos cotidianos, à rotina, não liberta; mas, contrariamente a isso, produz novas formas de poder e de controle. Conforme o autor, o sistema de poder encontrado nas formas de flexibilidade na contemporaneidade é mais sutil, porém, continua presente nas “ficções do trabalho”, entendidos como artimanhas da dominação (aqui são emblemáticos os trabalhos em equipe, tempo flexível, recursos tecnológicos diversos, etc.).

Uma outra diferença significativa do mundo atual é o risco como um enfrentamento diário, requerendo um gosto pela incerteza. A vida no limite caracteriza-se em correr riscos, abandonando experiências anteriores compartilhadas e realizações e talentos pessoais. Desta forma, Sennett (2000) enfatiza que é justamente a vulnerabilidade a esta exposição ao risco que capacita a corrosão do caráter das pessoas; uma vez que as mudanças são diárias e estamos sempre recomeçando.

A contribuição de Spink (2001, p.1285) é pertinente, neste momento, apresentando um importante contraponto. Em seus estudos sobre risco na vida contemporânea,

desvelando o conceito “risco-aventura”, a autora apresenta um extenso ensaio sobre risco, elencando inúmeros autores e pontos de vista.

Interessa-nos, aqui, destacar, especialmente, aquele que procura entender a emergência das formas culturais do risco-aventura, ilustradas pelos esportes radicais (termo utilizado pela autora) - entendidos como “forma de expansão dos processos de disciplinarização para além de suas formas institucionais [...] em que a aventura incorpora-se ao cotidiano como estratégia de edificação”. De acordo com os levantamentos da autora, alguns exemplos de tal função edificadora podem ser encontrados nos meios de comunicação em geral: aprendizagem de flexibilidade e decisão em programas de treinamento e desenvolvimento gerencial; busca de novos espaços para o fortalecimento de laços familiares e, também, o fortalecimento do caráter⁸. Este último exemplo ilustra uma outra perspectiva de análise diferente (mais positiva) das idéias de Sennett (2000).

Retomando, então, as discussões deste autor, pode-se notar que as transformações no atual sistema capitalista⁹, por um lado, são positivas e contribuíram para uma economia dinâmica; mas, por outro, corroeram a integridade e a confiança nos outros. São trazidos alguns questionamentos: como buscar objetivos de longo prazo em uma sociedade de curto prazo? Como desenvolver uma narrativa de identidade e de história de vida em uma sociedade constituída de episódios e fragmentos? (SENNETT, 2000, p.27).

Assim como este autor, outros estudiosos têm se dedicado às investigações sobre risco no mundo contemporâneo (BECK, 1993; GIDDENS, 1998), trazendo contribuições importantes, focando, no entanto, outras possibilidades de análises, diferentes das aqui abordadas.

Contrariamente ao detectado por Sennett (2000) e Bauman (2004), de acordo com os discursos dos participantes investigados nesta pesquisa, o estar na natureza, por meio da aventura, promove relações, favorecendo a vivência coletiva de um espaço e de amplas redes de interdependência entre as pessoas, permitindo que novas formas de lazer e de prazer sejam manifestadas, por meio da sociabilidade. Ainda que tais redes possam se desfazer com facilidade.

Com isso, é possível, então, aproximarmo-nos de Maffesoli (1995), autor que defende a existência atual de um ideal comunitário, ilustrado, por exemplo, por meio dos diversos

⁸ Em investigações recentes sobre “Outdoor education” podem ser encontradas discussões mais profundas sobre os exemplos trazidos pela autora que não se fazem pertinentes no momento (MARINHO; SILVA, 2006; BARROS, 2000).

⁹ Caracterizado pela reengenharia das corporações, por riscos, flexibilidade, trabalho em rede e grupos que trabalham juntos por curtos prazos de tempo, etc.

fanatismos religiosos, das manifestações étnicas, das inúmeras aglomerações esportivas, musicais, eventos em prol de causas comunitárias, multiplicação de ONGs e várias outras formas de solidariedade ou generosidade, que podem ser ordinárias ou espetaculares. Vale destacar que a existência destas situações não implica em eficácia ou sucesso; porém, ainda assim, representam uma forma de estar junto dedicada a organizar o presente e, portanto, não estão voltadas ao longínquo (ponto em que Maffesoli, Bauman e Sennett parecem concordar).

“Centralidade subterrânea” ou “potência social” são expressões que, nos escritos de Maffesoli (2005, 1998b, 1996), pretendem ressaltar a existência de uma parcela da vida social que escapa à ordem da racionalidade instrumental, não se deixando capturar pelo finalismo, nem reduzir a uma simples lógica da dominação, sendo, aqui, ilustrativas as atividades de aventura na natureza. A duplicidade, a astúcia e o querer-viver exprimem-se por meio de uma multiplicidade de rituais, de situações, de gestuais e de experiências que delimitam um espaço de liberdade. O cotidiano baseia-se em uma série de liberdades intersticiais e relativas; expressas por uma sociabilidade informal, clandestina, subterrânea, cujas marcas podem ser visualizadas em manifestações diversas e sutis.

Em uma perspectiva contrária a esta, podemos nos reportar a Bauman (2003, p.19), autor que aborda o fim da “comunidade”, na vida atual, como espaço de sociabilidade e liberdade, descrevendo-a como uma espécie de “fortaleza sitiada”. Aqui, o preço do sentimento de uma relativa segurança é pago em moeda de suspeita mútua e desconfiança generalizada, porque a certeza de uma ameaça iminente, do inimigo infiltrado ou do potencial traidor, tornam o ideal comunitário contemporâneo um acordo defensivo contra todos e uma arma de chantagem mútua.

Segundo Bauman (2003, p.7), a palavra comunidade sugere coisas boas; “é bom ter uma comunidade, estar em comunidade”.

Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos, prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar - estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros. Numa comunidade, todos nos entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. Nunca somos estranhos entre nós. Podemos discutir - mas são discussões amigáveis, pois todos estamos tentando tornar nosso estar junto ainda melhor e mais agradável do que até aqui e, embora levados pela mesma vontade de melhorar nossa vida em comum, podemos discordar entre saber como fazê-lo.

Mas nunca desejamos má sorte uns aos outros, e podemos estar certos de que os outros a nossa volta nos querem bem.

O autor apresenta inúmeras outras características do viver em comunidade, afirmando que tal expressão evoca tudo aquilo de que os seres humanos, no mundo contemporâneo, sentem falta e de que precisam para viver seguros e confiantes. Contudo, esta comunidade é o tipo de mundo que não está ao nosso alcance; mas, no qual gostaríamos de viver e esperamos vir a possuir.

Bauman (2003, p.9-10) alerta que a diferença entre esta comunidade desejada, sonhada, e a comunidade realmente existente é a manifestação de uma coletividade que pretende ser a comunidade encarnada, o sonho realizado, exigindo lealdade incondicional e tratando tudo o que ficar distante de tal lealdade como um ato de traição imperdoável. Nesta perspectiva, o autor traz alguns questionamentos.

A comunidade realmente existente, se nos achássemos a seu alcance, exigiria rigorosa obediência em troca dos serviços que presta ou promove prestar. Você quer segurança? Abra mão da sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer a sensação aconchegante de lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de tevê no acesso. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo.

O preço a pagar pelo privilégio de viver em comunidade é em forma de liberdade, também denominada autonomia, direito à auto-afirmação e à identidade. Bauman (2003, p.10) enfatiza que “qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra”. Isto é:

não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito [...]. Nunca deixaremos de sonhar com a comunidade, mas também jamais encontraremos em qualquer comunidade autoproclamada os prazeres que imaginamos em nossos sonhos. A tensão entre a segurança e a liberdade e, portanto, entre a comunidade e a individualidade, provavelmente nunca será resolvida e assim continuará por muito tempo.

Com isto, Bauman (2003, p.7) desconstrói a idéia de que “comunidade é o paraíso perdido”, um lugar aconchegante, onde se vive protegido; afinal, a segurança se constituiria na principal motivação do estar em comunidade que, no entanto, só é possível à medida que a liberdade é descartada. Segurança e liberdade, portanto, tornam-se elementos incompatíveis com a idéia de comunidade. Ou seja, pensar o estar junto, nos moldes propostos por Maffesoli (1995, 1998), parece ser inconcebível para este autor.

O conceito contemporâneo de socialidade é consagrado por Maffesoli (1995, 1998), caracterizando a estrutura complexa das pessoas que se agrupam com finalidades afetual e emocional e não mais com propósito econômico-político característico do passado.

Maffesoli, em todas as suas obras, procura mostrar que, muitas discussões insistem na profusão de idéias catastrofistas sobre o fim dos grandes ideais coletivos; sobre o fim do espaço público; contudo, na contemporaneidade, podem ser descritas configurações sociais capazes de ultrapassar tal posicionamento e são, aqui compartilhadas, nos limites do otimismo e idealismo do autor.

Neste quadro que se mostra, é preciso que sejamos capazes de perceber as potencialidades das práticas no lazer diante das mudanças sociais e culturais contemporâneas, traduzidas em movimentos complexos, associados aos novos padrões de competitividade e à aceleração tecnológica, por um lado, e, por outro, capazes de estabelecer uma configuração inovadora por todas as esferas humanas e, por consequência, nos significados do lazer, do trabalho e da própria natureza (MARINHO, 2003).

Exatamente por isso, é preciso reiterar que lazer e trabalho não devem ser entendidos como pólos opostos. Apesar de distintos, eles são complementares e interdependentes na rede de relações humanas. Ressonâncias e problemáticas são incididas de um no outro e vice-versa. Por isso, justifica-se a importância de investigações desta ordem na esfera do lazer, a qual tem passado por importantes transformações, muitas vezes, conhecidas por especialistas, porém, desconhecidas pelo senso comum. Tais transformações se referem às intensas mudanças estruturais na organização do trabalho, anteriormente expostas, que repercutem no perfil do lazer.

Para muitos aventureiros (tais como os entrevistados nesta pesquisa), o prazer inerente à prática transcende a mera transposição de obstáculos físicos e a superação de medos, relatados por muitos como motivo de glória e coragem, sendo entendido como a motivação principal de suas empreitadas. Estas idéias ratificam que a tentativa de compreender por que as

peessoas gostam de visitar cavernas, escalar, caminhar, mergulhar (entre tantas outras atividades que têm sido praticadas, privilegiadamente, durante momentos de lazer) pode conduzir a diferentes e novas explicações sobre as atuais relações sociais que se estabelecem entre as pessoas que procuram estar em contato com a natureza e as ressonâncias de tais aventuras vividas em outros contextos da vida humana.

As atividades de aventura na natureza poderiam, então, ser definidas como uma variedade de práticas de iniciativa própria, em interação com o meio natural e com outros parceiros, as quais contêm certas doses de riscos; cujos resultados, mesmo que, algumas vezes, sejam incertos, podem ser influenciados pelos participantes e pelas circunstâncias. A vivência de atividades de aventura traz repercussões diversas para outras esferas da vida das pessoas, de acordo com diferentes subjetividades e olhares.

Tais atividades, sejam elas estruturadas com programas e aulas formais com instrutores ou não-estruturadas, realizadas com amigos e/ou familiares, são imbuídas por uma forte sociabilidade, dentre outras características e desejos que envolvem, de alguma forma, o desconhecido e a exploração.

As discussões até agora empreendidas ratificam a importância em investigar as atividades de aventura na natureza, as quais apontam para mudanças significativas nas formas de estar junto, de engajamento e comprometimento dos praticantes, bem como nas percepções dos significados de natureza e aventura.

Assim como “desconhecido” e “exploração” surgem como novos adjetivos agregados à aventura na natureza, a expressão “nomadismo” também aparece como uma possibilidade frutífera para desvendarmos ainda mais profundamente a idéia de aventura nas atuais práticas contemporâneas na natureza.

Neste sentido, o próximo capítulo pretende abordar tal possibilidade, trabalhando com o nomadismo e suas perspectivas.

6 Aventura e nomadismo

De repente, não mais que de repente.
Fez-se do amigo próximo o distante.
Fez-se da vida uma aventura errante.
De repente, não mais que de repente.
(MORAES, 1954)

Investigar as relações sociais, no momento atual, inseridas no processo de mundialização da cultura e globalização da economia (emprestando as expressões utilizadas por ORTIZ, 2000¹⁰), apresenta-se como um grande desafio.

Desafio, aqui, aceito, pois parto do entendimento de que a reflexão sobre as atuais formas de expressão e socialização dos indivíduos é uma excelente possibilidade para visualização e, provavelmente, compreensão do mundo em que vivemos, suas complexidades, seus paradoxos, suas conquistas, incertezas e descobertas.

Manifesta-se, na vida contemporânea, uma tendência antropológica de retorno a alguns valores esquecidos. Nesta perspectiva, segundo Maffesoli (2001, p.28-29), a errância seria a expressão de um outro tipo de relação com o outro e com o mundo. Utilizando as palavras do autor, tal relação se mostraria “menos ofensiva, mais carinhosa, um tanto lúdica, e seguramente trágica, repousando sobre a intuição da impermanência das coisas, dos seres e de seus relacionamentos”. Este sentimento trágico da vida se aplicará ao gozo do presente, daquilo que se vê e se vive no dia-a-dia, tendo seu sentido na sucessão de instantes, os quais justificam sua preciosidade justamente por sua própria efemeridade.

¹⁰ São inúmeras as possibilidades de se descrever a globalização, diante da dificuldade em conceituá-la. Desta forma, prefiro partilhar de algumas considerações pontualmente destacadas por Ortiz (2000). Remeter-se à economia e à técnica implica o envolvimento com processos os quais reproduzem, igualmente, seus mecanismos, em termos planetários. O capitalismo é a única forma de economia mundial, assim como o sistema técnico também é único (caracterizado pelo fax, computador, satélite, energia nuclear, etc.). Entretanto, não se pode sustentar o mesmo argumento no que se refere aos universos culturais. Neste sentido, concordo com Ortiz (2000) que é mais adequada a utilização do termo “globalização” quando se trata de economia e tecnologia - dimensões que se remetem a uma determinada unicidade da vida social. E, por sua vez, o termo “mundialização” fica reservado ao domínio específico da cultura.

Uma das hipóteses apontadas nos estudos de Maffesoli (2001) é a de que vivenciamos, nos dias de hoje, um retorno ao nomadismo, à errância, os quais podem ser visualizados justamente como uma das marcas do mundo contemporâneo.

Na tentativa de compreender o que lhe parece ser o retorno da errância e do nomadismo, o autor se dirige à antiga imagem do Graal. Vê-se, como no século XIX, moderno por excelência, a filiação à residência que havia predominado.

A preocupação com uma vida marcada pelo qualitativo, o desejo de quebrar o enclausuramento e o compromisso de residência próprios da modernidade são como momentos de uma nova busca do Graal, representando outra vez simultaneamente a dinâmica do exílio e da reintegração (MAFFESOLI, 2001, p.16).

Possuímos um endereço, uma identidade, um trabalho, um encaminhamento na sociedade - assim fomos enquadrados. Contudo, existe, nos dias atuais, uma superação dessas institucionalizações e, para justificar este fato, a imagem do Graal parece ser interessante, pois retoma a aventura. Para entender essa “sede de infinito” (que é não ficar limitado a uma profissão, a uma família, nem mesmo a uma sexualidade), o referido autor se remete à imagem do Graal, na tentativa de representar as possibilidades ambíguas existentes entre a aventura e a necessidade de segurança, indo além dos limites impostos pela identidade moderna.

O nomadismo está inscrito na própria estrutura da natureza humana, seja o nomadismo individual ou social. Os contos, as lendas, a poesia e a ficção em geral há tempos tratam de tal assunto. A começar pelos gregos, passando pela Idade Média (exemplo das Cruzadas) até chegar às culturas contemporâneas, pode-se visualizar, em diferentes níveis, uma espécie de “pulsão migratória”, incitando a mudança de lugares, de hábitos, de parceiros. Ao mesmo tempo e paradoxalmente, parece estar na natureza das coisas estabelecerem-se e institucionalizarem-se, esquecendo-se da aventura - marca original da existência humana. O nomadismo ressurgiu no sentido de trazer à tona este lado aventureiro das pessoas. É justamente a possibilidade da aventura que vem exaltar o instituinte em oposição ao instituído.

Desta forma, a aventura e suas inúmeras modulações se darão por meio da errância e do nomadismo.

A discussão sobre a mobilidade, de maneira geral, tem sido empreendida por diversos autores, procurando mostrar como as sociedades contemporâneas estão inseridas em um

processo de sucessivas desterritorializações, de práticas nômades e tribais (MAFFESOLI, 2001); de reconfiguração dos espaços urbanos (MAGNANI, 1999) e de constituição de uma sociologia da mobilidade (URRY, 2001).

Faz-se necessário, portanto, o reconhecimento da mobilidade como uma idéia central para o conhecimento e a compreensão das novas características das sociedades e das cidades contemporâneas. Maffesoli (2001), dentre outros autores, chama a atenção justamente para isso: pensar a sociedade, hoje, significa refletir em termos de desterritorializações e de mobilidades.

A mobilidade é composta por migrações diárias do trabalho, do consumo, àquelas atreladas aos meios de comunicação (tv, vídeo, internet, etc.) e, também, migrações sazonais do turismo e das viagens, contendo importantes doses de aventura. Aventuras que, no pensamento de Maffesoli (2001), podem ser desejadas, assumidas ou sofridas; podendo, ainda, ser compreendidas como a modulação contemporânea do desejo pelo outro lugar, pela outra paisagem, pela outra companhia que, com regularidade, invade o sentimento das pessoas.

Na tentativa de conhecerem diversas paisagens, culturas, lugares, próximos ou distantes, a existência de grupos de ecoturistas pode ser um bom exemplo. Tal como Digão, ao comentar sobre um conflito pelo qual estava passando no período em que realizamos a entrevista.

Desde o colégio eu nunca fui muito de estudar. Eu sou muito agitado, eu não consigo me concentrar totalmente. Mas, eu sempre tive muita facilidade com exatas e, mesmo sem estudar, eu ia muito bem na área de química, física, matemática até biologia. Por isso eu fui fazer engenharia: pela minha facilidade com a área. No começo eu gostei, mas depois fiquei meio desanimado. Nessa época em que eu comecei a questionar o curso e perceber que não tinha muito do que eu gostaria, eu comecei a fazer as minhas viagens pra natureza. Foi nesta época também que eu comecei a fazer um trabalho voluntário na Ong “Hospitalhaços”. Então, eu penso o seguinte: cada vez que eu vou pra Visconde de Mauá, por exemplo, e vivo tudo aquilo, alguma coisa muda em mim e menos eu passo a querer mexer com números, mexer com papéis, trancado numa sala, com essas coisas meio abstratas. Eu quero ter contato mais com pessoas e com os ambientes naturais e menos com esses tipos de coisas. Na verdade, hoje eu só estou na faculdade porque meu pai exige, mas eu preferiria fazer meus “bicos” e viver uma vida mais simples, com menos conforto e mais prazer.

Digão, compartilhando um pouco de suas idéias sobre preferências e estilo de vida, apresenta uma maneira bastante peculiar de viver e delinea elementos característicos do nomadismo manifestado entre grupos que procuram estar em contato com a natureza.

Desde pequeno eu sempre quis ficar passeando pra tudo que é lugar; no meio do mato; mas minha mãe sempre teve medo e não me deixava [...]. Uma viagem pra Monte Verde que eu fiz foi a melhor da minha vida; foi literalmente sem planejar, sem ter nenhum recurso, coisa de doido mesmo, mas muito legal! Todos os que foram também adoraram! Depois desta viagem, eu sei que eu nunca mais consegui viver sem viajar para esses lugares naturais. Todos os finais de semana que eu posso; todos os feriados, férias, são motivos pra eu me deslocar. Já peguei minha bicicleta e viajei pra várias cidades e estados; é disso que eu gosto! Eu viveria só disso se fosse possível, conhecendo lugares novos, cachoeiras, praias, morros, pessoas novas!

Uma das facetas da aventura, então, pode ser entendida como a modulação contemporânea desse desejo por outros lugares e por outras experiências, o qual invade, freqüentemente, grupos e pessoas.

Schwartz (2002) lembra que, paradoxal e curiosamente, por mais incerto e repleto de perigos que o dia-a-dia das pessoas possa ser, o convívio com a aventura urbana diária conduz à compreensão de tal situação como parte de uma rotina, a qual as sufoca e da qual elas procuram se afastar. Nesta perspectiva, novas e emocionantes aventuras são procuradas.

A origem do fenômeno da necessidade humana pela busca da aventura ainda é uma incógnita para diversas ciências; no entanto, a busca pelo risco voluntário e a perspectiva de autocontrole sobre o próprio destino são contínuas geradoras de tal conduta, pautada na ação com emoção (SCHWARTZ, 2002).

A disposição de arriscar-se, no entender de Sennett (2000), não se limita ao domínio apenas de capitalistas ou de indivíduos aventureiros: o risco torna-se uma necessidade diária enfrentada por todos. Diferentemente do que ocorre na economia, em que a matemática e o cálculo das possibilidades não oferecem garantias; na natureza, o arriscar-se, por meio de atividades de aventura, concentra-se naquilo de prazeroso que pode ser agregado, e não naquilo que se pode perder. É neste contexto que o prazer do risco calculado passa a ser inerente à prática.

Manifesta-se, por um lado, a necessidade e a busca contínua por segurança, que acompanha os seres humanos em seu cotidiano urbano; e, por outro, a ansiedade por experimentar situações inusitadas e aventureiras.

Existe uma tensão entre essa utópica e desejada segurança com a idéia de liberdade e, como já alertou Bauman (2001), a vivência em comunidade significa a perda da liberdade, o que acaba gerando um dos dilemas mais importantes para a compreensão das

dinâmicas sociais do mundo contemporâneo. Paradoxalmente, almejamos e resistimos à segurança coletiva, em prol da liberdade individual. O autor procura, então, desvendar as origens da tensão causada pelo desejo e resistência à segurança coletiva, a favor da liberdade individual.

Sennett (2000, p.13-33) enfatiza que as condições da vida contemporânea sustentam a “deriva” no tempo, de trabalho em trabalho, de lugar em lugar. Fragmentos, descontinuidade, insegurança, medo e perturbações diversas são algumas das características da experiência de vida atual levantadas por Bauman (2001), Sennett (2000), Harvey (1992), entre outros autores. Elas conduzem à perda de referenciais tidos como sólidos. Na ausência deles, a sensação de deriva é inevitável.

O lazer, muitas vezes, é entendido como um dos espaços mais procurados para que os indivíduos compensem estas situações, envolvendo-se em vivências capazes de os afastar do vazio, da mesmice, propiciando o rompimento com a rotina, refletindo sobre a possibilidade de colocar limites pessoais à prova e de experienciar sensações mais marcantes.

Le Breton (2006, p.101) aponta exatamente isso, afirmando que as atividades de aventura, vividas no lazer, são colocadas pelos próprios usuários como uma compensação da sociedade civil, notada como asséptica e sem graça. Nas palavras do autor, “elas são reivindicadas como sendo uma maneira de reencontrar a graça da vida numa sociedade por demais segura”.

É preciso destacar que alguns dos participantes investigados apresentaram, de fato, esta concepção em seus discursos (como Ivana e Cris, no capítulo anterior). Cabe, aqui, enfatizar que esta visão funcionalista (compensatória) do lazer gera inúmeros questionamentos, tendo sido tema de várias reflexões já empreendidas por estudiosos do lazer e áreas afins.

Retomando nossa análise, pude perceber que as pessoas urbanas que procuram as atividades desenvolvidas na natureza parecem encará-las como sendo, efetivamente, uma aventura. Talvez porque o ambiente natural constitua-se em um espaço não tão familiar quanto o urbano, como, também, por conter alguns elementos relacionados à fauna, à flora, às sensações diferenciadas oportunizadas e aos outros como parceiros, dos quais os seres humanos afastaram-se durante um tempo considerável.

Uma das experiências que Rodney apresentou, em seus depoimentos, caminha nesta direção.

Eu acho que um dos momentos em que eu mais consegui refletir sobre minha vida, sobre questões um pouco mais existenciais, foi uma noite em que nós estávamos conquistando uma via de escalada. O pessoal desceu e eu fiquei lá em cima pendurado, a 300m de altura, preso por uma fita interpretando as minhas sensações. Foi maravilhoso! Olhando o céu, já era noite, cheio de estrelas; olhando a cidadezinha lá em baixo. Pra mim foi mágico! Eu saio outra pessoa dessas experiências! É até difícil expressar isso em palavras!

A aventura está atrelada a outros fatores (afetivos, cognitivos), os quais surgem além da simples presença em um ambiente mais natural, seja ao longo de caminhadas, de visita a cavernas, descida em corredeiras de rios, saltos de pára-quedas, etc. Rodney, tentando desenvolver melhor suas idéias, acredita que a aventura tem a conotação de “se pôr em posição” e explica o porquê.

As nossas percepções estão presas ao nosso meio. Quando você muda o meio, a sua percepção do que está acontecendo a sua volta muda completamente. A aventura pra mim é mudar essa percepção. Por exemplo, dormir pendurado num “porta led”, que é uma cama de montanha, você muda a percepção, a sua visão de mundo é outra, os sentimentos e o que passa dentro de você. Eu me coloquei em outra posição, numa posição diferente, me dando uma visão do mundo diferente. Quando eu entro numa via nova de escalada, eu estou me colocando em uma posição diferente. Quando eu faço algo, como escalada em gelo, pra mim é diferente, muda tudo! Então isso é aventura!

Digão, Rodney e Ivana conseguem mostrar que o crescente interesse por tais atividades de aventura na natureza insere-se no contexto daquilo que Maffesoli (1996) designou “ecologização do mundo social”. Ou seja, manifesta-se, nos dias atuais, uma tendência para que a natureza seja inscrita, cada vez mais, em um processo de parceria e não mais como um objeto a explorar. A natureza, portanto, é entendida como uma modulação do hedonismo contemporâneo de viver o aqui e o agora dos prazeres oferecidos pela terra.

Sobre caminhadas, escaladas, turistas, viajantes e estrangeiros

Alguns dos prazeres, anteriormente mencionados, podem ser vislumbrados em exemplos como a caminhada e a escalada.

Particularmente com relação à caminhada, a mesma pode ser entendida como uma arte antiga, assim como passear, exemplos pertinentes a esta discussão.

Remetendo-se ao ato de passear nos espaços urbanos, Duarte Jr. (2001, p.81-82) acredita que tal ação se constitui em um prolongamento das relações que os seres humanos mantêm com a sua habitação, com a sua cidade. O exercício do passeio por ruas, jardins e praças do lugar onde se mora funciona como um processo de identificação entre as pessoas e o seu ambiente. Processo do qual resulta uma dupla identidade:

primeiro, a de quem passeia, um indivíduo que, em seu caminhar, pode se reconhecer cotidianamente na paisagem, verdadeiro repositório de símbolos e marcos de sua biografia pessoal, e, depois, da própria cidade, a qual, antes de ser um mero conjunto utilitário de prédios e ruas, mostra-se sobretudo como uma idéia e um sentimento no corpo de seus habitantes [...]. Passear pela paisagem urbana se mostra, pois, fundamental para a constituição de uma realidade estável, sensível e acolhedora, uma realidade com a qual nos identificamos e pela qual nos sentimos um pouco responsáveis.

Durante a aristocracia européia (século 18) e, também, em tempos do idealismo alemão, Schelle (2001, p.XII) propôs a definição e o estabelecimento de algumas regras para um bom passeio, tais como:

ser receptivo às coisas que nos rodeiam sem no entanto ter por elas um interesse por demais intenso, deixar-se levar pelas impressões da natureza sem nelas mergulhar, olhar sem observar, andar sem se cansar, deixar-se distrair sem sonhar, afastar-se do mundo sem dele fugir, ter contato com a natureza evitando seus aspectos demasiado selvagens, descobrir-se frente a frente consigo mesmo sem cair na meditação nem na introspecção, sair de casa em qualquer estação, mas preferir a primavera e o outono!

Para este autor, o passeio significa muito mais que um simples exercício físico, representa um exercício intelectual, de enriquecimento espiritual, representando um reencontro

com a natureza. Dados estes que reiteram os depoimentos dos entrevistados nesta pesquisa estarem em sintonia com estas idéias.

Este tipo de atividade aproxima-se muito mais de um ato poético e em nada exagera. O passeio não é um meio, mas um fim, uma atividade sem equivalente, capaz de colocar as pessoas diretamente em contato com os outros e com a natureza.

Caminhar, para Schelle (2001, p.33) é, sobretudo, uma forma de experimentar a liberdade.

Passear é um prazer livre, que não coexiste com coerção alguma. As coisas mais agradáveis que o homem livre conheça - e os passeios fazem parte delas - podem se tornar um verdadeiro fardo sobre a pressão das circunstâncias. Toda circunstância que submeta a liberdade do movimento a regras mecânicas e a um constrangimento servil impede, sobretudo nos anos de juventude, tão importantes para a formação pessoal, o livre desenvolvimento da personalidade e engendram a incapacidade para fazer uso pessoal e razoável da liberdade.

Apesar do momento histórico e do idealismo, de certa forma exagerado, do autor, suas idéias são úteis e podem ser repensadas em nosso cotidiano. Conforme suas afirmações, é na capacidade de realização de atos simples (como o caminhar e o passear) que se pode verificar o nível de autonomia e liberdade de um sujeito e de um povo. Andar e passear pelas ruas, pelos bosques, parques ou montanhas é uma manifestação dessa liberdade, uma permanente atualização da autonomia individual no espaço aberto de convívio democrático, facilmente detectado nos discursos das pessoas investigadas neste estudo.

Nas atividades de aventura na natureza, em geral, podemos perceber que o corpo move-se pelo meio ambiente e a liberdade torna-se uma forma de consciência incorporada, potencializando diferentes percepções do outro e do meio ambiente, e permitindo a manifestação de novas emoções aproximando daquilo que Duarte Jr. (2001) chama de “saber sensível”.

Ao longo de seu trabalho, Lewis (2000) desenvolve argumentos centrais mostrando que a modernidade, ao privilegiar o conhecimento racional, desprezou o conhecimento sensitivo. O autor aponta a existência de relações entre a escalada e a caminhada, uma vez que ambas revelam possibilidades alternativas de busca por bem-estar pessoal. O autor mostra que, em ambas as atividades, pode-se perceber a evidência de experiências táteis, nas quais um mundo de aventura é construído.

Lewis (2000) acredita que, na contemporaneidade, as experiências da escalada e da caminhada podem recuperar, de alguma forma, esta sensibilidade perdida na modernidade. Idéias estas que são corroboradas pelas de Duarte Jr. (2001) e serão exploradas mais à frente.

Scala ilustra o “conhecimento sensitivo” e o “saber sensível”, citados por Lewis (2001) e Duarte Jr. (2001), retomando e aprofundando um exemplo, anteriormente mencionado, sobre uma experiência bastante significativa ao longo de suas experiências com cavernas.

[...] também tive um momento gratificante quando uma psicóloga disse que utilizaria as cavernas para ajudar e tratar seus pacientes. Então eu vi o quanto é importante você diversificar, levar as pessoas. Às vezes a gente tem a cura na mão e não sabe que tem a cura de algumas doenças. Aí vai a questão de você não desmatar, de preservar toda a nossa biodiversidade. Nós ainda temos muito para pesquisar; pode ser que a gente tenha em diversos lugares, na flora, a cura de diversas doenças e, às vezes, nós não prestamos atenção nisso. Essa psicóloga está até hoje levando pacientes pra caverna; ela faz sessões de psicoterapia dentro da caverna e tem muitos pacientes dela que adoram esse sistema. Então eu sou grato por participar disso.

É possível estabelecermos relações entre o “conhecimento sensitivo” ou o “saber sensível”, voltando às idéias de Lewis (2000, p.64), ao se remeter ao século XVIII para desenvolver uma discussão sobre a caminhada metropolitana. O autor a situa como uma prática incorporada como forma de política, na qual eram realizadas observações sobre a sociedade, coletando e analisando dados sobre a mesma. Nesse período, o ato de caminhar havia se tornado um símbolo de resistência, uma vez que a movimentação por qualquer parte desejada atrelava-se à independência e determinação. Caminhar representava, por excelência, a liberdade de movimento. Com o passar dos anos, o autor também destaca o começo da trajetória de uma forma particular de “encarceramento”, na qual o trem, o carro, o avião e as excursões organizadas evidenciam o emergente “nomadismo sedentário”. Aos poucos, as caminhadas são reconfiguradas de acordo com o avanço tecnológico.

Lewis (2000) acredita que, seja caminhando ou escalando, somos capazes de perceber a realidade social vivida, constituindo-se em formas alternativas de observação do mundo ao nosso redor, bem como, suas relações e elementos constituintes. É bastante interessante esta idéia da mobilidade (nos atos de caminhar e escalar) como possibilidade de observação, as quais se diferenciam da mobilidade ocorrida por intermédio de outros meios de transporte.

O autor também desenvolve uma diferenciação interessante sobre o corpo escalador e o corpo metropolitano, salientando que os mesmos não se fecham em oposições, mas co-existem, fazendo parte da pluralidade cultural e valorativa dos atores contemporâneos. Tal idéia de co-existência é útil para nossa discussão sobre aventura e natureza, evidenciando que as mesmas e suas ressonâncias no espaço urbano se complementam e se interagem, dando indícios de uma nova concepção sobre os deslocamentos atuais.

Ainda que tenham sofrido diversas alterações, as formas de se deslocar, movimentar, passear e viajar são inúmeras e possuem novos significados. Em diversas situações, podemos observar o quanto se tentou banir a aventura da vida contemporânea; visando a eliminação dos riscos e incertezas em busca de segurança, e a tecnologia teve (e tem) uma grande responsabilidade por isso.

Aspectos estes que nos remetem, novamente, ao nomadismo. O seu dinamismo e a sua espontaneidade estão justamente em desprezar as fronteiras, sejam elas nacionais, civilizacionais, ideológicas ou religiosas. Vive-se algo de universal e potencialmente libertário. Como mostra Maffesoli (2001, p.71), estabelece-se, aqui, um tipo de correspondência mística, a do encontro do “acaso objetivo”, podendo ser ilustrada pelos encontros fortuitos das férias, os encontros dos locais de trabalho, das reuniões festivas ou religiosas. Neste sentido, o errante, o nômade, o andarilho podem ser solitários, mas não são isolados, pois participam, de fato ou imaginariamente (virtualmente), de uma comunidade vasta e informal, a qual não tem, obrigatoriamente, longa duração, mas nem por isso é menos sólida.

Neste sentido, é possível afirmar que todas as pessoas investigadas, neste estudo, mostraram, em seus depoimentos, que o aspecto imaterial da viagem, em particular, em suas potencialidades afetivas e sentimentais, representa uma forma de tecer os laços, de estabelecer os contatos, de fazer circular a cultura e os seres humanos; ou seja, representa uma maneira diferenciada de estruturar a vida social.

Nesta mesma direção, a contribuição de Maffesoli (2001, p.23-24) é muito bem-vinda, ao denunciar que:

diante disso que chamamos globalização do mundo, diante de uma sociedade que se deseja positiva, lisa, sem asperezas, diante de um desenvolvimento tecnológico e de uma ideologia econômica reinando, ainda como mestra, em resumo diante de uma sociedade se afirmando perfeita e “plena”, expressa-se a necessidade do “vazio”, da perda, da despesa, de tudo que não se contabiliza e

foge à fantasia da cifra. Do imaterial, de qualquer modo. Estando atentos ao “preço das coisas sem preço” (J. Davignaud) é que saberemos dar sentido a todos esses fenômenos que não querem ter um sentido. Mas isso necessita de uma verdadeira conversão do espírito.

Essa conversão do espírito mencionada pelo autor implica em uma necessária mudança de valores. Para entender tal mudança, faz-se necessário abordar o significado da palavra existência¹¹, a qual evoca o movimento, o corte, a partida, o longínquo. Existir significa sair de si, abrir-se a um outro, ainda que por intermédio de uma transgressão. Desta forma, os diversos êxtases contemporâneos, de qualquer ordem que sejam (técnicos, culturais, musicais, afetivos) reafirmam o antigo desejo humano de circulação. De diversas maneiras, o desejo de errância é um dos pólos essenciais de qualquer estrutura social.

É o desejo de rebelião contra a funcionalidade, contra a divisão do trabalho, contra uma descomunal especialização a transformar todo mundo numa simples peça de engrenagem na mecânica industriosa que seria a sociedade. Assim se exprimem o necessário ócio, a importância da vacuidade e do não-agir na deambulação humana (MAFFESOLI, 2001, p.31-32).

Nesta perspectiva, Maffesoli (2001, p.34) se reporta a um tipo de “passeio sem destino”, ou seja, uma espécie de protesto contra um ritmo de vida orientado unicamente para a produção. O passeador pode ser considerado o arquétipo de uma forma de resistência a partir do fato de que destaca a força do ócio, com tudo aquilo que a moral econômica chamará de vícios que lhe são ligados. O passeador que vagueia possui um outro tipo de exigência: “a de uma vida mais aberta, pouco domesticada, a nostalgia da aventura”, assim como tão claramente apontou Magno, em sua entrevista.

Quando eu decidi que viria morar aqui em Delfinópolis, muitas pessoas questionaram, “mas como você vai conseguir viver lá?”; “como você vai largar tudo?”. É incrível como as pessoas podem questionar a vida em um lugar mais tranquilo, próximo à natureza e não se dão conta de qual é a vida que elas levam. Eu vejo tudo isso muito mais claro, hoje, morando aqui, quando eu viajo pra São Paulo pra visitar a família e os amigos. De fora, é muito mais fácil perceber: as pessoas só olham para o relógio; tem que sair sempre mais cedo, por causa da marginal, do trânsito [...]. Antes de me mudar, o dia da volta pra casa, depois de estar na natureza, era o dia do mau humor. Voltar pra cidade parece que deixa a gente mais azedo, mais fechado e o cotidiano é mestre em

¹¹ Palavra originária do latim “existere” que significa elevar-se; levantar; sair de, nascer, ser.

fazer isso com a gente. Eu acho que hoje o ser humano não precisa mais trabalhar tanto, 8-12h por dia. Eu acho que poderiam existir modelos em que as pessoas trabalhassem menos, que mais pessoas trabalhassem. Você vê que tem pessoas que trabalham loucamente e outras que não têm trabalho. Será que eu não poderia trabalhar 4h e meu vizinho que está desempregado trabalhar as outras 4h, ganhando bem, dignamente?

Magno procurou enfatizar que seria mais interessante se as pessoas procurassem levar uma vida inteira um pouco mais equilibrada, em todos os níveis, trazendo a aventura, na verdade, para todos os momentos da vida, aproximando-a do conceito de felicidade. Ele ressalta que:

a grande aventura do ser humano é a busca da felicidade. Essa é nossa grande missão e desejo: ser feliz e pra ser feliz a gente tem que procurar esse equilíbrio, ser feliz a vida inteira. A gente tem que procurar ser um pouco mais oriental; nós somos muito ocidentais, somos muito “ou isso ou aquilo. Trabalhamos a semana inteira pra, somente no final de semana, poder ir pra fazenda. Talvez, o que os indianos e chineses fazem possa ser mais interessante e equilibrado: nem uma coisa nem outra; mas as duas o tempo todo; uma coisa não exclui a outra. O lado ocidental é muito excludente. É uma opção de vida muito maluca; quero ver onde vai dar essa opção pela polarização. A vida é muito polarizada!

Complementando estas idéias e atendo-se à figura do andarilho, Maffesoli (2001, p.42) ressalta suas características de violar a ordem estabelecida e lembrar o valor da ação de pôr-se a caminho. Assim, não se pode querer analisá-lo a partir de categorias psicológicas, como um indivíduo agitado ou desequilibrado, mas como a expressão de uma constante antropológica: a da pulsão do pioneiro, que está sempre à frente na procura do Eldorado. Eldorado está sendo entendido, pelo autor, como o ouro para os alquimistas medievais, não significando a posse de um bem material e conversível em dinheiro. Prioritariamente, representa uma busca sem fim, a procura de si em uma comunidade, na qual os valores espirituais são, na verdade, a consequência de uma aventura coletiva. A fronteira, aqui, é sempre adiada, com o objetivo de que a aventura possa perdurar.

Ivana apresenta, em seu discurso, uma interessante relação com esta “procura de si”.

Quando você faz alguma viagem pra natureza e quando você volta, você demora pra entrar em sintonia, pra aterrissar. Você demora pra acertar o seu

relógio de novo. Eu acho que tem esse momento de ruptura; você quebra quando vai e quando volta. Eu acho que a experiência de aventura vivida na natureza é capaz de fazer você repensar e reorganizar a sua vida, é capaz de te fazer se reencontrar (porque você se permitiu se perder), trazendo um projeto de vida novo. Agora eu vou voltar e vou fazer diferente.

Ainda se remetendo às atividades de aventura na natureza, Ivana chama mais a atenção para esta “busca sem fim”.

Eu acho que cada aventura dessa você renasce um pouco. Só que é também um momento de amadurecimento porque cada vez que você percebe que você pode fazer coisas, você trabalha a sua auto-estima de alguma forma. Você percebe que você consegue se superar e superar esses momentos de estar perdido, de brigar com você mesmo, de estar com você mesmo.

No entender dos participantes investigados, a possibilidade de saída do cotidiano urbano permite uma evasão das reprodutibilidades manifestadas nas obrigações do trabalho, com a família, na religião, etc., na maioria das vezes, previsíveis. Neste sentido, as atividades de aventura na natureza são capazes de criar a sensação de liberdade (a idéia de “se perder” apresentada por Ivana), mesmo que apenas momentaneamente, potencializando a vivência de diferentes sensações e emoções, diante de uma aventura prazerosa que se mostra sob a forma de elementos relacionados ao desconhecido.

A vivência na natureza permite um mergulho na criatividade, na relação lúdica com o mundo; ou seja, permite um reencontro do pleno prazer de uma existência que, segundo Le Breton (2006, p.102), nenhum outro lugar parece oportunizar e que faz falta, especialmente, no exercício profissional, devido às características já apresentadas. “O *homo ludens* substitui o *homo faber*”. São justamente esses potenciais de sentidos que permitem a renovação dos atores sociais, em um movimento dinâmico que vai da excitação, do risco, à segurança, possibilitando aos seres humanos todas as dimensões de sua relação potencial com o mundo.

Além disso, pelo fato de muitas dentre as atividades de aventura na natureza requererem deslocamentos (curtos ou longos) pode-se estabelecer uma relação estreita com o ato de viajar e, por isso, algumas idéias de Botton (2004) são importantes para complementar estas discussões. O autor mostra que a arte de viajar não insiste apenas no estímulo provocado por impulsos externos, aqueles que qualquer um, ao visitar um país diferente, é capaz de sentir. O autor procura destacar, também, a capacidade de percepção do viajante, que vai muito além de

leituras de guias e roteiros de viagem. Para um espírito aberto e atento, mesmo um quarto fechado pode ser infinitamente interessante. Ou, ainda, para satisfazer sua curiosidade, o mundo inteiro pode não ser suficiente.

Na tentativa de mostrar a arte de viajar, Botton (2004) busca extrair da banalidade de coisas simples (como uma torneira de um hotel ou uma placa de sinalização), as idéias belas e identitárias que nelas podem se inscrever, permanecendo durante a novidade transitória de um viajante. Também é interessante uma diferença que o autor faz entre viajante e turista. Este último tende a se acomodar ao programado, evitando o confronto com o imprevisto, já o viajante abre-se à multiplicidade do mundo, enriquecendo-se com outras companhias, lugares e culturas. Botton (2004) critica os guias de viagem que costumam categorizar o que se deve ou não deve ver, pois ofuscam o olhar do viajante, reduzindo sua liberdade imaginativa. O autor ainda procura mostrar a necessidade de evadir-se e, neste sentido, as viagens são reais transformadoras.

Refletindo sobre esta potencialidade do viajante, aqui focalizando seu lado nômade de ser, vale destacar uma ambivalência apontada por Maffesoli (2001): o ir e vir constante entre clausura e abertura, ou seja, a sinergia constante entre a prisão do corpo e a aventura do espírito. O autor se remete às viagens imóveis, uma vez que a imobilidade pode se nutrir de diversas aventuras. O longínquo ressoa naquilo que está próximo. Pode-se perceber valores, modos de comportamentos e pensamentos vindos de outros lugares. As culturas, em suas particularidades, souberam e sabem misturar, em suas tradições, as inúmeras contribuições do estrangeiro. Neste sentido, “a vida cotidiana, sem seu aspecto estático, nada mais é do que uma perfeita integração, conscientemente ou não, daquilo que vem de longe” (MAFFESOLI, 2001, p.102). Forja-se a familiaridade das coisas, das pessoas, do meio ambiente, das paisagens, dos costumes, das tradições e dos hábitos, tudo isso é, de maneira permanente, trabalhado por seu contrário: aquilo que é estranho.

A liberdade, então, passa a ser determinada pela aptidão à mobilidade entre episódios e identidades. Nenhum sujeito social opera tanto na lógica da mobilidade quanto aqueles que viajam - os turistas. Bauman (1997) os consagra como heróis do mundo contemporâneo, pelas possibilidades que têm de estarem sempre em movimento e de nunca precisarem chegar. Não há objetivo a ser seguido na viagem do turista, senão continuar viajando.

O turista tem a permissão de estar dentro e fora do lugar ao mesmo tempo, absorvendo e dando ao lugar apenas o que lhe for conveniente. Nesta relação, o turista possui segurança e garantia, podendo abandonar o espaço quando não lhe for mais agradável. A liberdade do turista advém de um controle situacional - aptidão para escolher onde e com que partes do mundo se relacionar, e quando desconectar. Ligar e desligar não deixam no mundo qualquer marca duradoura: na verdade, graças à facilidade com que as chaves funcionam, o mundo (como o turista o conhece) parece infinitamente flexível e dócil (BAUMAN, 1997).

Portas, pontes e táticas

É pertinente, neste momento, a “metáfora da porta e da ponte”, utilizada por Simmel (2000b) em seus escritos, sendo bastante sugestiva e auxiliando na compreensão da busca pela aventura.

Vale, de antemão, lembrar que, diferentemente do conceito, as metáforas não têm pretensões à cientificidade. Maffesoli (1998b) mostra que, justamente por isso, elas tendem a ser mais neutras. Contentando-se em descrever, a metáfora auxilia no processo de compreensão sem, por isso, pretender à explicação; ou seja, ela não indica qual é o sentido das coisas, mas pode contribuir para a percepção de suas significações. É este o “saber metafórico”.

Partindo desta premissa, a ponte representa o símbolo da associação, enquanto a porta é o agente da dissociação. De imediato, pode-se imaginar que uma liga e a outra separa. A noção de separação seria desprovida de sentido se nós não tivéssemos começado a religá-las (como as margens de um rio), nos nossos pensamentos, nas nossas necessidades, na nossa imaginação.

Pode-se observar, aqui, uma primeira pista: ponte e porta revelando que a ruptura fundadora entre o homem e o mundo impõe como um desejo, por vezes, irresistível, uma totalidade recomposta. Simmel (2000a), entretanto, não sucumbe à “nostalgia” dessa totalidade, que pode, até ser desejada, mas é irrecuperável: porque o homem é o ser de ligação que deve sempre separar e que não pode religar sem haver separado e assim por diante.

A porta delimita uma dupla necessidade: a de religar-se e a de desligar-se. Ela representa uma estrutura antropológica muito esclarecedora, pois, sem ela, não seríamos capazes de compreender diversos fenômenos sociais contemporâneos. O separar e o ligar constituem-se em uma mesma ação estruturante. As pessoas desejam a estabilidade das coisas, a duração das relações e das instituições, mas, igualmente, desejam o movimento e a possibilidade de viverem novos sentimentos e emoções. Para que os limites sejam ultrapassados, primeiro eles precisam existir.

É importante lembrar que as atividades de aventura na natureza ilustram muito bem essas afirmações, porque mostram diferentes possibilidades de se perceber a natureza e tudo ao seu redor, unindo, muitas vezes, desejos e vontades que o cotidiano urbano tende a separar tão facilmente. A fala de Ivana é enriquecedora no sentido em que mostra a dinâmica existente em uma viagem.

Estou sonhando com uma viagem que combinei de fazer no final do mês, mas prometi que não quero ir de avião, nem de mala de rodinhas; quero ir de ônibus, com a mochila nas costas. Eu quero botar o pé na estrada; essa sensação de pé na estrada, de aventura que eu acabei banindo da minha vida, por falta de tempo e de possibilidade de fazer alguma coisa mais confortável. Mas o preço que eu paguei foi muito alto. Perdi a possibilidade de viver essa sensação de não planejar direito as coisas, de ser como a natureza, de deixar as coisas acontecerem, de deixar rolar. Isso é tudo muito raro!

Não podemos, portanto, negar a existência de muitas pontes e muitas portas. A dinâmica da porta e da ponte, isto é, do que separa e une, é uma temática que vai aparecer em vários ensaios da obra de Simmel, dentre eles, “O estrangeiro” - o qual, ligado ao seu mundo de origem, tenta se adaptar, “mimeticamente”, a um mundo novo, sendo, antes de tudo, a expressão de um híbrido.

O estrangeiro, de certa forma, representa a união dos contrários: é de um lugar, mas, ao mesmo tempo, também não o é, podendo desfazer os laços em qualquer de suas súbitas partidas.

Neste sentido, é válido perceber que, as aventuras na natureza, de certa forma e em determinadas circunstâncias, remetem-nos a este lado estrangeiro que Simmel (1983) admite existir em cada um de nós. Os aventureiros são híbridos que tentam se comunicar entre si; são, ao mesmo tempo, os de fora e os de dentro, face às inúmeras possibilidades de lazer na natureza que

se mostram na contemporaneidade. Os aventureiros podem perceber que algumas portas e pontes lhes são familiares, conduzindo-os a caminhos já conhecidos ou, ainda, podem parecer-lhes estranhas, quando elas os enviam a outros mundos não descobertos, ratificando o conceito de aventura atrelado ao desconhecido, como apontado anteriormente.

Para Simmel (2000a), a unidade é desejada, mas não deve ser atingida. A grande aventura é a busca, não o tesouro. A porta pode ser mostrada, mas cada um decide se deve ou não atravessar.

Enquanto a ponte prescreve uma segurança e direção absolutas, a porta é, assim, feita para que por ela a vida se expanda fora dos limites do ser isolado, até ao ilimitado de todas as orientações.

Tanto no sentido simbólico, quanto nos sentidos físico e intelectual, a qualquer momento, nós separamos o conectado ou conectamos o separado.

A ponte simboliza a extensão da esfera da nossa vontade sobre o espaço, envolvendo liberdade e possibilidade de mudanças permanentes. A porta é a imagem da fronteira, na qual os seres humanos sempre estão ou podem estar.

A imagem da porta, ao abrir ou fechar, favorece ou inibe, de alguma forma, o movimento da passagem. Deve-se reconhecer, então, que portas, pontes, limites e fronteiras permeiam a idéia da viagem.

Na verdade, o viajante é, acima de tudo, um estrangeiro, um intruso, nas palavras de Simmel (1983). Ele se afasta de seu próprio mundo, penetrando em territórios alheios. O viajante se fixa em um determinado grupo, porém sua posição no grupo é determinada, essencialmente, pelo fato de não ter feito parte deste grupo desde o início e pela razão de não ter inserido qualidades que não se originaram no próprio grupo. Mais ainda:

[...] se a mobilidade tem lugar em um grupo fechado, personifica aquela síntese de proximidades e distância, que constitui a posição formal do estrangeiro, pois a pessoa fundamentalmente móvel entra ocasionalmente em contato com todos os elementos do grupo, mas não está organicamente ligada com qualquer deles por laços estabelecidos de parentesco, localidade e ocupação (SIMMEL, 1983, p.184).

O estrangeiro é mais livre e mais capaz de examinar as condições com menos preconceito, uma vez que seus critérios para isso são mais gerais e ideais e, também, sua ação não

está atrelada ao hábito ou costume. Como membro de um grupo, a posição do estrangeiro se compõe, ao mesmo tempo, de certas medidas de proximidade e de distância (SIMMEL, 1983).

O viajante pode ser entendido como a figura do intermediário na comunicação entre os lugares que se encontram separados pela distância ou pelos hábitos culturais. Ortiz (2000) aponta que nada interliga estes lugares a não ser o movimento da viagem, realizado por uma motivação alheia à própria vontade.

Para Simmel (1983), o estrangeiro trata-se de uma forma sociológica que expressa uma posição, na qual a oposição entre mobilidade e fixidez adquire unidade e permanência social. O estrangeiro significa a oposição permanente entre estabilidade e mobilidade (razão pela qual é cercado de atração e temor). Portanto, a presença do estrangeiro, do estranho (ou do “outro”) é elemento de permanente instabilidade, de ampliação de horizontes e relações sociais e de questionamento dos processos de interação vividos. O estrangeiro, assim, pode ser entendido como a metáfora daquilo que as grandes cidades estão se tornando cada vez mais: locais de passagem. Ou seja, em suas múltiplas seqüências de passagens, as cidades não permitem mais as existências centradas em uma única residência, identidade, ideologia ou profissão, demarcando, de fato, a volta ao nomadismo.

Na figura do estrangeiro, tenha ele já se estabelecido ou não, o tema da viagem ilustra as idéias de mobilidade até agora empreendidas. Valendo a pena lembrar também que, o homem contemporâneo, de certo modo, precisa de certa estabilidade (afetiva, biológica, profissional, ideológica, etc.), porém, não despreza os desvios, as errâncias cotidianas ou as pequenas explorações de mundos estranhos, como apresentado por intermédio dos discursos de Magno e Ivana, principalmente.

Até mesmo o estático tem a necessidade da errância. Como afirma Maffesoli (2001), Prometeu tem a necessidade de Dioniso e vice-versa. Esta é a perfeita ambigüidade de um mundo duplo e também seu paradoxo, repousando sobre a união dos contrários. Estas idéias nos permitem trabalhar com a expressão “enraizamento dinâmico“ do mesmo autor, na qual se inscreve esta dialética.

Todo mundo é de um lugar, e crê, a partir desse lugar, ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência, nada se resolve numa superação

sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente (MAFFESOLI, 2001, p.79).

A viagem, então, passa a ser compreendida como uma “doce desterritorialização” (emprestando a expressão de BAUDRILLARD, 1992), trabalhando com a sinergia entre o aprisionamento do corpo e a aventura do espírito - ambigüidade constante da necessidade de segurança e do desejo de desligamento.

Não é de hoje o fascínio dos homens pelas viagens. Reafirmando as idéias até agora apresentadas, as viagens podem ser traduzidas como metáfora de enriquecimento individual ou, ainda, de retirada do mundo, segundo aponta Ortiz (2000), mostrando-nos que o movimento contrasta com a persistência dos hábitos cotidianos.

A viagem, ainda utilizando as idéias desse autor, é sempre passagem por algum lugar e sua duração se estende da hora da partida à hora do retorno. O viajante é aquele que se encontra “suspenso” entre estes dois referenciais balizadores do percurso. Neste sentido, o autor em questão acredita que a viagem se aproxima dos ritos de passagem. Ela implica a separação do indivíduo de sua família, uma estada no percurso propriamente dito e, finalmente, há uma reintegração em sua própria casa e terra de origem. Nesse aspecto de separação, está contida a idéia de pessoas que saem de um mundo anterior para entrarem em um outro completamente novo.

Neste contexto, a viagem pode ser compreendida como um paradigma da experiência. Ou seja, a viagem aponta o novo no meio da vida, abrindo a vida para a contingência, criando o exotismo (FEATHERSTONE, 1997). Digão mostra isso de forma simples e objetiva:

a viagem é sempre assim: não dá pra ninguém de fora julgar. Só você que está vivendo é que sabe a importância dela; em que ela te marcou, em que ela te influenciou e mudou! Pode ser a viagem mais boba do mundo, mas ela pode te fazer mudar, refletir e aprender; tendo um significado muito profundo pra você.

Assim, por meio da figura do viajante, do estrangeiro, do turista, do andarilho, ou qualquer outro nome que se queira dar àquele que vive sua liberdade de pensamento, de atitude e de sonhos, nos mais diferentes lugares, podemos detectar algo de desenfreado, de potencialmente libertário, a partir do não-enraizamento. O que parece passividade, em um primeiro momento, pode não passar de uma artimanha social.

Artimanha no mesmo sentido em que Certeau (1999, p.91-106) emprega a expressão “tática”, ou seja, uma ação calculada operada no espaço daquele que detém o poder da imposição. Sua ação é de astúcia, de tática de apropriação dos procedimentos e dos objetos que lhes são impostos pelas estratégias anteriormente postuladas.

Para Certeau (1999), os praticantes do cotidiano produzem “usos” ou “maneiras de fazer” diferentes do simples consumo. O autor afirma que essas ações constituem-se em táticas - práticas pelas quais usuários se re-apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural.

Nesta direção, como poderíamos pensar nas atividades de aventura na natureza e nos possíveis “usos” da mesma na vida cotidiana? Ou ainda, de que forma seus “usos” poderiam modificar o significado de aventura na natureza no contexto urbano dos praticantes?

As táticas apropriadas não significam ações de reprodução dos interesses impostos, mas, contrariamente, são ressignificadas, a partir de um não-lugar, o qual se estabelece no interior de outras práticas e que, nele, desenvolvem usos particulares dos procedimentos e dos objetos inovadores e, ainda, que se constituem em representações capazes de envolver vários atores em tais práticas.

Ao contrário das estratégias, as táticas dos aventureiros, servem para compreender a criatividade das pessoas, a inventividade camuflada, isto é, ações que são imperceptíveis aos olhos externos que supervisionam, controlam, como também as imprevisibilidades da própria natureza.

Os aventureiros experimentam, na natureza, desde efeitos de fadiga e de exaustão, diferenças de temperatura e a força do vento até sujeições a formas extensas de regulamentação, monitoramento e disciplina (principalmente quando estão dentro de parques e reservas, sob a condução de guias).

Movimentações inesperadas, roupas (ou ausência delas) e diferenciadas apropriações de tempos e espaços, parecem corresponder às características das astúcias e das surpresas táticas, ou seja, nas palavras de Certeau (1999, p.104): “gestos hábeis do ‘fraco’ na ordem estabelecida pelo ‘forte’, arte de dar golpes no campo do outro, astúcia de caçadores, mobilidades nas manobras, operações polimórficas, achados alegres, poéticos e bélicos”.

Os aventureiros envolvem-se em um jogo de resistência, burlando normas e ultrapassando limites, por exemplo, quando se protegem contra o sol através de roupas e loções

protetoras, quando se afastam das picadas de insetos com repelentes ou, ainda, quando seguem uma trilha ou uma via de escalada diferente da pré-determinada. Estas representam, portanto, algumas astúcias sutis e pequenas táticas de resistência, re-inventando, de certa forma, a experiência da aventura, por meio de ações imprevistas.

Igualmente, os aventureiros conseguem trazer para o dia-a-dia urbano importantes lições de cooperação, confiança, atenção, perseverança e auto-estima que são, intensamente, experimentadas na aventura na natureza.

Falar da aventura e seu lado extraordinário nos obriga a falar do seu oposto, do ordinário, do cotidiano, o qual pode ser entendido como o lugar da experiência, do vivido; lugar também das partilhas e dos enfrentamentos; da constituição dos laços e da socialidade. O cotidiano é marcado pela construção de acordos e pela realização de rupturas, muitas vezes, percebidas como ressonâncias do vivido na natureza.

Ivana mostra que a natureza, como palco e parceira das aventuras, acaba funcionando como receptora e emissora de motivações e inspirações fazendo com que os atores, nela envolvidos, consigam potencializar suas ações cotidianas urbanas, seja por meio da manifestação de novos hábitos ou da incorporação de diferentes valores.

Você sabe o que você quer, você sabe o que é bom pra você, pro seu dia-a-dia. Cada viagem dessa, você pensa coisas novas; ela te traz uma bagagem, um modo de vida diferente. Você sempre quer mudar alguma coisa que não está legal, você sempre se perde, mas depois se encontra. Você sempre traz uma lição, uns percebem tal lição, de um jeito ou de outro, e outros não a percebem. Acho que a palavra é conexão. Acho que as lições que trazemos de tantas viagens devem ser alinhavadas e elas é que nos fazem crescer, amadurecer!

Assim como Ivana, Rodney também dá dois exemplos interessantes para esta discussão, permitindo-nos uma aproximação com Le Breton (2006), ao ressaltar que as vivências em contato com a natureza representam uma possibilidade de intensificação da sensação de presença no mundo, fazendo do confronto consigo mesmo uma prova de autenticidade sancionada pelo corpo.

A escalada exercita você a ter um autocontrole em situações de stress. Cair numa escalada é relativamente normal. Você realmente pára, se concentra e domina o medo que quer prevalecer. Essa mesma situação eu consigo transportar para quando eu estou dirigindo. Houve um acidente na minha frente na Rodovia D. Pedro. Teve um engavetamento e eu fiquei muito surpreso de ver

a calma com que eu consegui reduzir, olhar pra trás e desviar de forma segura. Eu coloco como responsável a própria escalada que ensina você a dominar a situação de forma a conseguir pensar porque normalmente a reação que temos, como não estamos acostumados com isso, é de susto e nos leva a pisar no freio e é aí que o desastre ocorre.

Mas não é só isso. A reflexão também pode ser destacada, entender o ser humano como pessoa, como indivíduo que tem suas limitações; quando a gente está escalando a gente conhece as limitações que o outro tem e esse convívio estimula a gente a quebrar barreiras e a crescer, pra vencer nossos próprios limites; dedicação; respeito à natureza. Eu não respeito a natureza porque é moda, eu não respeito a natureza porque ela é algo fora de mim; mas sim porque ela está em mim; ela faz parte de mim. Eu extraio tudo isso dessas atividades na natureza!

O depoimento de Scala também é bastante pertinente, ratificando e complementando as percepções e idéias dos demais entrevistados.

Muitas pessoas dizem: eu não tenho condição de fazer, eu não posso, isso pra mim é muito difícil, eu tenho medo de escuro, eu não entro em caverna. Então, tudo vai da cabeça do homem e eu aprendi muito com isso. Eu também tinha as minhas dificuldades, e também tinha medo, eu também não tinha senso de direção dentro da caverna. Eu acho que ir pra caverna melhorou muito o meu sentido de direção porque dentro de um lugar, um túnel escuro, cheio de entradas e saídas pra todos os lados, você ter noção onde você está, de onde você veio e pra onde você deve ir, isso estimula as pessoas e, ao mesmo tempo, te dá um posicionamento diferente daquele do dia-a-dia de você não se preocupar com isso, correr, ir pro centro da cidade, por estradas, mas será que você não poderia ir por um caminho mais curto? Às vezes você pode ir por um lugar mais curto, mas você está tão habituado a ir por aquela avenida ou por aquele caminho e vai sempre por lá. Então porque eu não procuro um mais curto, ou melhor, ou com menos trânsito? Eu acho que esse meu envolvimento com a caverna abriu muito meus olhos pra isso, me deu condições de ter uma nova visão.

Uma interessante questão a ser apontada, neste discurso, é a hipertrofia do olhar, o qual tende a irradiar e intensificar a percepção do lugar, das paisagens, das pessoas. As atividades de aventura na natureza submetem as pessoas a experiências, deslocamentos e, às vezes, a acelerações, propiciando perspectivas inusitadas, alterando a percepção do próprio corpo e do mundo ao redor.

Há uma maximização não só do olhar, mas de todos os sentidos e Scala mostra o quanto o deslocamento dentro das cavernas contribuiu para o seu sentido de direção também fora delas, no seu dia-a-dia; assim como Rodney conseguiu detectar a contribuição da escalada

para a aquisição de mais calma e concentração em situações de estresse. Isto é bastante importante, afinal de contas os grandes centros urbanos tendem, de certa forma, a abrandar e anestesiar os sentidos, como demonstrado por Duarte Jr. (2001).

Também é pertinente para enriquecer esta discussão uma idéia apresentada por Simmel (2000c). O autor investigou como os seres humanos se adaptam às transformações que ocorrem no ambiente metropolitano, o qual tende a causar transformações psicológicas em diferentes níveis. Ao fazer uma comparação entre a vida na cidade e a vida rural, o autor afirma que a metrópole molda nas pessoas uma consciência diferente da consciência na vida rural, uma vez que, nesta última, o ritmo de vida e do conjunto sensorial de imagens mentais fluem de forma mais lenta e uniforme. Na metrópole, as relações entre as pessoas se dão de maneira superficial, gerando uma esfera de indiferença, corroborando as idéias, anteriormente abordadas, de Bauman (2001) e de Sennett (2000). Nesta perspectiva, Magno apresenta algumas considerações para refletirmos.

Eu, às vezes, brinco: radical é quem vive em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Belo Horizonte, nas cidades “monstros”, que não têm mais solução. As pessoas levam uma vida que é a mais radical que já se viveu até hoje. Essa vida trancada em casa, trancada no automóvel; com medo do vizinho, com medo de parar no semáforo, isso é uma prova, um teste de pura adrenalina no sangue. Sobreviver em São Paulo hoje é um esporte totalmente radical, é uma aventura radical. As pessoas vivem massacradas pelo cotidiano e acabam achando que é normal viver assim, trancadas em automóveis, em condomínios, com as crianças trancadas nos quartos com computador e Internet. Só que tem todo um lado humano que está sendo esquecido, principalmente, as relações de afeto. As formas de vida são muito diferentes dos últimos 20-30 anos. Houve um desvio da natureza muito grande, que tornou a gente extremamente urbano, extremamente bem informado, mas extremamente infeliz.

Magno complementa suas idéias enfatizando que vivemos, atualmente, uma “síndrome da infelicidade” pela nossa opção de vida.

Um bom exemplo é como as pessoas vivem hoje nesses apartamentos de 50m², onde não se vê o horizonte; são prédios ao lado de milhões de outros prédios. Isso pra mim funciona como uma arma opressora. Este estilo de vida urbano, neste ponto, é totalmente opressor! Você não vê o horizonte, o sol, você não vê a lua, não vê o pôr-do-sol, não vê as estrelas; o que acaba te jogando para um lado que eu não sei se seria o melhor! Talvez eu esteja sendo romântico, um saudosista, mas eu gostaria e vou tentar dar a educação para o meu filho mais próxima possível do que eu tive, que foi andar com o pé

descalço, vai pra rua, se suja, briga, volta, apanha, bate, joga bola, cai da bicicleta, do que uma vida simplesmente voltada para o computador, nos padrões da internet. Eu vou tentar dar um modelo de educação antigo, entre aspás, e eu acho que assim eu vou formar um cara mais feliz. Por tudo isso eu sai de São Paulo e vim morar aqui em Delfinópolis. Aqui eu acho que tudo isso será possível!

Da mesma forma, cabe, também neste momento, mostrar diferentes possibilidades (até mesmo no ambiente urbano) compartilhando daquilo que Sant’Anna (1993) denominou de “pequenas revoluções subjetivas”, pois elas são capazes de expandir a percepção e as oportunidades de experimentar o mundo com mais prazer, a partir do corpo em relação. Por sua vez, estas “pequenas revoluções subjetivas” foram detectadas no discurso de Ivana.

Acho que dá pra você se aventurar dentro de casa. Dá pra trazer a natureza pra dentro de casa. Dá pra você trazer pra dentro do seu lar, pra dentro de você o que te faz bem lá fora. Tudo o que acontece lá fora, acontece dentro de você. Daí voltamos à idéia de que todas as dinâmicas que regem a natureza, também regem a natureza humana, e eu consigo perceber isso trabalhando os meus processos instintivos.

Ivana se remete a um necessário “direcionamento do olhar”, uma vez que, para ela, o encantamento pela natureza surge da conexão do racional com o afetivo. Ivana complementa:

os biólogos gostam da natureza porque eles sabem decifrar a natureza. Quando você entende a natureza, você, que não é biólogo, também aprende a gostar dela. Eu acho que a afinidade com a natureza é genética, é instintiva. Algumas vezes, ela pode estar dormindo (mas ela está lá) e precisa ser estimulada, principalmente pela afetividade.

Rodney também aponta possibilidades para a expansão da percepção e para a experimentação do mundo com mais prazer.

Uma vez eu fiz uma proposta a um grupo para que fizessemos uma mesma trilha de maneira diferente, olhando de forma diferente. Nós a fizemos à noite, quando, durante a caminhada, a gente parava, deitava e ficava olhando pra cima, tentando perceber coisas diferentes, como o odor da noite, que é totalmente diferente, os sons que a noite produz; a sua reação diante daquele lugar que é tão conhecido, mas que muda completamente. Essas coisas eu não sei dizer bem, mas mexem comigo e é essa parte aí que eu busco, pra que mexa comigo e eu tenha um crescimento pessoal. É isso que eu sinto cada vez que eu

faço uma atividade assim; é extremamente prazeroso e é o que eu tento passar pras pessoas. Fazer uma simples trilha que seja já é rico demais, mexe com você num nível psicológico porque muda seu estado de espírito: você se abre, fica mais receptivo a informações e estímulos diferentes. Você também trabalha seu físico, que é uma sensação maravilhosa quando se termina uma trilha. Você consegue se preparar fisicamente sem perceber porque você anda 6, 7, 8, 10 horas e não percebe; coisa que se fosse fazer em uma esteira de academia seria penoso. E você cresce, isso é o mais importante!

Possibilidades estas que marcam o espírito de nossa época, permitindo-nos retomar o pensamento de Maffesoli (2001) e a discussão sobre nomadismo, pois é justamente a ausência ardente e cheia de intensidade na vida diária que, simultaneamente, potencializa os seres humanos a gozarem os bens do mundo e abandoná-los, sem dificuldade, imediatamente.

É isso, em particular, que torna as novas gerações tão atraentes: cheias de preocupação hedonista do gozo do presente, e ao mesmo tempo capazes de generosidades, de formas de solidariedade espantosas, de inegáveis altruísmos. Em resumo, materialistas e espiritualistas, gozadoras da vida e pudicas, errantes e enraizadas (MAFFESOLI, 2001, p.190).

É próprio da errância, do nomadismo, tornar-se atento à ambivalência de todas as coisas.

Também não podemos nos esquecer que a errância conduz a uma visão mais ecológica do mundo, no sentido em que contribui para a construção social da realidade contemporânea, despertando mais uma sensibilidade ecológica que uma concepção econômica do mundo, privilegiando uma dimensão emocional e afetiva da estruturação social, conduzindo a uma concepção orgânica e ultrapassando as separações, distinções, cortes sociais ou epistemológicos, como afirma Maffesoli (2001).

Quebrando o enclausuramento individual, restaurando a mobilidade, a impermanência de todas as coisas, ultrapassando as estabilidades identitárias, sejam profissionais, ideológicas, sexuais, a errância volta a dar vida, reanima, em seu sentido estrito, as vidas pessoal e coletiva, feridas, reprimidas, alienadas em sua concepção racionalista e/ou econômica do mundo, da qual a modernidade tinha feito uma especialidade. A errância, em consequência, restaura uma visão mais flexível, mais natural, mais ecológica da realidade humana (MAFFESOLI, 2001, p.162).

A estudante Audrey acredita que o estar na natureza pode, efetivamente, potencializar nossa percepção do mundo.

As sensações de fazer uma trilha, de alcançar ambientes hostis, de difícil acesso, são inatas a um sentimento que temos de força de superação dos limites externos, assim como os emocionais. O interessante é trazer tudo isso pra nossa vida cotidiana; manter essa força da qual precisamos pra atingir nossos objetivos. À medida que a pessoa se sente, de fato, parte de tudo aquilo, é que passa a se sentir responsável por sua preservação [...]. O meio ambiente e a própria prática da atividade permitem, também, a intervenção pedagógica e pode-se trabalhar a questão da preservação mais profundamente. Acho que o contato com o ambiente natural desperta, em nós, a importância de preservação.

Estando livre em relação às instituições de todos os tipos, a fixação nos lugares e com as coisas, é que se torna possível comunicar-se, entrar em correspondência, viver uma forma de “relição” com a natureza que nos cerca e com o mundo social. O culto à natureza renasce, demarcando a dialética existente entre a solidão e a perda do indivíduo numa globalidade, assim como renasce a proliferação dos fenômenos tribais.

Recuperar a já evocada metáfora de Simmel (2000a), permite-nos afirmar que a ambivalência da aventura, simbolizada pela ponte e pela porta (as quais podem abrir, fechar, unir ou separar), é dinâmica, ratificando a multiplicidade de experimentações possíveis e, também, é estética, permitindo a vivência coletiva de inúmeras sensações e emoções.

Na aventura existem diversos pontos de referência com relação a interesses, valores e desejos. Alguns aventureiros podem estar em busca de mais excitação, risco e “adrenalina”; outros procuram encontrar a paz e o silêncio da natureza em atividades mais brandas e tranquilas; outros, ainda, não têm os objetivos definidos, entre tantas outras possibilidades. Vale lembrar que são diversos os interesses, assim como são múltiplas as práticas capazes de supri-los.

As atividades de aventura na natureza comprovam que os vínculos sociais contemporâneos se tecem a partir de sentimentos, de afetos e, até mesmo, excessos, aproximando-nos daquilo que Maffesoli (1998a) denominou “tribalismo”. Ou seja, os aventureiros reúnem-se conforme a opção pela prática, para viverem emoções coletivas e, mesmo que por curtos períodos de tempo, vive-se, em tais aventuras, uma intensidade de prazeres e

excitações, fazendo com que cada um só possa existir a partir da existência do outro. Isso é comprovado em várias situações, tais como esta em que Scala relata sobre as cavernas.

[...] aqui fora, na luz do dia, você enxerga o outro e às vezes você tem essa outra pessoa como seu inimigo. A partir do momento que você encontra algumas dificuldades, todos que estão lá dentro da caverna passam a ser seus amigos. Você sabe que em algum momento você poderá precisar deles. Teve uma pessoa que foi comigo pra caverna a 10, 12 anos atrás - uma psicóloga - e ela falou assim: olha, aqui vai ser o meu lugar de tratar os meus pacientes com claustrofobia e meus pacientes com problema de relacionamento. Até hoje eu converso com ela e ela continua a fazer este tipo de trabalho com as pessoas e tem tido bons resultados. Eu acho que lá é um lugar em que nós temos a oportunidade de sermos amigos realmente [...]. Nós percebemos o quanto é importante a questão do grupo, da união, da parceria, quando você vai para um lugar como esse. Existe uma regra pra quem vai pra caverna de nunca ir sozinho; ir sempre com, no mínimo, três pessoas. É justamente para que se caso aconteça alguma coisa, você não vai estar sozinho, um vai ajudar o outro. Então, existe necessidade de uma parceria, de um coleguismo, isso é muito importante; é uma visão de amizade e isso é transmitido para todos que estão lá dentro e acaba, até mesmo, acontecendo naturalmente.

Em uma viagem ao PETAR, o estudante Luiz fez uma afirmação interessante capaz de sintetizar este tipo de laço de amizade que pode se estabelecer:

quando existe um grupo de pessoas em um local isolado do seu meio comum, elas ficam, a princípio, desorientadas em busca de algo que lhes traga segurança e equilíbrio. Desta forma, aquilo que era grupo, transforma-se em uma equipe.

Nas cavernas, os entrevistados neste estudo, apontam que novos laços sociais se formam a partir das diferenças e de suas possíveis tensões conflitantes. A caverna permite que, em seus labirintos interiores, mesmo nos espaços reduzidos e estreitos, haja uma intensificação e um aprofundamento das relações que ali começam a tomar forma, de acordo com o entrelaçamento dos diferentes valores das pessoas presentes. As diferenças parecem ser anuladas, havendo um sincretismo de religiões, culturas e gostos. A relação afetiva e intuitiva com a natureza parece reforçar esta situação, conduzindo-nos à “razão sensível”. Também caminha nesta direção a experiência com um grupo de alunos que Ivana exemplificou em sua entrevista.

Eu dei um curso uma vez e, como finalização, eu levei a turma pra fazer um bóia-cross em Brotas. Os alunos vieram me falar depois da viagem que se eu

tivesse dado este curso antes, teria sido muito melhor! Eles seriam uma turma muito mais unida, pois durante uma, duas horas de descida eles se tornaram mais amigos e estreitaram laços que, nunca, em tantas horas de aula, eles haviam estabelecido. É como se fosse um pacto: na hora da necessidade de ajudar o outro a não se perder ou quando a bóia se enroscava, ou quando tinha um galho, um ajudava o outro, ou para vencer alguns desafios que a própria natureza colocava. Eu percebi que alguma coisa dentro deles se transformou e, dentro de quatro paredes, isso nunca tinha acontecido.

Nesta mesma perspectiva, Sant'Anna (2001) aponta que, muitas vezes, nas práticas realizadas junto à natureza, envolvendo diferentes percepções e sensações, os praticantes entendem a natureza como um espaço acolhedor, cujas formas de inserção são frutos de um trabalho difícil, paciente e delicado, principalmente quando o espaço inclui o que comumente se chama de natureza hostil. Aqui novas formas de composição são requeridas.

Compondo com a natureza

Os praticantes de atividades de aventura na natureza percebem, em seus específicos movimentos corporais, forças singulares em jogo na manutenção da experiência e de suas próprias vidas. Todas as partes do corpo se mostram inteligentes: caminhando sobre o gelo, na areia, ou em florestas, escalando montanhas e nadando em rios turbulentos, o corpo revela, com grande clareza, algumas de suas diferentes possibilidades: as mãos e os dedos se tornam cuias, pinças, garras ou patas, as pernas servem como nadadeiras, asas, colo (SANT'ANNA, 2001).

Ao longo do desenvolvimento das atividades de aventura na natureza, os praticantes cruzam diversos obstáculos, alguns com o intuito de ver o receio e o cansaço serem dissipados pela vontade de resistir e prosseguir - afinal de contas, é difícil lidar com as adversidades e fragilidades da natureza. Experimentá-las é fruto de uma relação intensa entre a inteligência do corpo humano e a inteligência dos corpos que a rodeiam. Quando esta relação é realmente efetivada o desejo de continuar na prática esportiva permanece e até se intensifica, assim como também se amplia o desejo de se relacionar com as rochas, com a água, com as árvores e com a terra. Desta forma, prosseguir na caminhada, na escalada, na aventura em si,

começa a significar encontrar-se com o espaço de tais práticas e não mais vencê-lo ou ultrapassá-lo. O medo de se machucar e a vontade de se entregar ao cansaço não inibem o desejo de prosseguir (SANT'ANNA, 2001).

Na verdade, a sensação de perigo não se esvai, chega a ser dilatada, porque é vivida pela mente não mais separada do corpo. Nesta experiência, o prolongamento entre o corpo humano e o do espaço não os opõe, mas também não os confunde: desafia de modos diferentes o esportista e os seres a sua volta. Assim, vencer o espaço natural não significa somente derrotá-lo, mas, essencialmente, vencer com ele. Vencê-lo não é dominá-lo, mas pode implicar boas risadas em sua companhia e Rodney levanta elementos que podem conduzir a estas possibilidades a partir de suas experiências com escalada.

Eu acredito que, antigamente, eu tinha uma visão um pouco romântica sobre o que era a escalada. Talvez eu quisesse simplesmente fazer algo diferente que, na minha época, ninguém fazia, ou provar alguma coisa pra mim. Porém, hoje, eu não penso nada disso. Na verdade, é muito mais que tudo isso: eu não preciso provar nada pra ninguém. Quando você está na rocha; você não tem ninguém te olhando, então você sabe que o desafio é com você mesmo. Quando você pratica essas atividades na natureza, você produz sensações e as revigora, aumentando e mudando a sua percepção. Você projeta algo, você vive uma sensação diferente, recria a experiência e externaliza o que mudou dentro de você a partir dela. Só que esse ciclo não pára. Esse meu crescimento, a minha mudança de visão é devido a isso. Pra pessoa que não pratica esse tipo de atividade, é difícil mostrar pra ela como isso mexe com a gente. No começo, exige dela uma disposição pra se colocar em posição e sentir isso, mas depois é só com ela [...].

Pensar sobre o estabelecimento deste tipo de relação, na qual as pessoas, ao se colocarem inteiramente nela, sem preocupações excessivas com o futuro, transformam-se, simultaneamente, em pensamento e ação. Com isso, o tempo presente é ampliado e intensificado. Para exemplificar essa relação, a prática do surfe foi utilizada por Sant'Anna (2001).

Conforme a autora, nas relações de composição, não estamos livres das dificuldades porque elas não ocorrem a partir de uma adequação harmoniosa entre as partes, nem realizam uma fusão entre elas, por meio de uma suposta dissolução de suas diferenças. Contrariamente a isso, as diferenças entre os seres são bem-vindas e continuam a existir ao longo da relação estabelecida.

Como exemplos de atividades de aventura na natureza, é possível citar o próprio surfe, prática que exige um entendimento prévio da onda - elemento complexo da

atividade; o *rafting*, atividade na qual se busca descer corredeiras, resistindo a não-linearidade das quedas; o *snowboard*, prática em que o rastro sobre a neve é preponderante nas evoluções, entre tantas outras possibilidades. Nessas situações, a relação de composição permite, igualmente, melhor compreensão do entrosamento entre o praticante e os elementos naturais, pois ela corresponde a um encontro entre heterogeneidades, permitindo a manutenção das mesmas do começo ao final da relação, possibilitando fortalecer, mutuamente, as inteligências em conexão e negando qualquer tentativa de descarte. O supérfluo não seria a vida, nem os seres humanos, mas as relações de dominação com o mundo, favorecendo encontros capazes de potencializar as composições individual e coletiva.

Rodney salienta que, quanto mais próximo ele está da conquista de uma via, mais intensa é a relação dele de admiração e respeito para com a rocha. Quando acaba a via e é preciso ir embora, sobressai-se a sensação de quebra dessa ligação, da qual ele sente muita falta, no dia-a-dia. Rodney prossegue:

quanto maior é o tempo que eu fico em contato com a natureza (por exemplo, quando eu vou escalar e fico dias abrindo uma via, em que há um espaço de tempo muito grande em que eu fico preso à rocha), mais participante dela eu sinto; como se eu fizesse parte mesmo. Quando eu corto essa ligação, eu sinto falta, é como uma pessoa que eu gosto e, às vezes, dá certo da gente ficar muito tempo junto e, de repente, a gente se separa; é como se houvesse uma quebra de ligação. Conforme você vai exercitando, conforme você tem esse contato intenso com a natureza, esse amor, esse respeito e essa interação vão aumentando.

Portanto, as experimentações sensíveis provocadas por essas atividades de aventura na natureza, manifestadas em relações de composição, fundamentam uma ética do respeito e da não-dominação. Como Sant'Anna (2001) mesmo percebe, esse tipo de relação pode parecer estranha ou distante da vida cotidiana, contudo, elas (felizmente) existem e podem ser observadas em diferentes experiências, remetendo-nos, igualmente, à idéia "religare" de Maffesoli (1996, p.76). Ou seja, com base em um jogo dos sentidos, orientado por parâmetros não-rationais, em uma incorporação do sonho, do lúdico, do imaginário e do prazer dos sentidos, constrói-se uma sociedade envolvida, não apenas em sistemas mecânicos de relações econômico-políticas ou sociais, mas em um conjunto de relações interativas, afetuosas e emotivas, ligando uns aos outros e transmitindo-lhes confiança.

As aventuras na natureza interferem na nossa ação no mundo, porém, sobretudo, na nossa postura em relação ao outro. Por aí, a aventura nos une à questão da sociabilidade, da constituição dos laços e da delimitação de lugares. Este quadro social é retomado por Maffesoli (1998a) ao afirmar que vivemos uma sociedade marcada pela mobilidade de papéis, pela presença das identidades múltiplas, pela conformação móvel de tribos, pelos nomadismos. A idéia de uma estrutura social monolítica é substituída pela compreensão de deslocamentos; noções como harmonia conflitual, jogos de papéis e duplicidade são categorias que exprimem melhor a cumplicidade permanente e irredutível da diferença e dos diferentes no interior da vida social.

A força do lugar

O local onde se pratica as atividades de aventura também deve ser relevado nesse processo de socialização, afinal, uma sociedade só pode perdurar se tem forte sentimento de si mesma, ao longo de sua construção identitária e histórica, mas também, de acordo com o espaço vivido em comum, onde se inscreve a memória coletiva, permitindo o reconhecimento de todos e de cada um.

Maffesoli (1996) destaca alguns exemplos do natural na vida social, que são reveladores de práticas sociais muito difundidas. Eles vão desde a utilização da madeira em construções sob diversas formas; a moda dos produtos naturais (à base de flores, frutos, folhas, etc.); usos variados na tecelagem com lã; couro, entre outros. O gosto pela natureza se traduz por uma espécie de simpatia (sentimento de participar de um cosmo comum) e pela harmonia entre os elementos desse cosmo. Essas simpatia e harmonia exprimem-se nessa lógica; são vividas com os outros.

A paisagem é um outro exemplo que pode ser vislumbrado, tanto nas motivações turísticas, quanto na escolha de um local para construção. O autor enfatiza que “a natureza, deixando-se tocar na paisagem, lembra que a vida social repousa na tatilidade” (MAFFESOLI, 1996, p.246).

Remetendo-se à paisagem alpina, bastante propícia para as atividades de aventura na neve (*snowboard*, esqui, esqui extremo e outras), Simmel (1988) detecta uma peculiar significação na massa de neve repousando na singularidade das formas alpinas. A configuração dos Alpes tem alguma coisa de inquieta, de accidental, onde as formas se conjugam, assentando-se umas as outras, dando sentido, constituindo-se em uma unidade que se reforça em si mesma. O ondulante desassossego das formas, o caos das silhuetas solitárias e indiferentes, transmite, em sua tensão, a impressão de que a excitação e a placidez parecem, singularmente, fundir-se. Os Alpes sugerem o caos, produzindo o efeito de uma tosca massa, que somente adquiriu um perfil próprio acidentalmente, sem obedecer a um sentido inscrito nele mesmo; como se houvesse rompido seu mutismo sobre o segredo da matéria, o qual se capta com um olhar mais direto sobre a configuração das montanhas que sobre qualquer outra paisagem (SIMMEL, 1988). As altas montanhas, com toda sua inacessibilidade e fúria e, ambigualmente, com toda a sua serenidade, inspiram os seres humanos, artistas, esportistas, andarilhos, etc.

Igualmente, podemos nos remeter ao mar, outro local também interessante e propício para a prática de atividades de aventura (tais como surfê, mergulho, dentre várias outras). Simmel (1988) também traz importantes contribuições para pensarmos este espaço. O mar, igualmente, é símbolo da vida, seu movimento em permanente variação de formas, o insondável de suas profundidades, a alternância entre a calma e a tempestade, sua amplitude que se perde no horizonte são um conjunto de circunstâncias e fatos que permitem à alma transpor o mar ao próprio sentimento de estar vivo. De certa forma, o mar nos libera da presença imediata e da pura magnitude relativa da vida por meio de um dinamismo que acalma, aquece, transcendendo a vida por meio de suas próprias formas.

Simmel (1988) salienta que o mar une os mais distantes lugares, estimulando o progresso, mostrando-se mais como um laço de união entre os países que como um muro de separação. Ao contrário, as montanhas mostram-se, ao longo da história humana, de forma negativa, ilhando uma existência a outra, impedindo contatos recíprocos, enquanto o mar os facilita.

Schelle (2001) também faz uma menção a esta questão negativa representativa das montanhas, destacando o aspecto repulsivo das mesmas, quando vistas do alto de um balão, por exemplo. Destaca, ainda, que as montanhas representam, de fato, um obstáculo às

comunicações. Contudo, ainda assim, são capazes de tornar a natureza atraente por sua diversidade e força das impressões.

Ao longo de passeios à natureza, muitos são os interessados em fazer trilhas para se chegar até o topo das montanhas. Ora altas, ora mais baixas, entre matas e cachoeiras, não importa: elas sempre mostrarão que, quanto mais de distancia da terra firme, mais bela é a paisagem, ao se olhar para baixo. Quem não se permite essas paradas para apreciação, perde a oportunidade de se maravilhar com as contínuas transformações da paisagem, que se mostram como se fossem um quadro, sendo pintado, vagarosamente.

Nos dizeres de Schelle (2001, p.85), as pessoas que não se dão esta pausa, estariam apenas perseguindo uma meta fixada, sem, sequer, poderem imaginar os inúmeros prazeres existentes ao longo do caminho em si. É uma pena, pois “o espetáculo de uma paisagem que se desvenda pouco a pouco é para o espírito um prazer particular”.

Estas impressões, tanto da neve, das montanhas, quanto do mar, são de caráter simbólico e se exprimem de diferentes maneiras, seja por intermédio do caos ou da organicidade, do silêncio ou do barulho, da rigidez ou da solidez - novamente demonstrando as ambivalências terrenas.

Neste momento, uma discussão, empreendida por Luchiari (2000), não pode ser negligenciada. A sociedade, particularmente ao re-valorizar as paisagens naturais - agora na direção de um aproveitamento econômico pela exploração turística - estabelece um novo modelo perceptivo em relação ao meio e lhe impõe novas territorialidades. Conforme a autora, é na emergência dos territórios que a sociedade mediatiza suas relações com a natureza e lhe atribui um valor, uma representação e um controle sobre as paisagens que os seres humanos disputam em um campo relacional de poder.¹²

Contraditoriamente, o processo de produção de paisagens urbanas em regiões, até então, esquecidas foi acelerado e uma construção permanente do conceito de meio ambiente foi nutrido, ambos pela valorização estética das paisagens naturais. Este meio ambiente

¹² Na atualidade, o conceito de território é de grande importância para a discussão e a compreensão dos processos socioambientais. O território pode ser entendido como um todo concreto, mas, dialeticamente, flexível, dinâmico e contraditório, repleto de possibilidades; constituindo-se na produção humana, a partir do uso dos recursos que dão condições à existência na Terra. O espaço é um destes recursos e sobre ele há um enorme desejo de dominação, sob diversas formas (SANTOS, 1997). A recente demanda ecoturística é um exemplo emblemático.

transformou-se no mito vendido pelo mercado, incorporado pelas cidades e adotado pela sociedade como símbolo distintivo de consumo (LUCHIARI, 2000).

A concepção tradicional de meio ambiente não gera nenhuma lógica para um re-encantamento da natureza; mas, sim, para uma reorganização de territorialidades, como apresenta a autora. Esta concepção reflete a natureza como externalidade, que poderá ser controlada, quando o que está em jogo é assumir que a valorização da paisagem pela sociedade contemporânea é organizada em torno da tensão entre o mundo natural e o mundo criado pelos seres humanos, com suas possibilidades técnicas, políticas e econômicas. É esta a razão simbólica que se impõe na estetização das paisagens pelo consumo.

Neste sentido, adotar a natureza como externalidade foi um grande equívoco da modernidade. Tal concepção, por sua vez, é fundamental para a compreensão das sociedades atuais e, para tanto, não é viável o contentamento com os aspectos meramente visíveis da paisagem.

Os seres humanos se apropriam da natureza de formas diversas. Seja para dela extrair recursos, para utilizá-los *in situ*, ou ainda, por meio de usos temporais, como cenário, que é a forma usual no turismo.

Neste sentido, é preciso reiterar que as atividades de aventura na natureza não estão à margem das condições de reprodução social, uma vez que o movimento ecoturístico mais amplo, no qual estão inseridas, é permeado por relações produtivas e mercantis. Tal movimento de regresso à natureza é ideológico e pode atuar em nome da conservação ambiental e da transformação social, bem como, em nome da depredação ou da alienação. Escolhas estas que dependem de interesses diversos em jogo; os quais deveriam, como já destacado por Serres (1991), estar atrelados à necessidade de uma relação mais plena com a natureza, permeada por um contrato natural, em que possam existir condições para uma coexistência harmoniosa e menos predatória, focando que cada um dos parceiros em simbiose deve a vida ao outro, por direito.

Sejam quais forem os lugares para realização de práticas de aventura - água, ar ou terra - os mesmos são repletos destas contradições, representando símbolos da eterna mobilidade dos seres humanos. Como demonstra Maffesoli (1996), o lugar tende a se tornar laço e é justamente a menor ou a maior capacidade de exprimir de uma comunidade que faz de um espaço físico, um espaço vivido. Contudo, pode-se pertencer, intensamente, a um determinado lugar, mas nunca de maneira definitiva. É este viajar incessante por vários espaços, com o intuito

de conhecer diversas paisagens e formas, que denota, certamente, uma das características mais notáveis das sociedades contemporâneas, ilustrada por meio dos discursos dos participantes desta pesquisa.

Permitir aos corpos se compor com a natureza, entregando-se ao outro, seja no escuro do interior de uma caverna ou em um bote na descida de corredeiras imprevisíveis, são exemplos que nos auxiliam no processo de compreensão da busca pela aventura, pelo diferente, pelo novo. Contudo, por outro lado, a busca, o desejo, o gosto, da mesma forma, têm relação estreita com seu oposto: a recusa, a repulsa, o desgosto, o medo - igualmente exemplificados por algumas experiências delatadas pelos entrevistados neste estudo, especialmente Ivana, ao dividir, anteriormente, conosco o fato de não gostar de sentir medo (principalmente de altura), tão pouco de sensações de “adrenalina”.

A afirmação da aluna Inês também mostra como a aventura pode ser uma insatisfação:

Eu não gosto de mato, de pernilongo. As cavernas parecem que estão sempre molhadas e empoeiradas por dentro. Acho que esta viagem serviu pra me mostrar que eu sou mesmo urbana e minha “praia” é shopping center.

Digão, ao se referir a sua mãe, igualmente, ilustra que as atividades de aventura envolvem desprazer e desgostos.

Eu resolvi levar minha mãe pra conhecer Visconde de Mauá, mas tive que fazer reserva na melhor pousada da região. Por exemplo, chegando lá, quando o pé dela ficava molhado pra atravessar uma parte de uma cachoeira, ela já dava “chilique”; ela é desse tipo [...]. Nesse sentido, a minha mãe odiou essa experiência. O perfil de diversão dela é outro; ela é urbana. Eu acho que quem acaba gostando mesmo e querendo voltar são aquelas pessoas que se sentem mais à vontade e se entrosam de verdade com a natureza, com o que ela tem de bom e de “ruim”.

Estes exemplos apontam outros tipos de olhares e percepções sobre a natureza e enfatizam que o simples ir ou conduzir pessoas em matas, cachoeiras e rochas não necessariamente desperta, nos envolvidos, empatia para com os elementos da natureza.

O percurso até agora percorrido (e os demais que virão) constitui-se nestes pares de opostos, os quais delineiam a constante dialética da vida humana. A vida é uma incessante relatividade de oposições, um permanente condicionamento recíproco dos contrários,

uma mobilidade fluída em que todos os seres humanos somente podem existir, como enfatiza Simmel (1988), sendo seres condicionados.

O sentimento de pertencer, nesta perspectiva, só tem sentido se existe, também, um pólo de repulsa, rejeitando alguém ou alguma coisa. Neste momento, a retomada da metáfora da ponte e da porta de Simmel (2000a) também se torna bem-vinda; ou seja, quem se remete à porta, remete-se também à abertura. Seja para o trabalho, para o turismo, para o lazer, haverá sempre um refúgio. A aventura pode ser a porta deste refúgio, simbolizando a passagem entre a abertura (para o novo, para o desconhecido) e o fechamento (para a rotina e infelicidades).

Unir e separar vão aparecer como dois movimentos em um mesmo processo. A aventura, concebida como uma pequena parcela da realidade cotidiana, pode ser a “ruptura”, caracterizando a “porta”, enquanto, por outro lado, a vida cotidiana em si revela a ponte.

Não há diferença no significado da direção em que se cruza a ponte, porém, a porta mostra uma profunda diferença da intenção entre entrar e sair. Isto difere completamente do significado da janela, a qual, como uma conexão do espaço interior com o mundo externo, está relacionada à porta. A janela dá noção de apenas uma pequena parcela do significado mais profundo e fundamental da porta.

Então, pensar a aventura na interface do nomadismo (e suas ressonâncias) nos provém de novas e importantes idéias e nos encoraja na busca contínua da compreensão das relações sociais que se estabelecem no mundo contemporâneo.

Uma outra possibilidade que também nos ajuda nesta busca é pensarmos a aventura na natureza como ficção e o próximo capítulo se propõe a refletir exatamente sobre isso.

7 Aventura e ficção

O sonho é uma segunda vida (ECO, 1994, p.14).

A realidade é uma qualidade pertencente a fenômenos que têm sua existência independentemente de nossa vontade, ou seja, não podemos desejar que não existam tais fenômenos; eles simplesmente existem (BERGER; LUCKMANN, 2003). O conhecimento, por sua vez, é entendido como a certeza de que os fenômenos são reais e possuem características específicas. Ou seja, o que é “real” para um monge tibetano pode não ser “real” para um empresário americano; seus conhecimentos específicos são diferentes. De acordo com Berger e Luckmann (2003), a sociologia do conhecimento trata, não somente da multiplicidade empírica do conhecimento, mas também, dos processos pelos quais qualquer corpo de conhecimento chega a ser socialmente estabelecido como “realidade”.

A sociologia do conhecimento entra em nosso raciocínio para demonstrar que, tanto quanto os seres humanos, as idéias têm localização social. Ela trata da localização social das idéias, agregando o pensamento, seu autor e seu mundo social. O problema teórico da sociologia do conhecimento é instituir como o conhecimento tem sido, efetivamente, condicionado, em seu conteúdo e em suas condições de produção, nos diversos contextos sociais; seu problema político tem sido o de explicitar as condições que possibilitam o desenvolvimento de formas de conhecimento dinâmicas, criativas, dotadas de riqueza e profundidade, e socialmente relevantes.

Berger e Luckmann (2003) discutem que a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos seres humanos, sendo, subjetivamente, dotada de sentido para os mesmos, à medida que forma um mundo coerente. O mundo da vida cotidiana, além de ser tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade, na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, também é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos seres humanos, sendo afirmado como real por eles.

Em seus escritos, os autores apresentam a realidade da vida diária sendo apreendida como uma realidade ordenada. Seus fenômenos encontram-se dispostos previamente

em padrões aparentemente independentes da apreensão que deles é tida e que se impõem esta apreensão. A realidade da vida cotidiana apresenta-se objetivada, ou seja, constituída por uma ordem de objetos designados como objetos antes que qualquer pessoa “entre em cena”. A linguagem utilizada na vida cotidiana fornece continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para determinada pessoa. Vive-se em um lugar que é geograficamente determinado; em que diversos instrumentos são utilizados, desde abridores de latas, até os automóveis esportivos, os quais têm sua designação no vocabulário técnico de certa sociedade; vive-se dentro da teia de relações humanas e suas dinâmicas.

Desta forma, Berger e Luckmann (2003, p.39) destacam que a linguagem marca as coordenadas da vida na sociedade, dotando esta vida de objetos repletos de significação. Nas palavras dos próprios autores:

a realidade da vida cotidiana está organizada em torno do “aqui” de meu corpo e do “agora” do meu presente. Este “aqui e agora” é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana. Aquilo que é “aqui e agora” apresentado por mim na vida cotidiana é o *realissimum* de minha consciência. A realidade da vida diária, porém, não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes “aqui e agora”. Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente.

Conforme o pensamento dos autores, quando comparadas à realidade da vida cotidiana, outras realidades aparecem como campos finitos de significação, como tipos de enclaves dentro da realidade dominante, a qual é marcada por significados e modos de experiência delimitados. Esta realidade dominante envolve as outras realidades por todos os lados. A consciência, por sua vez, sempre retorna à realidade dominante como se voltasse de uma excursão. Os autores dão vários exemplos desta situação e, dentre eles, destacam a realidade dos sonhos e a realidade do pensamento teórico.

É possível, agora, aproximarmo-nos da epígrafe de Umberto Eco, a qual inicia este capítulo: “o sonho é uma segunda vida”, ou seja, quando sonhamos, encontramos-nos em uma outra realidade, diferente da realidade dominante, da qual falam Berger e Luckmann (2003).

Gardner (1997), um outro autor que, assim como Umberto Eco, também é estudioso da ficção, afirma que, seja qual for o gênero, a ficção opera no sentido de criar uma ilusão de sonho na mente daquele que lê (ou mesmo assiste a um filme).

Assim como o sonho, o jogo, seja de crianças ou de adultos também nos permite pensar estas idéias, assim como o teatro, o qual, igualmente, fornece uma excelente ilustração desta atividade lúdica. A transição entre as realidades é marcada pelo levantamento e pela descida do pano. Quando o pano é levantado, o espectador é “transportado para um outro mundo”, com seus próprios significados e uma ordem que pode ter relação, ou não, com a ordem da vida cotidiana. Quando o pano é abaixado, o espectador “retorna à realidade”, isto é, à realidade predominante na vida cotidiana, em comparação com a qual a realidade vivida no palco aparece, agora, tênue e efêmera, por mais vívida que tenha sido a representação alguns poucos momentos antes (BERGER; LUCKMANN, 2003, p.42-43).

Rodney nos dá importantes pistas sobre isso por meio de sua percepção das diferentes formas de manifestação da aventura, trazendo novos elementos para a discussão.

A aventura da natureza é diferente da aventura do ambiente urbano e, ao mesmo tempo não é. É muito dialético isso! São e não são mundos diferentes. Não são diferentes porque você consegue trazer muito da aventura fora da natureza pra cá, pro nosso cotidiano. Eu não consigo o grau de interação na vida urbana que eu consigo na natureza. A natureza desencadeia em mim formas de pensamento diferentes, ela estimula isso. Talvez porque na natureza a gente não é tão protegido. Na natureza você sente os elementos: é o frio ou é o calor, ou é a sede, ou é a fome e ela mexe com você e te deixa mais sensível. Já num nível urbano, você tem tudo o que você necessita muito próximo, talvez; impedindo você de se colocar em posição, de extrair coisas diferentes, de desencadear pensamentos mais profundos ou mesmo reflexões sobre você mesmo, sobre suas sensações.

Em contradição às idéias anteriormente compartilhadas com Maffesoli (1998a, 2005); porém, corroborando o discurso de Rodney, Duarte Jr. (2001) mostra como o mundo contemporâneo desestimula qualquer refinamento dos sentidos humanos, provocando, inclusive, a sua deseducação, regredindo-o a níveis elementares, nas palavras do autor: “toscos e grosseiros”.

Nossas casas não expressam mais afeto e aconchego, temerosa e apressadamente nossos passos cruzam os perigosos espaços de cidades poluídas, nossas conversas são estritamente profissionais e, na maioria das vezes, mediadas por equipamentos eletrônicos, nossa alimentação, feita às pressas e de modo automático, entope-nos de alimentos insossos, contaminados e modificados industrialmente, nossas mãos já não manipulam elementos da natureza, espigões de concreto ocultam horizontes, os odores que comumente sentimos provêm de canos de descarga automotivos, chaminés de fábricas e

depósitos de lixo e, em meio a isso tudo, trabalhamos de maneira mecânica e desprazerosa até o estresse (DUARTE JR., 2001, p.15).

O autor afirma, então, que os sentidos estão se tornando cada vez mais deseducados e embrutecidos, em decorrência de um ambiente social degradado, de um espaço urbano rude e de uma crescente deterioração ambiental, fazendo-se necessário que despertemos a sensibilidade em nós, nutrindo, a partir dela e com ela, tudo ao nosso redor.

Retomando a discussão da possibilidade de transição entre diferentes realidades, podemos enfatizar o sonho como tal possibilidade. Sonhando somos transportados para os mais diversos lugares, experimentando os mais variados estilos de vida. Ao acordar de um sonho, quem nunca chegou a pensar como determinada situação, tão inexplicavelmente, pôde ser vivida em um sonho? Quem nunca acordou de um sonho e não teve a vontade de fechar os olhos e desejar que este mesmo sonho voltasse novamente? Independentemente da condição socioeconômica, política ou religiosa, o sonho tem a capacidade de potencializar os desejos das pessoas, algumas vezes, fazendo-as reviver situações passadas ou almejando por situações futuras. Há que se lembrar que sonhos podem se tornar pesadelos, mas não é esta a questão. Podemos ter sonhos que nos conduzem a outros lugares.

Berger e Luckmann (2003) também enfatizam que as experiências estéticas e religiosas são ricas em produzir transições deste tipo, à medida que a arte e a religião são produtoras endêmicas de campos de significação.

Todos os campos finitos de significação caracterizam-se por desviar a atenção da realidade da vida contemporânea. Embora haja, está claro, deslocamentos de atenção dentro da vida cotidiana, o deslocamento para um campo finito de significação é de natureza muito mais radical. Produz-se uma radical transformação na tensão da consciência. No contexto da experiência religiosa isto já foi adequadamente chamado de “transes”. É importante, porém, acentuar que a realidade da vida cotidiana conserva sua situação dominante mesmo quando estes “transes” ocorrem (BERGER; LUCKMANN, 2003, p.43).

Os autores supracitados tentam traduzir algumas experiências não-pertencentes à vida cotidiana para a realidade suprema da vida diária, o que, como vimos anteriormente, pode ser facilmente observado em termos de sonhos; sendo também típico das pessoas que procuram relatar os mundos de significação teóricos, estéticos ou religiosos. Por exemplo, o físico teórico crê que seu conceito de espaço não pode ser transmitido por meios lingüísticos, assim como o

artista com relação ao significado de suas criações e o místico com relação a seus encontros com divindades. Contudo, todos eles - o sonhador, o físico, o artista e o místico - também vivem na realidade da vida cotidiana, e, de acordo com Berger e Luckmann (2003), a dificuldade encontra-se na interpretação da coexistência destas realidades com os enclaves de realidade em que se aventuram.

Colocadas estas idéias, reporto-me a Walty (1999) e a Umberto Eco (1994) para subsidiar-me no desenvolvimento da idéia da aventura como ficção.

É preciso destacar, logo de início, que “bosque” está sendo entendido como uma metáfora para o texto narrativo, não só para os textos dos contos de fadas, mas para qualquer tipo de texto narrativo. Na expressão de Jorge Luis Borges “bosque é um jardim dos caminhos que se bifurcam” e Eco (1994, p.14) dá várias pistas a esse respeito:

Mesmo quando não existem num bosque trilhas bem definidas, todos podem traçar sua própria trilha, decidindo ir para a esquerda ou para a direita de determinada árvore, e, a cada árvore que encontrar, optando por esta ou aquela direção. Num texto narrativo, o leitor é obrigado a optar o tempo todo [...]. Os leitores se dispõem a fazer suas escolhas no bosque da narrativa acreditando que algumas delas serão mais razoáveis que outras. Digo “razoáveis” como se tais escolhas se baseassem no bom senso. No entanto, seria um erro pensar que se lê um livro de ficção em conformidade com o bom senso.

Assim como na ficção, na aventura (ao longo de uma prática de escalada ou de uma caminhada por uma trilha, por exemplo), pode-se, ou não, fazer certas escolhas; a melhor via ou caminho a seguir, a melhor agarrar a se segurar, etc. Além da opção, a praticidade também pode intervir na vivência das atividades de aventura na natureza.

Os praticantes podem ter diferentes comportamentos - ainda que se estereotipem por determinados modos de vestir, falar, andar, etc. - não existindo qualquer determinante de como devem realmente se portar diante de uma aventura. Isto ocorre porque, na verdade, eles utilizam a aventura como receptora e transmissora de seus próprios desejos e, até mesmo, medos, os quais podem ser exteriores à aventura ou por ela provocados. Quem determina as regras da aventura e suas limitações? Como ela se constrói e se modifica? Aqui, o gosto ou o medo pela altura, pela “adrenalina”, assim como o gosto ou o desgosto pela água fria de uma cachoeira são exemplos interessantes e foram, em capítulos anteriores, citados pelos entrevistados nesta pesquisa.

Na tentativa de procurar elementos que auxiliem nas respostas de tais perguntas, precisamos, antes, “entrar” mais no mundo da ficção e seus bosques, os quais parecem contribuir para desvendar o mundo da aventura.

Walty (1999), refletindo sobre a relação realidade/ficção, com o intuito de compreender o espaço ocupado pela ficção nas sociedades, assim como suas funções, apresenta alguns significados da palavra ficção.

Começando pela ficção científica, suas narrativas, verbais ou filmicas, possuem enredos baseados no desenvolvimento científico e nas situações conseqüentes de tais desenvolvimentos temporal e espacial.

Uma outra idéia de ficção tem relação com a arte, expressa por meio da pintura, do teatro, da literatura ou do cinema. O ato de contar histórias, sejam elas quais forem, sempre fizeram parte da vida humana. Ou seja, sempre convivemos com personagens atuantes em um tempo e em um espaço diferenciados, marcados por uma narração feita por alguém (WALTY, 1999).

Quando lemos um conto, um romance ou assistimos a um filme, deparamo-nos com personagens verossímeis ou não, de uma estória também plausível ou absurda, organizados ou caóticos. Esta forma de narrativa é denominada ficção em oposição aos filmes documentários, aos livros autobiográficos, cujos personagens efetivamente viveram. Nestes casos, como aponta Walty (1999), os fatos narrados têm como ser comprovados por meio de manuais de história, jornais ou, até mesmo, testemunhos pessoais. Neles, o tempo e o espaço são mensuráveis e concretos.

Walty (1999) esclarece que a idéia de ficção ligada à arte remete a Platão. A imitação poética está afastada das realidades supremas, das idéias eternas, pois a matéria dos poemas refere-se às aparências de um mundo de aparências. Para Platão, o poeta está afastado da verdade, vivendo no erro e não possui nenhuma utilidade, pois se limita a fazer simulacros com simulacros, ou seja, faz a cópia desvirtuada do real. Neste sentido, a arte seria um mal (pois escapa ao racional, suprindo as emoções e enfraquecendo a alma) e o poeta, por sua vez, deveria ser negado, a menos que cantasse os heróis consagrados. Aristóteles traz a poesia (incluindo a lírica, a epopéia, a tragédia e a comédia) para uma posição mais otimista, reconhecendo-a como inerente aos interesses dos seres humanos. Vale lembrar que é de Aristóteles o conceito de arte como *mimese* (imitação da realidade), utilizado até os dias de hoje.

Para Aristóteles, *mimese* representava todas as formas artísticas e suas relações com a realidade, ou seja, transcendia a mera imitação da vida real, uma vez que emoções específicas são despertadas, diferentes daquelas vividas no cotidiano das pessoas.

É pertinente abordar, nesta discussão, a contribuição de Elias e Dunning (1992), autores que resgataram, em seus estudos, esta categoria *mimese*. Para eles, este termo se relaciona aos sentimentos vividos em momentos de lazer, os quais estão relacionados a sentimentos desencadeados em situações do dia-a-dia. Há um descontrolo controlado e agradável das emoções. Por meio dos acontecimentos miméticos, é possível saciar a necessidade de experimentar o extravasamento de fortes emoções em público, proporcionando uma liberação que não perturba, nem coloca em perigo as ordens da vida social.

Ou seja, algumas atividades de lazer podem estimular emoções, produzindo tensões de um tipo particular, sob a forma de uma excitação controlada, ou seja, uma agradável tensão-excitação, sem riscos, de alguma forma relacionada à excitação provocada em outras situações diárias. Uma excitação mimética pode possuir um efeito de catarse ainda que a ressonância emocional possua elementos de ansiedade, medo e, até mesmo, desespero.

Neste debate em que a ficção é trazida, as atividades de aventura na natureza não enfocam apenas representações de fatos da vida real; porém, como afirmariam Elias e Dunning (1992), relacionam-se com emoções experimentadas em situações reais, transpostas e combinadas com uma espécie de prazer em uma dimensão imaginária.

O lazer mimético cria tensão e sua busca não é explicada como uma simples forma de descarregar as tensões do trabalho (ainda que possam ocorrer, assim como detectado em alguns discursos dos entrevistados). É justamente essa tensão diferenciada que torna certas ações, singulares e sedutoras.

Esta tensão-excitação apresenta-se como um elemento capaz de elucidar os limites das formações sociais, atualmente construídas, tais como os interessados pelas atividades de aventura na natureza.

Retomando a discussão anteriormente empreendida, Walty (1999) esclarece que a arte e a literatura, entendidas como ficção, remetem-se ao sentido de imitação aristotélica, de criação de uma supra-realidade. Até os dias atuais, podemos nos deparar com pessoas que, como Platão, entendem a arte como inferior a outras manifestações da cultura humana; mas, por outro

lado, também podemos observar pessoas que, assim como Aristóteles, reconhecem a importância da arte e até sua superioridade em relação à ciência.

A arte, então, seja de que forma for, é ficção e se distingue do real. Ler um poema, assistir a uma peça teatral ou a um filme expõe os indivíduos, tanto aos perigos quanto aos benefícios da arte. A ficção, por sua vez, representa a criação da imaginação, da fantasia, das coisas sem existência real, apenas imaginária. “Ela se confunde com sonho, com utopia e até com loucura” (WALTY, 1999, p.15-16).

Complementando estas idéias, Duarte Jr. (2001, p.18) enfatiza que a arte pode consistir em um precioso instrumento voltado à “educação do sensível”, conduzindo a todos, não apenas a descobertas de formas, até então inusitadas, de sentir e perceber o mundo, mas, igualmente, desenvolvendo e refinando sentimentos e percepções da realidade vivida. Igualmente, como já apresentando anteriormente, acredito ser interessante nos aproximarmos das atividades de aventura na natureza, pois, por meio delas, somos capazes de aguçar nossos sentidos, em diferentes níveis, além de sermos potencializados a refletir sobre nós mesmos e nossas diferentes formas de relação com o outro e com a vida. Mais ainda, a vivência de aventura também pode abrir novas possibilidades de mudança, despertando interesses e talentos, muitas vezes, ocultos.

O termo ficção veio do latim “fictionem”, cuja raiz é do verbo “fingo/fingere”, ou seja, fingir. Este verbo, inicialmente, significava tocar com a mão, modelar na argila; ligando-se, também, ao verbo fazer, que se liga à palavra poeta, uma vez que, em grego, “poiesis” significa fazer. Então, o poeta é aquele que faz, que cria. Estas idéias evidenciam a relação existente entre a palavra ficção e o ato de criar. Walty (1999) esclarece, desta forma, que as ações de criar, dar vida e fingir apenas parecem opostos, porém não o são. As origens das palavras nos mostram que o real e a ficção estão, na verdade, bastante próximos.

Partindo dessas discussões, igualmente, parece haver, na aventura, essa dupla perspectiva: de ficção e de realidade e uma incrível reversibilidade entre elas. Rodney evidencia como a experiência na natureza é significativa para ele, permitindo esse transitar por entre a aventura na natureza e o cotidiano.

Pra mim, o contato com a natureza é mágico! Você sai de uma realidade que você está preso em um plano, com determinadas características e necessidades, e se coloca em uma posição diferente com a natureza. Tudo o que

está na natureza, uma caminhada, uma escalada, todos esses esportes, mexe muito comigo e muda muito a minha percepção, me fazendo refletir sobre estas duas realidades, ao mesmo tempo distintas e complementares.

A aventura como ficção, parece, então, contribuir para uma recriação da realidade, apontando para o espírito lúdico dos seres humanos e suas respectivas capacidades de jogar, de brincar com riscos (reais ou imaginários) e com uma infinidade de possibilidades.

Risco e aventura estão, portanto, intimamente interligados ao lúdico, cujo limite é justamente a segurança e, por isso, permite o transitar entre o real e o imaginário.

O lúdico, o onírico e o imaginário, que são, na maioria das vezes, desprezados, são, na verdade, parâmetros essenciais. Maffesoli (2004a, p.149) salienta que é “o mito da criança eterna” que contamina, de inúmeras maneiras, todas as formas de ser e pensar. O culto ao corpo, os cuidados dietéticos, a reificação da natureza e a fusão entre diferentes filosofias e religiões são exemplos que se expressam em todas as idades e classes sociais.

Atuando na base de uma “razão sensível”, esses fenômenos privilegiam a experiência, a interatividade, os sentidos humanos, enfim, as características constitutivas da socialidade. Esta que não pode mais ser reduzida ao “social” moderno, dominado pela razão, pela utilidade e pelo trabalho.

Como afirma Maffesoli (2004a, p.152) não se trata mais de uma “liberdade, unívoca e abstrata, que é buscada, mas a prática das liberdades intersticiais. O mesmo ocorre com a utopia, que dá lugar às pequenas utopias vividas”. Portanto, a experimentação do lúdico e seus derivados requer a expressão desta liberdade. Somos seduzidos a pensá-la e, quando algo de importante ou absorvente acontece, deveríamos exercitar e cultivar, por meio dela, a “arte da demora”. Eco (1994, p.56) mostra como isso é possível na ficção:

[...] vamos a um bosque para passear. Se não somos obrigados a sair correndo para fugir do lobo ou do ogro, é uma delícia nos demorarmos ali, contemplando os raios do sol que brincam por entre as árvores e salpicam as clareiras, examinando o musgo, os cogumelos, as plantas rasteiras. Demorar-se não quer dizer perder tempo: com frequência, a gente pára a fim de refletir antes de tomar uma decisão.

Ao longo de seus escritos, este autor nos convence de que a narrativa, de maneira geral, permite passear sem ir a nenhum lugar específico e, às vezes, é até divertido se

perder por puro prazer. O escritor pode se utilizar de técnicas para demorar ou diminuir a velocidade da leitura permitindo ao leitor dar alguns passeios, servindo para estimulá-los.

Como demonstrado em capítulos anteriores, potencializando questões mais imaginárias que reais, Ivana permite se perder ao longo de seus passeios à natureza, dando importantes indícios disso em sua entrevista.

Quando eu viajo pra natureza e também pra outros lugares, eu procuro me perder, porque eu acho que é se perdendo que você conhece os lugares, as pessoas, que você se encontra. A gente se perde e depois a gente se acha. E quando a gente se acha, a gente se acha não só geograficamente, mas psicologicamente também e nos dá uma sensação de que nós podemos nos encontrar das duas formas.

A aventura vivida, experimentada ou imaginada, parece, então, relacionar-se a uma idéia de ficção, ou de construção de uma realidade, na qual os elementos envolvidos e os fatos são, muitas vezes, mais imaginários que, efetivamente, reais.

Nesta perspectiva, deve-se atentar que, em algumas atividades de aventura na natureza, inúmeras vezes, podemos perceber a pressa impedir a contemplação, a reflexão, a imaginação. Situação esta devido, principalmente, ao fato de as pessoas, mesmo involuntariamente, acabarem reproduzindo, em seus momentos de lazer, as mesmas dinâmicas racionalistas e produtivistas vividas no trabalho, deixando transparecer a necessidade imediata de conhecer, em curtos períodos de tempo, o maior número possível de cachoeiras, trilhas, lugares, como se a experiência pudesse ser medida pelo fator quantidade.

Infelizmente, os seres humanos passaram a ser produtivos e exigentes, inclusive, nos momentos ditos de lazer. Este, por sua vez, corre o risco de não fluir mais tão naturalmente, pois, como mercadoria, acaba sendo medido, avaliado e meticulosamente organizado. Algumas vezes, podemos até nos surpreender querendo pular algumas etapas para nos tornarmos “aventureiros”, com o intuito de apressar as situações, os aprendizados, mas, simultaneamente a isso, perdemos oportunidades singulares de conhecer um pouco mais sobre a natureza, sobre quem está ao nosso lado, sobre a vida.

Podemos ficar, várias vezes, extremamente envolvidos com os aspectos práticos e imaginários, ao mesmo tempo em que nossas ações se subordinam às percepções e aos riscos, reais ou fictícios. Nessas atividades de aventura na natureza, o corpo se transforma em um campo de recepção e emissão contínua de informações, as quais, por sua vez, devem ser precisas e as

tomadas de decisões, quase sempre, imediatas. Ficamos presos nessa trama, entrelaçados aos seus efeitos e resultados. Portanto, na aventura, podemos observar e vivenciar manifestações de situações ambíguas: ora calma, contemplativa, reflexiva; ora compulsiva, rápida, automática.

Uma questão importante, nesta direção, é como se dá a nossa percepção nas atividades realizadas em ambientes naturais. As pessoas conhecem muito pouco sobre o funcionamento da natureza e seus elementos e, muitas vezes, um simples redirecionamento do olhar e da percepção corporal pode ser bastante significativo para que a natureza seja percebida de forma diferenciada.

Ivana menciona que desenvolveu, em sua pesquisa de mestrado, uma metodologia que teve como objetivo mostrar a potencialidade do corpo no envolvimento das pessoas com as questões da natureza, facilitando a compreensão; uma vez que, segundo ela, tudo o que acontece no corpo acontece na natureza. De acordo com Ivana:

o corpo é um micro-cosmo; a natureza é um macro-cosmo. Então, fica fácil você entender a natureza quando você entende seu corpo. Essa linguagem é legal porque ela funciona com crianças, com adolescentes, com professores, com administradores de empresas, com todos, porque o corpo fala; ele tem uma linguagem universal e foi esta linguagem que eu descobri e gosto de trabalhar.

A citada “arte da demora” na ficção compreende descrições de objetos, personagens ou paisagens; assim como no processo de reconhecimento de pertencimento da natureza. O simples ir à mata, cachoeira ou montanha não implica em simpatia ou gosto pelos mesmos, como afirmado anteriormente. Há a necessidade de um processo de aproximação e adaptação (ou não).

Como destaca Eco (1994, p.75), a longa demora narrativa quer dizer que tempo, lembrança e sonho podem se fundir e cabe ao leitor deixar-se prender pelo torvelinho dos conflitos não resolvidos.

Eis aí um caso em que a demora visa não tanto diminuir o ritmo da ação, impelir o leitor a empolgantes passeios inferenciais, quanto indicar que devemos nos preparar para entrar num mundo em que a medida normal do tempo nada conta, um mundo em que os relógios estão quebrados ou liquefeitos como num quadro de Dali.

Assim como na ficção, esta outra dimensão do tempo e da reflexão leva-nos a admitir que, para nos impressionar, perturbar-nos, assustar-nos ou nos comover, até com o mais impossível dos mundos, devemos contar com nosso conhecimento do mundo real, este do dia-a-dia. Eco (1994, p.89) elucida isto com outras palavras:

[...] precisamos adotar o mundo real como pano de fundo. Isso significa que os mundos ficcionais são parasitas do mundo real. Não existe nenhuma regra relativa ao número de elementos ficcionais aceitáveis numa obra. E, com efeito, aqui há uma enorme variedade - formas como a fábula, por exemplo, a todo instante nos levam a aceitar correções em nosso conhecimento do mundo real. No entanto, devemos entender que tudo aquilo que o texto não diferencia explicitamente do que existe no mundo real corresponde às leis e condições do mundo real.

Portanto, os leitores precisam saber uma variedade de coisas a respeito do mundo real para presumi-lo como o pano de fundo do mundo ficcional. Entretanto, surgem algumas dificuldades: por um lado, na medida em que um universo ficcional conta a história de algumas poucas personagens em tempo e local bem definidos, podemos vê-lo como um pequeno mundo infinitamente mais limitado que o mundo real. Por outro lado, na medida em que são acrescentados indivíduos, atributos e acontecimentos ao conjunto do universo real, é possível considerá-lo maior que o mundo de nossa experiência. A partir disso, um universo ficcional não termina com a história, mas se estende indefinidamente.

Na verdade, como afirma Eco (1994, p.91), os mundos ficcionais são parasitas do mundo real. São “pequenos mundos” que delimitam a maior parte de nossa competência do mundo real, permitindo que nos concentremos em um mundo finito, fechado, bastante semelhante ao nosso, embora ontologicamente mais pobre. “Como não podemos ultrapassar suas fronteiras, somos levados a explorá-lo em profundidade”.

Até que ponto a aventura também pode nos conduzir a um outro tipo de mundo? Quando e como as atividades de aventura na natureza poderiam se tornar parasitas do mundo real?

Contando sobre algumas de suas experiências como guia, Magno destaca a diversidade dos praticantes, seus interesses e desejos; porém, mais que isso, o interdito da fala de Magno dá indícios de que as pessoas que buscam pelo contato com a natureza percebem, de certa

forma, o ambiente natural como um mundo à parte, diferenciado, em que elas devem obter o maior número de informações possível para serem bem sucedidas e atingirem suas metas.

Muitas das pessoas que chegam aqui, mesmo que elas já tenham uma certa idéia de que a região é selvagem, que as trilhas não são muito bem marcadas, elas chegam com o espírito: "o que eu vou poder encontrar?", "como vai ser?", como se fosse um outro mundo, diferente deste. As principais perguntas que elas fazem são: "qual é a distância? Quanto tempo leva? Vamos caminhar muito? O que nós vamos ver? O que eu devo levar?". Na verdade, a gente pega todo tipo de turista.

Assim como na ficção, não se consegue, nas atividades de aventura na natureza, ultrapassar suas fronteiras (no sentido de viver cotidianamente tais experiências); contudo, nos momentos da aventura propriamente dita, os praticantes procuram viver intensamente, explorando tais vivências em profundidade. As ressonâncias destas experiências é que são traduzidas e trazidas para o cotidiano de diferentes formas, como pudemos detectar nos discursos dos entrevistados neste estudo, em discussões anteriormente realizadas.

Ler uma narrativa ou assistir a um filme significa jogar um jogo por meio do qual damos sentido a uma infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou podem vir a acontecer no mundo real. O entretenimento com a narrativa, ou com o filme, permite a fuga da ansiedade que assalta as pessoas quando as mesmas tentam dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo. Para Eco (1994), essa é a função consoladora da narrativa; a razão pela qual as pessoas contam histórias e as têm contado há tanto tempo. Por sua vez, encontrar uma forma no tumulto da experiência humana sempre foi a função suprema do mito.

Quanto ao mundo real, Eco (1994) procura evidenciar que a verdade é o critério mais importante, a partir do qual se tende a achar que a ficção descreve um mundo que se deve aceitar tal como ele é, em confiança. Contudo, mesmo no mundo real, o princípio da confiança é tão importante quanto o princípio da verdade.

A maneira como aceitamos a representação do mundo real difere pouco do modo como aceitamos a representação do mundo da ficção, assim como do mundo da aventura. Transitamos por entre eles naturalmente.

Neste processo, a imagem assume uma significativa importância diante da constituição dos atores e suas relações. Assim, nada estará imune a ela, seja em termos

televisivos, publicitários, virtuais, religiosos, políticos, intelectuais, “tudo e todos devem dar-se a ver, colocar-se como espetáculo” (MAFFESOLI, 2004b, p.30).

São emblemáticos aqueles que foram aventureiros sem nunca ter sido, ou seja, pessoas que se interessam, de alguma forma, pelas atividades de aventura na natureza (ou melhor, pela imagem que elas carregam) e adquirem roupas e calçados próprios para caminhada, para escalada e outras modalidades; adquirem objetos diversos que as possam tornar aventureiras, mesmo sem nunca terem praticado alguma das atividades. Nesta direção, o depoimento de Magno é bem significativo.

Na verdade, a gente encontra todo tipo de turista, desde aquele que vem super equipado e preparado, com roupa apropriada, mesmo que nem saiba pra que serve um cordão, por exemplo; até aquele que vem com sandalinha, sem protetor, sem boné [...]. É incrível! O ser humano é mesmo muito diferente!

As imagens geram um mercado consumidor, com base no fascínio das pessoas por atividades carregando mensagens de aventura e de fortes emoções. Harvey (1992) destaca que a produção de imagens apresenta-se como um dos aspectos impulsionadores da sociedade de consumo, na qual a imagem obtida por meio da compra de um sistema de signos, como roupas de grife e carros da moda, passa a se constituir em um elemento importante na auto-apresentação nos mercados de trabalho, fazendo parte da procura por uma identidade individual e por um significado da vida.

Remetendo-se à sociedade do espetáculo que vivemos, a qual glorifica as imagens de diversas formas, Duarte Jr. (2001, p.96) destaca que:

é preciso notar-se o quanto essa avassaladora estimulação visual presente em nosso cotidiano não desenvolve verdadeiramente o olhar das pessoas, mas simplesmente o dirige e o condiciona para uma restrita percepção do mundo em que vivem. Uma percepção que, assim dirigida, desloca-se das coisas para a sua representação, isto é, o universo das imagens representativas passa a prender muito mais a nossa atenção do que a realidade em que nos movemos.

O autor aponta que o excesso de sentidos tende a anestesiar o corpo por esta estimulação desenfreada a que é submetido diariamente nas cidades; diferentemente do que alguns depoimentos desta pesquisa mostraram, enfatizando uma positiva maximização dos

sentidos adquirida nas atividades de aventura na natureza. Podendo, inclusive, acarretar em ressonâncias benéficas no cotidiano urbano.

Neste sentido, duas formas distintas de se perceber as coisas, por intermédio do olhar, podem ser notadas. A percepção prática, a qual busca a função, a utilidade dos objetos e a percepção estética, a qual se funda com suas maneiras de aparecer, ou seja, com os prazeres sensíveis e emoções que eles são capazes de despertar.

O modo prático de ver o mundo orienta-se movido pelas questões: “o que posso fazer com isto e que vantagens posso obter disto?”, ao passo que o olhar estético não interroga, mas deixa fluir, deixa ocorrer o encontro entre uma sensibilidade e as formas que lhe configuram emoções, recordações e promessas de felicidade (DUARTE JR., 2001, p.98).

A partir de tais referenciais, talvez se possa, realmente, crer que a cultura contemporânea é lúdica e apresenta-se, ao mesmo tempo, potencialmente tecnológica e, de alguma forma, espetacular.

Como parte deste fenômeno, Maffesoli (2004b) remete-se ao (re)nascimento de um mundo imaginal, isto é, um modo de ser e pensar perpassado completamente pela imagem, pelo imaginário, pelo simbólico e pelo imaterial, o qual pode transcender (ou não) o espetáculo nos moldes explicitados.

Aqui, a aventura como ficção parece ser um bom exemplo disso, expressando-se ludicamente e mostrando, a seu modo, a complexidade e a dinâmica da vida contemporânea. Podemos, assim, entender o real a partir do imaginário. Os entrevistados deste estudo apontaram inúmeros exemplos nos capítulos anteriores que permitem estas afirmações, por exemplo, quando relacionaram as aventuras vividas na natureza facilitando, de diversas formas, a vida urbana, seja profissional, emocional, pessoal ou coletivamente; ou, ainda, quando conseguiram visualizar alguma questão de ordem prática sendo melhor desenvolvida, por intermédio de reflexões sobre a natureza.

Como destacam Berger e Luckmann (2003), corroborados pelos estudos de Maffesoli (2004b), a construção social da realidade é fundamentalmente simbólica. O mundo em que estamos se constitui em um conjunto de referências que compartilhamos com os outros, expressas por odores, ruídos, texturas, cores, imagens, etc. Referências estas que reforçam as inter-relações compostas por atrações e repulsas, alívios e tensões, ou seja, um certo tipo de

interação simbólica ou, neste caso, interação ficcional, uma vez que seus conceitos se assemelham.

Nas atividades de aventura na natureza, o envolvimento com os parceiros, o deslizamento pela água, o cheiro da mata, os ruídos das cachoeiras e dos animais, as cores do céu e das flores segregam um espírito lúdico, evocando a sensibilidade. A maximização dos sentidos e a pluralidade de sensações e emoções advindas de tais aventuras produzem, de certa forma, aquilo que Maffesoli (2004b, p.70) denomina “vibração estética coletiva” e pôde ser detectado nos discursos dos entrevistados, anteriormente abordados, principalmente nas falas de Saulo, Rodney e Scala ao mencionarem algumas de suas experiências na natureza.

Gardner (1997) nos leva a acreditar que a ficção persegue a verdade, mas, sem dúvida alguma, é uma espécie poética de verdade. De acordo com o autor, parte do nosso interesse quando lemos está em aprender como funciona o mundo, como os conflitos que partilhamos com o escritor e com outras pessoas podem ser resolvidos (se é que podem), quais valores podem existir e, de maneira geral, em que riscos morais implicam.

Enquanto cientistas e políticos trabalham pelo progresso, o escritor de ficção reitera aquilo que sempre se soube, encontrando novas formulações para verdades familiares, adaptando ao seu tempo verdades que pareçam fora de moda. É verdade, que, ao tratar de emoções humanas, o escritor não descobre nada, apenas elucida determinados fatos para aquele momento; não mexe em nada que já não tenha sido visto, uma vez que as pessoas buscam definir essas verdades e organizar suas vidas em torno delas há milhares de anos (GARDNER, 1997).

Além das importantes razões estéticas, Eco (1994) acredita que a leitura de romances se dá porque fornece a confortável sensação de viver mundos, nos quais a noção de verdade é indiscutível, enquanto, de outra forma, o mundo real parece um lugar mais traiçoeiro. Então, indaga o autor:

se os mundos ficcionais são tão confortáveis, por que não tentar ler o mundo real como se fosse uma obra de ficção? Ou, se os mundos ficcionais são tão pequenos e ilusoriamente confortáveis, por que não tentar criar mundos ficcionais tão complexos, contraditórios e provocantes quanto o mundo real? (ECO, 1994, p.123).

Ao longo de seu livro, o autor destaca alguns casos em que somos compelidos a trocar a ficção pela vida, a ler a vida como se fosse uma verdadeira ficção. Algumas dessas confusões são agradáveis e inocentes, algumas absolutamente necessárias, algumas assustadoras.

Voltando-nos às atividades de aventura na natureza, podemos destacar algumas situações semelhantes em que somos capazes de trazer elementos vividos no ambiente natural para nossa vida cotidiana.

A propaganda, na maioria das vezes, é a maior responsável em nos fazer crer que, ao sermos heróis nos finais de semana (seja saltando de pára-quedas, fazendo rapel ou escalando), ultrapassando limites de ordens pessoal e física, conseguiremos ser heróis também no nosso dia-a-dia, trabalhando mais e melhor, sendo melhor pai ou mãe de família, com mais confiança e mais feliz. Sem dúvida alguma, estar na natureza é sensibilizador e potencialmente transformador, fazendo com que consigamos repensar valores e idéias pré-determinadas, conduzindo, muitas vezes, a mudanças positivas de comportamentos e atitudes. Porém, esta transposição não pode ser visualizada tão mecanicamente assim, como a mídia tende a veicular. Este aspecto, assim funcionalista, seria demasiado simplista.

O discurso das propagandas tem o poder do convencimento, a partir da utilização da figura do “herói de final de semana” como um emblema da ascensão individual. Contudo, também não se deve pensar que apenas a propaganda (veiculada por diversos tipos de mídia) opera tais condicionamentos; não se trata de condenar o papel exercido por ela. Na verdade, ao entendermos os telespectadores como seres ativos e questionadores da realidade, detentores de “táticas” (como pudemos abordar no capítulo anterior), creio que o maior problema, aqui, está no fato de como pode ser conduzida a idéia de aventura na natureza trazida para o contexto urbano.

Portanto, não se pode negligenciar que as atividades de aventura na natureza são capazes de criar metáforas que se aplicam ao cotidiano das pessoas e, por meio delas, pode-se estimular a criatividade, o autoconhecimento, a responsabilidade, a liderança, a solidariedade, a comunicação e o trabalho em equipe; além de serem capazes de desenvolver e instigar diferentes habilidades e competências, muitas vezes, desconhecidas.

Contudo, mesmo concordando com isso, surge um questionamento: a aventura, ao se aproximar do conceito de ficção, sendo “transposta” para o dia-a-dia, não estaria sendo

incorporada como forma de alienação, parasitando a vida real e, de alguma maneira, reproduzindo toda a racionalidade da lógica dominante?

A crítica de Walty (1999), nesta perspectiva, é bastante interessante. A autora alerta que as sociedades atuais não conseguem vislumbrar as inter-relações entre os seres humanos tendo como princípios a liberdade e o prazer, contrariamente a isso, utilizam-se da necessidade de prazer e fantasia das pessoas para se impor em termos repressivos, impondo verdades engessadas. Walty (1999, p.42) alega, inclusive, que a ficção, de certa forma, acaba sendo conservadora e reduplicadora de valores. No caso da ficção científica, por exemplo, a noção de progresso veiculada tende a mostrar a supremacia da técnica, a robotização do homem e a supremacia da ciência. “Os verdadeiros conflitos sociais são mascarados, a luta de classes é dissimulada, permanecem o colonialismo, o etnocentrismo, a luta pelo poder e assim por diante”.

Notas sobre o mal

Novamente trazemos a tensão existente na vida humana: “os diferentes lados da mesma moeda”. Quase sempre se manifesta um medo das palavras, do real, prevalecendo um excesso de eufemismos para se amenizar e lidar com os problemas.

Neste sentido, a publicidade parece estar descobrindo maneiras de trabalhar com o lado mitológico, trágico¹³, da vida. A própria produção cinematográfica resgata mitologias, rituais (eis aí o exemplo do grande sucesso de *Harry Potter*) que, até então, recusávamos e tentávamos negar. A produção musical (tecno, metal, gótico) evidencia, revela, alguma outra coisa além da razão. Essas manifestações (publicidade, cinema, música) são muito reveladoras da contemporaneidade; porém, como lamenta Maffesoli (2004a), o grande problema é que nós temos dificuldades em analisar cientificamente a sombra de tais manifestações.

Na verdade, o reconhecimento da impermanência e imperfeição de todas as coisas é uma forma de se estar seguro da perduração do todo, em longo prazo. Esta tática é cotidiana e se a bruxaria (como no caso da série *Harry Potter*) é excepcional, são muitas as

¹³ Costuma-se confundir o dramático com o trágico. Em uma situação dramática há uma solução; na trágica, o que existe é uma acomodação e não há, necessariamente, uma solução (MAFFESOLI, 2004a).

crenças que, sem se declararem como tal, compartilham a mesma lógica. Assim como Certeau (1999) conseguiu, profundamente, captar estas criativas “artes de fazer” dos seres humanos, de forma a reinventar o cotidiano, Maffesoli (2004a, p.39), igualmente, detectou a existência de uma “sabedoria cotidiana da necessidade”, conduzindo a uma postura existencial, integrando o desamparo para alcançar um equilíbrio mais completo e complexo de uma lógica que não funciona em relação à superação do mal. Ou seja, que não funciona em relação à superação da síntese ou da perfeição, mas repousando na complexidade, na tensão, jamais terminada, que faz da imperfeição, da parte sombria, um elemento essencial de toda vida individual e coletiva.

A partir dessa negação, foram elaboradas as teorias que conduziram à sociedade asséptica que sempre buscou, cada vez mais, transformar o “risco zero” em ideal absoluto. Contudo, atualmente, manifesta-se, como mostra Maffesoli (2004a, p.52-53):

uma espécie de distanciamento que, à margem das opiniões e teorias, aciona uma simpatia e mesmo uma empatia, uma outra maneira de dizer a compaixão que emana das emoções compartilhadas, dos afetos comunalizados. São tendências que a atualidade exemplifica fartamente, e que nada mais têm a ver com o ideal da perfeição individual ou societária [...]. O bem deixou de ser a meta única. Já não passa de um elemento entre muitos outros. A parte do diabo tem aí o seu lugar.

Como exemplo do aspecto indivisível do dado mundano, Maffesoli (2004a) aponta a violência como estrutura antropológica, destacando que, enquanto os jovens de 1960 e 1970 contestavam o poder dos mais velhos para tomar posse de seus lugares, os jovens bárbaros das cidades contemporâneas não votam, não se inscrevem nas listas eleitorais, recusando-se a seguir as regras. Eles tentam opor as injunções adultas à passividade dos fumantes¹⁴.

Portanto, retomamos, uma vez mais, a discussão sobre a existência de um misto de atração e repulsa; amor e ódio; generosidade e egoísmo em todas as coisas. Tendo olhares mais atentos podemos constatar que os sentimentos mais elevados são permeados de seu contrário. Os mitos não se remetem a outra coisa, as histórias humanas ressoam com as

¹⁴ Maffesoli (2004a, p.61) aponta a existência de diversos tipos de violência. O fantasma de suas manifestações está bastante disseminado e, teoricamente, é muito delicado privilegiar um de seus aspectos em relação a outros. Sob várias perspectivas, a violência totalitária própria do Estado, das instituições e de seus representantes não pode ser considerada preferível à violência anônima dos “marginais de subúrbio”. O mais importante, na verdade, é que seja observado o aspecto estrutural, antropológico da violência. O que, de fato, é importante de se lembrar, pois ela é reconhecida da boca pra fora, sendo muito difícil aceitar suas conseqüências sociais ou individuais. Faço, aqui, um paralelo com a questão ambiental: muitos são os discursos e retóricas e poucas são as percepções e ações efetivas.

conseqüências dessa eterna contradição, frizando o aspecto tensional entre as polaridades diversas. Mas, como enfatiza Maffesoli (2004a), quem se remete à polaridade, naturalmente, remete-se à complementaridade.

Não existe, neste sentido, um “estado ideal”, seja ele político, social ou individual. Ele estará sempre sob ameaça de transformações, podendo explicar as sinceridades sucessivas (logo, as traições) no amor, a versatilidade das massas na ordem política, as múltiplas mutações, metamorfoses, transformações numa carreira humana, uma série de coisas significando que se está sempre em outra parte. O “eu” pode ser um “outro”, portanto, é esta a força da alteridade (MAFFESOLI, 2004a, p.64).

Sem dúvida, é, também, este “saber incorporado” que constitui a sociedade. Precisamos, então, começar a dar nomes às coisas e aos fatos, sem a utilização exagerada de eufemismos. De acordo com Maffesoli (2004a, p.70), a violência, desta forma, é um elemento essencial da construção simbólica do social: precisamente naquilo em que ela nos liga, ou nos religa, à natureza. Mais ainda,

sem a insegurança da vida, o tédio prevaleceria. Não podemos interpretar de outra forma o extraordinário interesse da televisão e de seus telespectadores por todas as formas de catástrofes naturais. Não fosse o fascínio pela insegurança, como entender o permanente sucesso, em todas as culturas, dos bandidos de honra?

Neste sentido, a vida cotidiana é permeada por conflitos que lhe conferem toda a sua intensidade. A ficção, a poesia, a aventura, o cinema, a música, a vida cotidiana, sobretudo, narram fartamente os problemas e vicissitudes dessa tensão. Nas palavras de Maffesoli (2004a, p.82) “reconhecer o mal é falar do interior de si mesmo e do interior do mundo, reconciliando-se, desta forma, com a alteridade”.

Simmel (2000a), com sua metáfora da ponte e da porta, novamente, é instrutivo na perspectiva desta discussão. Para fundar uma cidade, por exemplo, traça-se uma linha que demarca e, portanto, funda. Esta é a força da limitação. Assim, para que a ponte possa unir, é preciso que haja uma porta representando o símbolo do fechamento. Provavelmente, será essa a

determinação lógica que fundará a determinação psicológica dos habitantes da cidade, os quais serão capazes de resistir, na medida certa em que são protegidos pelo limite, pela fronteira¹⁵.

Aproximando-se, novamente, de algumas idéias de Certeau (1999), Maffesoli (2004a, p.85) aponta isso como uma espécie de tática particular, que não tem como objetivo dominar coisas e pessoas, mas se situa na dependência das coisas e na interdependência das pessoas. Ou seja, trata-se de um

efeito trágico baseado no conhecimento dessa “força do mal” que trazemos em nós, que cada grupo tem dentro de si. Trágico que consiste em não perder de vista esta “sombra” que sob muitos aspectos pode ser tutelar, a partir do momento em que sabemos conviver com ela.

Respondendo à pergunta anteriormente levantada, talvez, este momento, seja oportuno para afirmar que a aventura, ao se aproximar do conceito de ficção e ao ser “transposta” para o cotidiano das pessoas, não é incorporada como forma de alienação, ainda que possa estar em simbiose, de alguma forma, com a vida real, pois representa, de fato, uma nova “sabedoria cotidiana da necessidade”. Sabedoria esta facilmente detectada em vários discursos dos entrevistados anteriormente apresentados.

Retomando a interligação entre ficção e realidade e tendo como base o acima exposto, o que costuma ocorrer, freqüentemente, é que não decidimos entrar num mundo ficcional; ou seja, sem percebermos, de repente, vemo-nos dentro desse mundo. Eco (1994, p.131) lembra que, ao darmos conta disso, concluimos que o que está ocorrendo é um sonho.

Na ficção, as referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas que, depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito bem onde está. Tal situação dá origem a alguns fenômenos bastante conhecidos. O mais comum é o leitor projetar o modelo ficcional na realidade - em outras palavras, o leitor passa a acreditar na existência real de personagens e acontecimentos ficcionais.

Porém, se a atividade narrativa está tão intimamente ligada a nossa vida cotidiana será que, muitas vezes, não interpretamos a vida como ficção e, ao interpretar a

¹⁵ Vale lembrar que a maioria dos conflitos entre bandos de jovens tem como objetivo a defesa do território, do seu espaço, da sua cidade, dos seus objetivos.

realidade, não lhe acrescentamos elementos ficcionais? Até que ponto a ficção e a realidade não são meras coincidências? Seja como for,

não deixamos de ler histórias de ficção, porque é nelas que procuramos uma fórmula para dar sentido a nossa existência. Afinal, ao longo de nossa vida buscamos uma história de nossas origens que nos diga por que nascemos e por que vivemos. Às vezes procuramos uma história cósmica, a história do universo, ou nossa história pessoal [...]. Às vezes nossa história pessoal se coincide com a história do universo (ECO, 1994, p.145).

Na ficção, Gardner (1997) destaca que o sonho nos empolga a alma e o coração. Não só reagimos a coisas imaginárias - suspiros, ruídos, cheiros - como se eles fossem reais, mas, também, a problemas ilusórios como se existissem realmente: simpatizamos, pensamos, julgamos. Indiretamente fazemos nossas as provações dos personagens, e aprendemos com os fracassos e sucessos de diversos tipos de ação, atitudes, opiniões e crenças, da mesma forma como ocorre na vida real.

A ficção, portanto, mostra-se como uma categoria fértil para a análise das atividades realizadas na natureza, no sentido em que oportuniza aproximações da aventura experimentada em um mundo supostamente imaginário e a realidade de fato.

Desta forma, começamos a desconfiar que o valor da aventura, a qual pode se tornar ficção, não se encontra apenas em nos divertir, desviar nossa atenção das preocupações cotidianas, ou apenas em aumentar nosso conhecimento de pessoas, lugares e culturas. A aventura imaginária, vivida como ficção, também nos ajuda, de alguma forma, a saber em que coisas acreditamos, reforçando as qualidades que, por acaso, tenhamos e, também, nossos defeitos e limitações.

Neste sentido, a aventura pode projetar modelos ficcionais na realidade, a partir das práticas no ambiente natural. Ilustrativos de tais modelos, alguns exemplos foram apresentados pelas pessoas investigadas neste estudo, ao longo desses capítulos, tais como: a hipertrofia dos sentidos, a forma diferenciada de percepção corporal e o aguçamento da criatividade e do poder de reflexão. Com isso, novas oportunidades de entender a busca pela aventura estão lançadas.

8 Considerações finais: abrindo novas portas

“Uma idéia precisa suportar o peso da experiência concreta, senão se torna mera abstração”. Esta afirmação de Sennet (2000, p.11) me fez refletir sobre a importância de tudo o que foi, nestas páginas, abordado e questionado. Pensando nesta responsabilidade, aqui, acadêmico-científica, de imediato, veio-me à mente um apontamento de Maffesoli (1995, p.12).

Não se trata de “produzir” ou desvelar uma verdade já dada ou, ainda, de fornecer respostas prontas a todos os problemas que atormentam nossas sociedades em mutação. Sua urgência, é verdade, suscita impaciência. Razão a mais para adiar a ação, estabelecer comparações, suscitar questões. Em suma, aprender a colocar os problemas mais do que lhes dar soluções.

Justamente por isso, eu não poderia encerrar estas reflexões sobre a aventura, sem me apropriar destes pensamentos de Maffesoli, importante referencial teórico deste trabalho e cujas contribuições têm sido ricas, ao conseguirem retratar com fidelidade, lucidez e sensibilidade as felicidades e amarguras de nossa época.

Parafrasando-o, não pretendi responder, objetivamente, às perguntas feitas direta e indiretamente nestas páginas. Na verdade, apenas procurei mostrar outros olhares, focalizados em diferentes pontos, portas e janelas, na tentativa de suscitar novas possibilidades e perspectivas.

Os indivíduos se constituem e se desenvolvem em novas e diferentes condições sociais, econômicas, políticas e culturais. Nesse processo de construção de identidades e de socialização, o lazer é um elemento fundamental, tendo sido abordado em seu interdito, nestas páginas, de maneira proposital, pois uma discussão diretiva sobre ele poderia desviar-nos da proposta, devido à infinidade de concepções, conceitos e idéias a ele associados.

Existe um certo consenso no que se refere ao lazer como dimensão cultural, vivido por diferentes grupos, havendo cruzamento de intenções e de identidades diversificadas. Neste sentido, pode-se salientar que o processo de mundialização da cultura, não produz uma uniformidade cultural, como muitos sugerem existir; contrariamente a isso, ele nos torna conscientes de novos níveis de diversidade e das inúmeras facetas existentes na cultura.

Nesta perspectiva, o desenvolvimento do lazer e do turismo não deve ser considerado simplesmente como uma questão de números - fato este que traz dados interessantes, principalmente para a economia - mas, principalmente, como uma mudança qualitativa de utilização do tempo livre em uma sociedade “dita” globalizada. Igualmente, as viagens não se constituem em meros deslocamentos. Diferentemente disso, são expressões de mudanças na própria concepção de tempo disponível das pessoas, assim como as diferentes formas de vivências no lazer, aqui, exemplificadas pelas atividades de aventura na natureza.

Atualmente, é possível se deslocar pelas cidades, parques, países, etc. sem arranjos e programações demasiadamente estruturados para tal, ainda que os mesmos possam existir. As viagens contemporâneas, portanto, não demandam preparações com tanta antecedência e rigor, não necessitando de conhecimentos prévios para onde se pretende ir, bem como o que se pretende fazer. Essas características se relacionam com a própria noção contemporânea de aventura: nômade, errante, ficcional, imaginária. Elas são, na verdade, a sua própria expressão, denotando o desconhecido, o inusitado e a surpresa.

A aventura parece ser um corpo estranho à existência humana mas, ao mesmo tempo e paradoxalmente, liga-se ao seu centro. A aventura funciona, de certa forma, como uma síntese de alguns de nossos sonhos e desejos. Neste sentido, Simmel (2000b) contribui elucidando que a aventura é o coração pulsante de toda a sociedade.

Uma vez que “a unidimensionalidade do pensamento é incapaz de compreender a polivalência da vivência” (MAFFESOLI, 2004b, p.35), acredito que a aventura mostra-se, neste quadro, como um importante desafio para refletirmos sobre a razão e os sentidos, as certezas e as incertezas do mundo contemporâneo, constituindo-se em formas sensíveis de vida social.

A aventura, de acordo com os entrevistados neste estudo, está atrelada à idéia de busca pelo desconhecido, desejo de exploração, retorno ao nomadismo e a uma possibilidade de ficção, ressignificando modelos e, de certa forma, despertando novos comportamentos das pessoas envolvidas.

O nomadismo e a ficção permitem lançar a ponte entre o ordinário e o extraordinário da vida, não se satisfazendo com vivências estáveis, funcionalistas e meramente racionais, mas usando a pluralidade dos atores, por intermédio da fantasia, da imaginação, do imaterial e do lúdico. Ratificando, com isso, que as atividades de aventura são alternativas

fecundas para a compreensão das redes que se formam, na atualidade, entre as pessoas e a natureza, baseada em laços mais descompromissados e efêmeros, porém, verdadeiros e intensos.

Em busca de um encontro consigo mesmo, o ser humano contemporâneo se utiliza de “táticas”, “modos de fazer” e “saberes cotidianos da necessidade”, fazendo com que a vida se re-encante, a partir de novas formas de relacionamento entre as pessoas e com a natureza. Neste sentido, as atividades de aventura parecem ser a expressão mais interessante para exprimi-las.

São justamente todas estas características que justificam a utilização do termo aventura, na vida atual, evidenciando diferentes interfaces e visões de mundo.

Os rápidos progressos da tecnologia aparecem sob o signo da ambigüidade. Se, por um lado, concorrem para a melhoria das condições de vida, por outro, ameaçam a própria existência da vida sobre o planeta.

Reflexões semelhantes poderiam ser elaboradas para mostrar também os outros processos estruturais de modernização - da urbanização à industrialização, do sistema de comunicação e transportes à diferenciação social, da participação política democrática à expansão do sistema educativo, da redução das diferenças sociais ao aumento de estratos médios - conduzem, como efeitos do seu próprio dinamismo intrínseco, a resultados que contradizem a pretensão de racionalidade instrumental e de universalidade, entendida como neutralização dos valores, implícita na ideologia da modernidade. Constata-se, enfim, uma profunda crise dos mitos fundadores da modernidade: a sociedade do trabalho, a representação política e o saber científico.

Diante dessas transformações em curso, são evidentes as insuficiências das formas tradicionais de compreensão, pois além de descreverem um mundo que não existe mais, ainda obscurecem a leitura dos fenômenos, tais como se desenrolam diante de nossos olhos.

Maffesoli, em vários de seus escritos, sugere que a vida é feita de jogo, de encenação, de astúcia, de ousadia e, principalmente, dos “insignificantes” acontecimentos de cada dia. O cimento social é tudo aquilo que se faz sem a pretensão de mudar a existência ou de inventar algo grandioso. Eis uma sociologia que se faz crônica.

Partindo desse princípio e com base nas discussões empreendidas nesta pesquisa, é possível afirmar, ainda, que as atividades de aventura na natureza balizam e requerem um “saber sensível” (DUARTE JR., 2001, p.12), entendido como: “inelutável, primitivo, fundador de todos os demais conhecimentos, por mais abstratos que estes sejam; um saber direto,

corporal, anterior às representações simbólicas que permitem os nossos processos de raciocínio e reflexão”.

Precisamos dar mais atenção a uma “educação do sensível”, a uma educação do sentimento; o que Duarte Jr. (2001, p.13) chama de “educação estética”, indicativa da capacidade vital do seres humanos de sentirem a si próprios e ao mundo, em um todo integrado. Ou seja, entender a estética como mostra Maffesoli (1998), em seu sentido mais simples: vibrar em comum, sentir em uníssono, experimentar coletivamente.

Particularmente sobre a degradação do meio ambiente, solicita-se, agora, mais que nunca, não apenas intervenções científicas e técnicas, nos padrões das atuais ciência e tecnologia, mas implica em alteração brusca dos parâmetros norteadores do nosso conhecimento, nossa prática e, sobretudo, a educação das novas gerações. Nosso estar no mundo precisa ser reorientado, a partir de novas visões do que seja o pensamento científico, a ação técnica e do que significa uma vida em equilíbrio sensível com todo o planeta (DUARTE JR., 2001). Faz-se necessário, como almeja Schwartz (2001), reconhecer o meio ambiente e os outros como a si mesmo e o próprio corpo como um espaço ecológico.

As atividades de aventura na natureza podem ser interessantes pontos de partida para esta reflexão e possíveis ações. Assim como os discursos anteriormente apresentados de Ivana e Cris, a fala de Scala, agora, traz nova contribuição para esta discussão.

Uma coisa bastante interessante eu acho que foi essa minha mudança de vida; eu trabalhava dentro da indústria; e era chefe de uma sessão de produção, daí montei uma fábrica de produção de embalagem e, inclusive, era de embalagem de madeira. O produto era da natureza e, de alguma maneira, eu não estava me sentindo bem usando a natureza para o meu ganha-pão, ou seja, por um lado, falando em preservar e, de outro, usando a madeira. Então, eu sai completamente desta área e fui trabalhar só com turismo por conta da minha vontade própria. Nesse sentido, a relação lazer e trabalho sempre esteve presente. Agora eu estou vivendo diretamente entre o meu trabalho e o meu lazer. Até confunde um pouco.

Entre outras ambivalências existentes, ao mesmo tempo, que as novas relações estabelecidas com a natureza causam impactos na natureza, também podem despertar para uma sensibilização ambiental. As experiências na natureza podem contribuir para que reflitamos melhor sobre nossa relação com o meio ambiente e nosso papel junto a ele, despertando e

podendo conduzir a mudanças. No caso de Scala, a mudança foi decisiva em sua vida, alterando não só seus comportamentos, mas também sua visão de mundo e seus valores:

[...] eu mudei completamente de vida [...]. Tive um prejuízo muito grande na minha vida, financeiramente. Eu sai de uma vida economicamente estável para uma outra atividade que eu tive que começar do zero. Mas eu encarei isso com muita naturalidade porque eu me percebi parte dessa natureza e eu tinha que contribuir com isso, no sentido de minimizar o impacto das minhas ações e, também, de levar esse conhecimento para outras pessoas. Mais que isso, se todos nós dedicarmos uma pequena parcela do nosso dia-a-dia para esse cuidado, físico e afetivo, eu acredito que podemos viver num mundo melhor.

Duarte Jr. (2001) clama pela construção de uma outra razão, capaz de unir conceito e particularidade, abstração e concretude, espírito e corpo, pensamento e sentimento. Como exalta Maffesoli (1998, p.54), tal iniciativa exige um grande esforço, requerendo:

que se saiba superar as categorias de análise que foram elaboradas ao longo da modernidade. Não se deve negá-las, mas, em vez disso, conferir-lhes um campo de ação mais vasto, dar-lhes os meios de acesso a domínios que lhes eram até então vetados: por exemplo, os do não-racional ou do não-lógico. Assim fazendo, dá-se à progressão epistemológica aquela ‘iluminação’ que pode ser, que ainda é, apanágio do poeta, do romancista, do místico, do homem gênio, em suas ações e seus pensamentos específicos.

Somente assim, com o conceito de transdisciplinaridade começando nas atitudes humanas perante a vida, em que estejam presentes tanto a abstração generalizante quanto a percepção concreta de particularidades, haverá integração de uma dimensão sensível com o conhecimento, ou seja, a integração dos sentidos à teoria.

Por meio da recuperação de velhas técnicas populares, uma educação voltada para o sensível é capaz de contribuir para um melhor aproveitamento de nosso entorno, diminuindo, assim, o desperdício tão comum em nossa sociedade contemporânea. De acordo com Duarte Jr. (2001, p.31):

saber perceber o mundo ao redor, em termos dos materiais e substâncias que o compõem, coletando-as e as trabalhando artesanalmente consiste, com efeito, numa maneira de estabelecer vínculos mais sensíveis com a natureza. Assim, a ecologia, a sensibilidade e a educação revelam o quão interligadas podem estar se não forem tomadas como partes independentes de um conhecimento fragmentário e desvinculado da vida de cada um.

O autor procura mostrar que, efetivamente, precisamos recuperar uma certa forma de aproximação das coisas do mundo, uma certa atenção para com a dimensão sensível, embasamento de nossa relação primeira com os fatos da vida. A insensibilidade presente na contemporaneidade deve-se muito à mitificação da ciência moderna, cujas atitudes epistemológicas de distanciamento e neutralidade ditam as verdades disponíveis.

Sintetizando e colocando em prática esta discussão, Digão traz uma rica contribuição em sua fala:

cada viagem à natureza é diferente e me marca de uma forma também diferente. A natureza me mostrou que eu tinha um outro lado, mais humano, mais sensível que vivia escondido, e eu não sei porquê. Eu descobri que podia fazer trabalhos voluntários com crianças, com doentes, etc. e eu resolvi dar ouvidos a isso.

A re-descoberta da natureza (e a consciência de nossa profunda relação com ela), por mais urbana que seja, começa pelo aguçar dos sentidos, pelo desenvolvimento e pela apuração no cotidiano vivido, incluindo todo o meio ambiente urbano. De nada valem iniciativas, teorias e estudos sobre a preservação ambiental e sobre a interdependência dos seres vivos se não formos, de fato, tocados pela magnificente estimulação sensorial que vem da natureza (DUARTE JR., 2001, p.189).

O discurso de Digão é, novamente, ilustrativo:

[...] também no meio urbano a gente pode fazer coisas diferentes que nos marquem; acho que tudo depende do conceito de natureza que você tem, dos seus objetivos e o que você faz a partir disso.

Da mesma forma, Maffesoli (1998b), por meio da “razão sensível”, alerta para os efeitos prejudiciais do estreitamento sofrido pela razão ao longo da modernidade, que se viu reduzida ao seu modo científico ou instrumental de atuação, exigindo a sua expansão, possibilitando que a esfera de ação seja abrangida pelo saber sensível de que o nosso corpo dispõe.

Contudo, é preciso estar atento que não é suficiente uma estimulação desenfreada dos sentidos e sentimentos sem as devidas reflexões sobre eles. É preciso sentir, sendo estimulado nas várias formas sensoriais possíveis. Precisamos estar atentos ao que sentimos, refletindo sobre aquilo que os estímulos provocam em nós e no papel de tais

sentimentos, ao longo da vida em sociedade. Afinal, como enfatiza Duarte Jr. (2001, p.218): “a construção de nossa realidade sensível é também fruto de uma ação social e cultural”.

Esta construção da realidade sensível, portanto, requer as mesmas exigências que a realidade ambiental, ao clamar por novas formas de contrato que não se limitem aos sociais. E, desta forma, retornamos ao início deste estudo.

Toda a trajetória até aqui percorrida busca focalizar o surgimento do ambientalismo, não só como importante gerador das atuais concepções de natureza, mas, também, como portador de repercussões e influências vividas até hoje nas sociedades. De certa forma, fruto do movimento ambientalista, as atividades na natureza emergem, neste momento da história, incumbidas de quebrar paradigmas e ressignificar conceitos. Nelas, manifesta-se uma relação diferenciada, com o corpo e com a aventura, denotando diferentes significados e exigindo novas compreensões, impossíveis de serem efetivadas com base em padrões obsoletos e fechados.

As discussões exploradas, nesta pesquisa, tentaram contribuir com este grande e novo desafio que se apresenta, trazendo elementos presentes nas atividades de aventura na natureza, consideradas como aventura (ou não) pelos participantes. Analisando os discursos dos investigados pode-se, ainda, inferir a forte conexão existente entre a concepção de aventura vivida na natureza com a concepção vivida no ambiente urbano. Ou seja, os aventureiros se engajam em tais práticas com o objetivo de vivenciarem diferentes experimentações e emoções, as quais têm relações e ressonâncias significativas em todas as esferas da vida humana.

Ainda foi possível perceber, nos depoimentos apresentados, que a aventura engloba a busca do brincar com o risco, na maioria das vezes, com um fim em si mesmo, caracterizando o comportamento de pessoas com espírito aventureiro. Por seu forte componente lúdico, a aventura associada à natureza pode ser entendida, portanto, como uma metáfora de um novo estilo de vida: o estilo de vida aventureiro. Não se trata, evidentemente, de compreendê-lo em seu sentido estrito, mas de acordo com o contexto geral, no qual se exprime, ou seja, a vida social em um dado momento da história. Trata-se de um modo singular de produção de subjetividade e de construção do imaginário coletivo.

Esta interpretação, a partir da razão sensível, mostrou que o diferencial para a compreensão da aventura contemporânea se encontra justamente na incorporação da intuição ao olhar racional, agregando o lúdico, a imaginação e a subjetividade.

Portanto, a construção social da aventura apresenta elementos centrais de nossa sociedade contemporânea, de suas formas de produção, segregação, diversão, etc.

É despertada, nesta perspectiva, a possibilidade de melhor compreensão do outro, da natureza e, principalmente, de nós mesmos.

Nesta perspectiva, a partir das discussões empreendidas neste estudo, pretendi contribuir com as reflexões no âmbito do lazer, fortalecendo o repensar sobre a sociabilidade na vida contemporânea. Reitero, portanto, que o fenômeno das atividades de aventura na natureza não pode ser desvendado nos limites de tais discussões; porém, com elas e a partir dos exemplos trazidos, pretendi contemplar algumas de suas dimensões.

Como não poderia ser diferente da proposta inicialmente explicitada, novas portas são abertas, focando outras possibilidades de estudos e reflexões cabíveis neste segmento, que tanto seduz olhares e desperta saberes.

Referências

- ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e a suas regras*. 4ª.ed. São Paulo (SP): Edições Loyola, 2002.
- BARBOSA, Felipe S.; MARCELLINO, Nelson C. Esportes de aventura, na natureza, para a terceira idade: uma nova opção de lazer. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 16. *Anais...* Campo Grande (MS): UCDB, 2005, v.1, p.127-138.
- BARROS, Maria I. A. Outdoor education: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura. In: SERRANO, Célia M. T. (Org.). *A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo (SP): Chronos, 2000, p.85-110.
- BAUDRILLARD, Jean. *A transparência do mal*. 2ª.ed. Campinas (SP): Papyrus, 1992.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido - sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade - a busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. Vagabundo e turista: tipos pós-modernos. In: BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo (SP): Paulus, 1997, p.273-279.
- BECK, Ulrich. *Risk Society: Towards a New Modernity*. Cambridge: Polity Press, 1993.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 23ª.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2003.
- BETRÁN, Javier O. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza: análisis sociocultural. *Apunts: Educación Física y Deportes*. Barcelona, n.41, p.5-8, 1995.
- BOTTON, Alain. *A arte de viajar*. Rio de Janeiro (RJ): Rocco, 2004.
- BRANDÃO, Carlos R. *Pesquisa participante*. São Paulo (SP): Brasiliense, 1988.
- BRASIL. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 1º. Congresso Latino-Americano de Parques Nacionais e outras áreas protegidas. *Relatório Nacional do Brasil*. IBAMA, DIREC/DEUC, Brasília (DF), 1997.
- BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. *Diagnóstico da visitação em parques nacionais e estaduais*. Disponível em:

http://www.mma.gov.br/estruturas/sbs_dap/_arquivos/diagnostico_da_visitacao_em_parques.pdf. Acesso em: 26/1/2006.

BRUHNS, Heloisa T. No ritmo da aventura: explorando sensações e emoções. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.). *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo (SP): Manole, 2003, p.29-52.

CARVALHO, Artur. *Esportes na Natureza: Estratégias de Ensino do Canionismo para Pessoas com Deficiência Visual*. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Unicamp, Campinas (SP), 2005.

CERTEAU, Michel. *A Invenção do cotidiano*. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 4ª.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

DIAS, Viviane K.; SCHWARTZ, Gisele M. Inclusão de idosos em atividades de aventura. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer, 16. *Anais...* Salvador (BA), 2004 (s/n).

DONNELLY, Peter; WILLIAMS, Trevor. Subcultural production, reproduction and transformation in climbing. *International Review for the Sociology of Sport*. n.20, p.3-15, 1985.

DUARTE JR., João F. *O sentido dos sentidos*. Curitiba (PR): Criar Edições, 2001.

ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo (SP): Cia. das Letras, 1994.

ELIAS, Nobert; DUNNIG, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992.

EWERT, Alan. *Outdoor adventure pursuits: foundations, models, and theories*. Columbus, Ohio: Publishing Horizons, Inc., 1989.

EWERT, Alan; HOLLENHORST, S. Testing the adventure model: Empirical support for a model of risk recreation participation. *Journal of Leisure Research*. n.21, p.124-139, 1989.

FEATHERSTONE, Mike. *O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade*. São Paulo (SP): Studio Nobel: SESC, 1997.

FEIXA, Carlos. La aventura imaginaria. Una visión antropológica de las actividades físicas de aventura en la naturaleza. *Apunts: Educación Física y Deportes*. Barcelona, n.41, p.36-43, 1995.

FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. 13ª. impressão. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Lúcia C. Conflitos sociais contemporâneos: considerações sobre o ambientalismo brasileiro. *Revista Ambiente & Sociedade*. Campinas: FAPESP: NEPAM: UNICAMP. Ano II, n.5, 2º.sem., p.35-54, 1999.

GARDNER, John. *A arte da ficção: orientações para futuros escritores*. Tradução de Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro (RJ): Civilização Brasileira, 1997.

- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar, 2001.
- GIDDENS, Anthony. Risk society: The context of British politics. In: FRANKLIN, J. (Ed.). *The Politics of Risk Society*. Cambridge: Polity Press, 1998, p.23-34.
- GIMENO, José M. R.; FRA, Elena P.; MONTESINOS, José L. G.; MILLÁN, Ismael G. La prevención de drogodependencias mediante actividades cooperativas de riesgo y aventura. *Apunts: Educación Física y Deportes*. Barcelona, n.59, p.46-54, 2000.
- GRAZIANO, José S. et al. Turismo em áreas rurais: suas possibilidades e limitações no Brasil. In: ALMEIDA, Joaquim. A. et al. (Org.). *Turismo rural e desenvolvimento sustentável*. Santa Maria: Centro Gráfico, 1998.
- HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo (SP): Edições Loyola, 1992.
- INACIO, H. L. D.; SILVA, A. P. S.; PERETTI, E.; LIESENFELD, P. A. Travessuras e Artes na natureza: movimentos de uma sinfonia. In: SILVA, Ana M.; DAMIANI, Iara R. (Orgs.). *Práticas corporais: Trilhando e comparar(trilhando) as ações em Educação Física*. Florianópolis (SC): Nauemblu Ciência e Arte, 2005, v.2, p.81-105.
- KLINK, Amyr. *Mar sem fim: 360° ao redor da Antártica*. São Paulo (SP): Cia. das Letras, 2000.
- LE BRETON, David. Risco e lazer na natureza. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.). *Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza*. São Paulo (SP): Manole, 2006, p.94-117.
- LEIS, Héctor R. *A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*. Petrópolis (RJ): Vozes; Santa Catarina (SC): UFSC, 1999.
- LEIS, Héctor R. *O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e Globalização*. São Paulo (SP), Blumenau (SC): Gaia/FURB, 1996.
- LEWIS, Neil. The climbing body, nature and the experience of modernity. *Body and Society*. London: Sage Publications, v.6, n.3-4, p.58-80, 2000.
- LUCHIARI, Maria T.D.P. Turismo e meio ambiente na mitificação dos lugares. *Turismo em Análise - Revista do Dep. de Relações Públicas, Propaganda e Turismo (ECA/Escola de Comunicações e Artes da USP)*, v.11, n.1, maio, 2000.
- MAFFESOLI, Michel. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre (RS): Sulina, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. *A parte do diabo: resumo da subversão pós-moderna: Tradução de Clóvis Marques*. Rio de Janeiro (RJ): Record, 2004a.
- MAFFESOLI, Michel. *Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro (RJ): Atlântica, 2004b.

- MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro (RJ): Record, 2001.
- MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Tradução de Albert C. M. Stuckenbruck. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998a.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro (RJ): Forense Universitária, 2ª.ed., 1998b.
- MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.
- MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre (RS): Artes e Ofícios, 1995.
- MAGNANI, José G. C. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In: MOREIRA, Alberto S. (Org.). *Sociedade Global: Cultura e Religião*. 2ª.ed., Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.
- MARINHO, Alcyane; SILVA, Dâmaris B. Outdoor education e administração: refletindo sobre competências. In: I Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura. *Anais...* Camboriú (SC), 2006, p.41.
- MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. Body relationships in an urban adventure setting. *Journal of Leisure Studies*. Forest Row, England, v.24, n. 3, jul, p.223-238, 2005.
- MARINHO, Alcyane. Atividades de aventura em ambientes artificiais. In: UVINHA, Ricardo R. (Org.). *Turismo de aventura no Brasil*. São Paulo (SP): Aleph, 2005, p.247-268.
- MARINHO, Alcyane. Da aceleração ao pânico de não fazer nada: corpos aventureiros como possibilidades de resistência. In: MARINHO, Alcyane; BRUHNS, Heloisa T. (Orgs.). *Turismo, Lazer e Natureza*. São Paulo (SP): Manole, 2003, p.1-28.
- MARINHO, Alcyane. *Da busca pela natureza aos ambientes artificiais: reflexões sobre a escalada esportiva*. 2001. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, UNICAMP - Campinas (SP), 2001a.
- MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Campinas (SP): Autores Associados. v.22, n.2, jan, p.143-153, 2001b.
- MEIRELES, Cecília. *Antologia de Antologias*. São Paulo (SP): Musa Editora, 1995.
- MELO, Thiago. *Silêncio e Palavra*. Rio de Janeiro (RJ): Edições Hipocampo, 1951.
- MINAYO, Maria C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1993.

- MORAES, Vinícius. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro (RJ): A Noite, 1954.
- MOREIRA, Celso R. Corrida de aventura também é coisa de criança. In: Congresso Paulista de Educação Física, 9. *Anais...* Jundiaí (SP): Fontoura, 2005.
- MUNSTER, Mey A. Corpo e natureza: trilhando sensações, percepções e movimentos. In: VERARDI, Paulo H.; PEDRINELLI, Verena J. (Orgs). *Desafiando as diferenças*. 2ª.ed. São Paulo (SP): SESC, 2004.
- ORTIZ, Renato. *Um outro território: ensaios sobre a mundialização*. São Paulo (SP): Olho d'água, 2000.
- PESSOA, Fernando. *Poemas de Alberto Caeiro*. Nota Explicativa de João Gaspar Simões e Luís de Montalvor. Lisboa: Ática, 1946.
- PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática. 1944.
- POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza - as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise B. (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo (SP): Estação Liberdade, 1995, p.115-120.
- RYBCZYNSKI, Witold. *Esperando o fim de semana*. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro (RJ): Record, 2000.
- RYLANDS, Anthony B.; PINTO, Luiz P. S. Conservação da Biodiversidade na Amazônia Brasileira: uma Análise do Sistema de Unidades de Conservação. *Cadernos Fundação Brasileira para o Desenvolvimento Sustentável-FBDS*, n.1, Rio de Janeiro (RJ), 1998.
- SANT'ANNA, Denise B. *Corpos de passagem - ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo (SP): Estação Liberdade, 2001.
- SANT'ANNA, Denise B. Corpo e história. *Cadernos de subjetividade*. São Paulo (SP). v.1, n.1, p.243-266, 1993.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 6ª.ed., Rio de Janeiro (RJ); São Paulo (SP): Record, 2001.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço - técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SCHELLE, Karl G. *A arte de passear*. Tradução de Irene A. Paternot. São Paulo (SP): Martins Fontes, 2001.
- SCHWARTZ, Gisele M. Emoção, aventura e risco - a dinâmica metafórica dos novos estilos. In: BURGOS, Miria S.; PINTO, Leila M. S. M. *Lazer e estilo de vida*. Santa Cruz do Sul (RS): EDUNISC, 2002, p.139-168.
- SCHWARTZ, Gisele M. O corpo sensível como espaço ecológico. *Motus Corporis*. Rio de Janeiro (RJ), v.8, n.2, p.49-54, 2001.

SCHWARTZ, Gisele M. Homo Expressivus: as dimensões estética e lúdica e as interfaces do lazer. In: BRUHNS, Heloisa T. (Org.). *Temas sobre o lazer*. Campinas (SP): Autores Associados, 2000, p.86-99.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 4ª.ed. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo (SP); Rio de Janeiro (RJ): Record, 2000.

SERRES, Michel. *O contrato natural*. Rio de Janeiro (RJ): Nova Fronteira, 1991.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo (SP): Cia. das Letras, 2001.

SEVERINO, Antonio J. M. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo (SP): Autores Associados: Cortez, 1992.

SIMMEL, Georg. The Alpine Journey. In: FRISBY, David; FEATHERSTONE, Mike (Eds.). *Simmel on Culture*. London: Sage Publications, 2000a, p.219-221.

SIMMEL, Georg. The adventure. In: FRISBY, David; FEATHERSTONE, Mike (Eds.). *Simmel on Culture*. London: Sage Publications, 2000b, p.221-232.

SIMMEL, Georg. The metropolis and mental life. In: FRISBY, David; FEATHERSTONE, Mike (Eds.). *Simmel on Culture*. London: Sage Publications, 2000c, p.174-185.

SIMMEL, Georg. *Sobre la aventura - ensayos filosóficos*. Tradução de Gustau Muñoz e Salvador Mas. Barcelona: Ediciones Península, 1988.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo (Org.). *Georg Simmel*. Tradução de Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo (SP): Ática, 1983.

SPINK, M. J. P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro (RJ), v.17, n.6, nov/dez, p.1277-1311, 2001.

SWARBROOKE, John et al. *Turismo de aventura: conceitos e estudos de casos*. Tradução de Marise Philbois Toledo. Rio de Janeiro (RJ): Elsevier, 2003.

TAHARA, Alexander K. *Aderência às atividades físicas de aventura na natureza, no âmbito do lazer*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Dep. Educação Física, UNESP de Rio Claro, 2004.

TAHARA, Alexander K.; SCHWARTZ, Gisele M. Atividades de aventura na natureza: investindo na qualidade de vida. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Buenos Aires, ano 8, n.58, 2003.

URRY, John. *O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. Tradução: Carlos Eugênio M. de Moura. 3ª.ed. São Paulo (SP): Studio Nobel, SESC, 2001.

VANREUSEL, Bart. From Bambi to Rambo: Towards a socio-ecological approach to the pursuit of outdoor sports. In: WEISS, O.; SCHULZ, W. (Eds.). *Sport in Space and Time*. Vienna: Vienna University Press, 1995.

VIOLA, Eduardo; LEIS, Héctor R. O ambientalismo multissetorial no Brasil para além da Rio-92: o desafio de uma estratégia globalista viável. In: VIOLA, Eduardo; SCHERER-WARREN, Ilse (Orgs.). *Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 1995, p.134-160.

VIRILIO, Paul. Os motores da história. In: ARAÚJO, Hermetes Reis (Org.). *Tecnociência e cultura - ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo (SP): Estação Liberdade, 1998, p.127-146.

WALLE, Alf H. Pursuing risk or insight - marketing adventures. *Annals of Tourism Research*. v.24, n.2, p.265-282, 1997.

WALTY, Ivete L. C. *O que é ficção*. São Paulo (SP): Brasiliense, 1999.

WEBER, Karen. Outdoor adventure tourism - a review of research approaches. *Annals of Tourism Research*. v.28, n.2, p.360-377, 2001.